

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH
MESTRADO PROFISSIONAL EM
HISTÓRIA, PESQUISA E VIVÊNCIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

PPGH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
HISTÓRIA

IRYNA CORRÊA

**A ESCOLA É O NOSSO PATRIMÔNIO!
A EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS DA E.M.E.F. ÁLVARO DE CARVALHO COMO
POSSIBILIDADE DE DIÁLOGO ENTRE O PATRIMÔNIO ESCOLAR E O ENSINO
DE HISTÓRIA**

RIO GRANDE – RS

2021

Iryna Corrêa

A escola é o nosso patrimônio!

A exposição de fotografias da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho como possibilidade de diálogo
entre o patrimônio escolar e o ensino de História

Relatório técnico apresentado como requisito
para aprovação na prova de Defesa do
Programa de Pós-Graduação em História,
Mestrado Profissional em História, pesquisa e
vivências de ensino-aprendizagem, da
Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carmem Schiavon

Rio Grande – RS

2021

Ficha Catalográfica

C824e Corrêa, Iryna da Silva.

A escola é o nosso patrimônio: a exposição de fotografias da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho como possibilidade de diálogo entre o patrimônio escolar e o ensino de história / Iryna da Silva Corrêa. – 2021.

116 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em História, Rio Grande/RS, 2021.

Orientador: Dra. Carmem Schiavon.

1. Patrimônio escolar 2. Ensino de história 3. Exposição de fotografias 4. Educação patrimonial 5. E.M.E.F. Álvaro de Carvalho
I. Schiavon, Carmem II. Título.

CDU 37:94(816.5)

Iryna Corrêa

A escola é o nosso patrimônio!

A exposição de fotografias da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho como possibilidade de diálogo
entre o patrimônio escolar e o ensino de História

Carmem G. Burgert Schiavon (FURG)

Orientadora

Vivian da Silva Paulitisch (FURG)

Olivia Silva Nery (UNESPAR)

Daniel Porciúncula Prado (FURG)

Suplente

Rio Grande, ____ de _____ de 20__ .

AGRADECIMENTOS

Sou grata a todos e todas que, de forma direta ou indireta, me deram suporte ao longo desta etapa da minha formação acadêmica que, mesmo em momentos não tão fáceis, estiveram ao meu lado me incentivando e orientando para que este trabalho fosse concluído. Dessa forma, agradeço aos meus familiares, amigos e colegas, que sempre se fizeram presentes nessa trajetória. Em especial, sou grata ao meu companheiro Caio Barcellos Armando, que compartilha comigo todos os momentos e, no desenvolvimento do mestrado foi essencial. Obrigada por ser meu parceiro de vida, meu conselheiro, e, principalmente, meu maior apoiador em todos os meus planos que, de certa forma, acabam sendo nossos. Agradeço também, aos meus amigos Leonardo Belem e Matheus Balbueno, que compartilham essa caminhada acadêmica comigo desde a graduação e, que desde esse início nos constituímos como colegas de profissão e também como amigos, nos fazendo presentes na vida de cada um, compartilhando anseios, dúvidas, momentos de boas risadas e de jogos, sobretudo, o “carteado” e também as conquistas profissionais e pessoais de cada um, a vocês, meu muito obrigado.

Também gostaria de agradecer aos sujeitos envolvidos nas contribuições para o desenvolvimento dessa pesquisa. Neste sentido, agradeço à banca avaliadora pelos apontamentos, observações e sugestões que, a partir do processo de qualificação, vieram a enriquecer esta pesquisa. Agradeço ao suporte técnico da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande, por meio da Diretoria de Arte e Cultura, na figura da acadêmica Maria Rita Martins, ao desenvolvimento do *website* que deu corpo à exposição de fotografias da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho. Por fim, agradeço à professora Carmem Schiavon, pelo trabalho de orientação, por encarar o desafio de auxiliar na elaboração de um modelo de produto o qual ainda não havia tido contato em seus trabalhos de orientação; muito obrigada por estares presente em diversos projetos da minha jornada acadêmica.

Assim sendo, reforço o princípio que aponte ao longo do desenvolvimento deste trabalho, que este, é o resultado coletivo de uma rede de relação que compreende o universo acadêmico, mas também, as relações afetivas, as quais, nos tempos em que vivemos, mostram-se tão necessárias para nos mantermos firmes e que possamos atingir nossos objetivos!

RESUMO

Este relatório apresenta o desenvolvimento da exposição digital de fotografias da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, através das incursões ao seu acervo fotográfico e as contribuições do acervo de mesma natureza do Professor Homero Rodrigues, com o objetivo de apresentar possibilidades de diálogo entre ensino de História e o conceito de patrimônio escolar. Buscando, como canal para esse diálogo, sugestões de práticas pedagógicas a partir do uso dos materiais dispostos na exposição, sob a óptica da Educação Patrimonial. Os fundamentos teóricos que norteiam o desenvolvimento da exposição tangem considerações relacionadas à Educação Patrimonial, o Patrimônio Escolar e o Ensino de História, atrelando a estes conceitos pressupostos acerca da relação entre memória, fotografia e campo histórico. Como aporte metodológico para o desenvolvimento do produto são utilizadas publicações acerca das definições de elaboração de exposições, destacando textos do Instituto Brasileiro de Museus, entre outros autores que apresentam produções sobre projetos expográficos. A partir da elaboração da exposição e da análise da receptividade dos usuários, percebe-se o seu potencial quanto à sua inserção em práticas de ensino e aprendizagem, e a possibilidade de atingir perspectivas de atividades no contexto do ensino de História com base no patrimônio escolar.

Palavras-chave: Patrimônio Escolar. Ensino de História. Exposição de Fotografias. Educação Patrimonial.

ABSTRACT

This report presents the development of the E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, through the incursions into his photographic collection and the contributions of Professor Homero Rodrigues' collection of the same nature, with the aim of presenting possibilities for dialogue between the teaching of History and the concept of school heritage. Seeking, as a channel for this dialogue, suggestions for pedagogical practices based on the use of materials available in the exhibition, from the perspective of Heritage Education. The theoretical foundations that guide the development of the exhibition touch on considerations related to Heritage Education, School Heritage and the Teaching of History, linking to these presupposed concepts about the relationship between memory, photography and the historical field. As a methodological contribution to the development of the product, publications on the definitions of the elaboration of exhibitions are used, highlighting texts from the Brazilian Institute of Museums, among other authors who present productions on exhibition projects. From the elaboration of the exhibition and the analysis of the users' receptivity, its potential regarding its insertion in teaching and learning practices can be seen, and the possibility of reaching perspectives of activities in the context of History teaching based on school heritage .

Keywords: School Patrimony. History Teaching. Photo Exhibition. Heritage Education

LITA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01 - Inauguração do Cine Theatro Independência.....	13
Fotografia 02 - Fachada do Cine Theatro Independência.....	13
Fotografia 03 - Vista da Primeira Capela Nossa Senhora dos Navegantes.....	43
Fotografia 04 - Clube Recreio dos Veranistas.....	43
Fotografia 05 - Alunos em festa cívica em frente ao Clube Recreio dos Veranistas (Escola 34).....	44
Fotografia 06 - E.M.E.F. Álvaro de Carvalho.....	45

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Exemplo de contraste harmônico entre cores e textos.....	62
Figura 2 - Exemplo de contraste desarmônico entre cores e textos.....	62
Figura 3 - Exemplo de comparação para o tratamento das fotografias aplicadas na exposição.....	66
Figura 4 - Página Inicial da exposição.....	70
Figura 5 - Página sobre o Projeto.....	51
Figura 6 - Apresentação do Primeiro Eixo Temático da Exposição.....	72
Figura 7 - Apresentação da Fotografia da Capela Nossa Senhora dos Navegantes no ambiente da Exposição.....	73
Figura 8 - Apresentação da fotografia do Clube dos Veranistas no ambiente da Exposição....	74
Figura 9 - Apresentação da fotografia da turma de 1954 no ambiente da Exposição.....	74
Figura 10 - Apresentação da fotografia da escola no ambiente da Exposição.....	75
Figura 11 - Apresentação da Segunda Seção da Exposição.....	76
Figura 12 - Visão Geral da Apresentação das fotografias da Seção Dois.....	76
Figura 13 - Localização da Seção sobre informações acadêmicas.....	79
Figura 14 - Formulário de Retorno de visitação à Exposição.....	80
Figura 15 - Recurso de Localização da escola disponível na exposição.....	81
Figura 16 - Localização atual dos Endereços da Escola.....	91
Figura 17 - Localização Clube dos Veranistas e Primeira Capela Nossa Senhora dos Navegantes.....	91
Figura 18 - Localização da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho.....	92
Figura 19 - Percurso de campo.....	93

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Organização das fotografias do acervo físico da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho.....	58
Tabela 2 - Organização das fotografias do acervo digital da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho....	59
Tabela 3 - Cronograma de atividades para a elaboração da exposição.....	64
Tabela 4 - Organização da Estrutura de apresentação da exposição.....	69
Tabela 5 - Apresentação dos títulos e descrições das fotografias da segunda seção da exposição fotográfica.....	77
Tabela 6 - Modelo de Planejamento Docente para a atividade.....	95

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	ENSINO DE HISTÓRIA E PATRIMÔNIO ESCOLAR: CONCEITOS E CONEXÕES.....	19
2.1	Educação Patrimonial: breve histórico.....	20
2.2	A relevância do Patrimônio Escolar e o ensino de História.....	27
2.3	Considerações sobre memória, fotografia e ensino de História.....	32
3	A ESCOLA É O NOSSO PATRIMÔNIO: REFLEXÕES SOBRE AS POTENCIALIDADES DA EXPOSIÇÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA.....	40
3.1	A Escola e seus agentes.....	41
3.2	O produto e suas potencialidades.....	47
4	O PRODUTO: A EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS DA E.M.E.F. ÁLVARO DE CARVALHO.....	51
4.1	Trajetórias de Pesquisa e seleção das fotografias para a exposição.....	53
4.2	A estrutura e a montagem da exposição.....	65
4.3	Retornos sobre a Exposição.....	81
5	POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA COM O MATERIAL DA EXPOSIÇÃO: PROPOSTA DE ATIVIDADES.....	88
5.1	Atividade I: Trilha “histórica” da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho.....	89
5.2	Atividade 2: “Revisitando o passado”.....	94
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
	REFERÊNCIAS.....	101
	APÊNDICE 01 PRODUTO.....	106
	APÊNDICE 02 ENTREVISTA COM PROFESSOR HOMERO RODRIGUES.....	112

1 INTRODUÇÃO

A escola é o ambiente que proporciona uma formação acadêmica e humana, é nela que se estabelece o contato com as mais diversificadas áreas do saber, e dentre elas, a História. Esse contato com a História, como um campo do saber e de construto dos conhecimentos escolares, se constituiu já nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com o enfoque na história local, momento em que os alunos reconhecem o seu bairro, sua rua e a sua cidade como elementos históricos, o que perdura ao longo da formação, ao entenderem que esse “microcosmo” constitui algo mais amplo – a História do Estado, de sua nação, e as conexões com a História Mundial, percebendo suas estruturações e transformações ao longo do tempo e em diversos espaços. Mesmo com esse currículo voltado para uma história local, verifica-se que quando esses alunos atingem os anos finais (6º ao 9º ano) e indaga-se o que é História, ainda prevalece:

[...] uma visão da História reduzida a lugares privilegiados e históricos por excelência. O resultado disso, entre outras coisas, é que o aluno não concebe que a escola também faz parte do patrimônio da sociedade, que participa de sua constituição identitária, sendo um lugar de construção de memórias, por esse motivo merece o mesmo cuidado que os demais patrimônios histórico-culturais. (AQUINO, 2014, p. 25).

Nessa perspectiva, a utilização de patrimônios históricos para a interlocução com o passado, muitas vezes corrobora para transmissão de uma História tradicional, exemplificada através dos bens sacralizados e edificados – prefeitura, teatro, praças, etc. Assim, se a escola não tem um “valor histórico e arquitetônico” acaba por não participar deste círculo de reconhecimento patrimonial, sendo afastada da possibilidade de inserção nas dinâmicas do ensino de História. Com isso, apresenta-se a necessidade de se pensar e constituir a escola como patrimônio, que tem historicidade, e que também faz parte da história do seu município e da sociedade onde está inserida.

Isto posto, o presente trabalho visa constituir um diálogo entre o Patrimônio Escolar e o ensino de História. Esse diálogo se torna possível através da elaboração de uma exposição digital, elaborada com base em fotografias relacionadas à E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, que retratam a história e a trajetória dessa escola, na comunidade em que está inserida. Esse processo tem por objetivo principal oferecer um material de fácil acesso para servir de suporte aos professores de História, no trabalho com ênfase na Educação Patrimonial, a partir de dinâmicas que associem o patrimônio escolar no ensino de História. Além disso, também visa possibilitar um espaço de visita para a comunidade em geral que tenham interesse em

conhecer e ter contato com o material do acervo exposto. Ademais, com a análise do padrão dos registros fotográficos que fazem parte do acervo da instituição, busca-se compreender como a escola pode constituir uma referência cultural na/para sua localidade e ser fonte para o ensino de História.¹ Nessa esteira, a constituição dessa exposição encontra-se fixada a partir do processo investigativo sobre a escola e sua importância para localidade, buscando entendê-la como patrimônio, que construiu e constrói parte da história da sua comunidade e do município.

É importante destacar que no projeto inicial estabelecido para esta pesquisa, o processo investigativo, bem como o produto resultante se davam de maneira distinta ao que é posto. O seu desenvolvimento se constituía por uma averiguação mais ampla de materiais, como os arquivos da instituição e outros acervos, de realização de entrevistas e a montagem de uma exposição no ambiente físico da instituição e esses percursos seriam desempenhados dentro de um projeto de inserção no contexto escolar junto às turmas dos anos finais da escola, com o apoio da equipe diretiva e da professora de História. Nesse contexto, durante essa etapa da pesquisa já se previa o trabalho com a Educação Patrimonial, e com base nessa experiência se daria a composição do relato final para este trabalho. Contudo, em detrimento das medidas de prevenção e cuidados devido a evolução da pandemia da Covid-19 no país – que ocasionou o fechamento das escolas e suspensão de suas atividades presenciais para a segurança de todos –, além de ser uma questão de segurança e por falta de tempo hábil, pois ainda se está caminhando na retomada das atividades presenciais, principalmente em instituições públicas de ensino. Optou-se, então, pela proposta apresentada anteriormente para configurar as atividades e resultados esboçados nesse estudo. Sendo assim, após a finalização de todas as etapas de resgate e de registro dos materiais alcançados, a exposição será apresentada e viabilizada como um recurso para o ensino de História, auxiliando na integração da escola com os conteúdos trabalhados em sala de aula.

A necessidade de se trabalhar com o Patrimônio Escolar vem sendo evidenciada em diversos estudos no âmbito da Educação Patrimonial e do Patrimônio Cultural. Agregado a esse fator, nas últimas décadas, verifica-se o debate sobre a ampliação do conceito de patrimônio, para além das edificações históricas, que por via de regra, são centralizadoras e

¹ Além de se constituir como um produto voltado para o diálogo entre a Educação Patrimonial e o ensino de História, este material também poderá ser utilizado em outras disciplinas como Educação Artística e Língua Portuguesa, por exemplo. Tendo em vista que os materiais que irão compor a exposição não se limitam ao uso como fontes históricas apenas, e sim, podem ser usados no desenvolvimento de atividades, em outras áreas, com enfoque na trajetória da escola. Entretanto, ao longo deste relatório as reflexões expostas se evidenciam no campo do ensino de História, haja vista que este faz parte do escopo teórico-reflexivo deste trabalho.

excludentes. Com o Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, passam a ser patrimônios do Brasil também os bens culturais de natureza imaterial. Essa medida possibilitou uma ampliação da concepção do que configuram os patrimônios culturais brasileiros; tendo em vista a importância deste decreto para o campo da História e do Patrimônio, Abreu e Chagas (2009, p.13) apontam que,

[...] descortinou-se um panorama que alterou radicalmente a correlação de forças até então vigentes. Se durante décadas predominou um tipo de atuação preservacionista, voltada prioritariamente para o tombamento dos chamados bens de pedra e cal [...], o referido decreto pôs em cena uma antiga preocupação de alguns intelectuais brasileiros [...], de valorizar o tema do intangível, contribuindo social e politicamente para a construção de um acervo amplo e diversificado de expressões culturais.

No contexto do município de Santa Vitória do Palmar, esse movimento com discussões patrimoniais por parte de pesquisas educativas e acadêmicas se torna cada vez mais necessário, tendo em vista que, segundo representantes² da Secretária de Esporte, Cultura e Turismo do município (SecTur), este não conta com um órgão que represente as demandas patrimoniais da cidade; reflexo disto é que o município não contém nenhum bem patrimonial tombado ou reconhecido em legislação municipal. Apenas dois bens culturais são registrados como patrimônios culturais de Santa Vitória do Palmar: o Cine Theatro Independência, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul (IPHAE), no ano de 2010³; e os currais de Palmeiras de Butiá Capitata, que foram registrados no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio cultural do município. Este inexpressível número de bens reconhecidos evidencia o lugar que os bens patrimoniais ocupam dentro dos debates sócio-políticos historicamente constituídos na região.

² Para a obtenção destas informações foi realizado o contato, em um primeiro momento por telefone, com a Secretaria de Esporte, Cultura e Turismo de Santa Vitória do Palmar, e foi repassado o endereço de e-mail para encaminhar as dúvidas acerca dos bens culturais da cidade à equipe do Departamento de Cultura da secretaria. As informações quanto a inexistência de um Conselho Municipal sobre patrimônio, bem como nenhum registro de tombamento de bens culturais pelo município foram concedidas por Raphael Cabreira da Silva, que desempenha o cargo de assistente de eventos culturais em Santa Vitória do Palmar/RS.

³ O Cine Theatro Independência foi fundado em agosto de 1930, seu projeto teve início 5 anos antes e a partir da sua inauguração, até meados da década de 1990, manteve intensa atividade com apresentações de peças de teatro e exibições cinematográficas (matinês), além de eventos públicos e privados. Em 2010, foi publicado no Diário Oficial, seu tombamento e reconhecimento como patrimônio cultural do estado do Rio Grande do Sul constituindo “um grupo de construções com plantas semelhantes, formado pelos teatros Sete de Abril, de Pelotas, Capitólio, de Bagé, e Theatro São Pedro, de Porto Alegre” (GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 2010). O registro no Livro Tombo (número de inscrição 102) ocorreu em 31 de agosto de 2011 (IPHAE).

Fotografia 1: Inauguração do Cine Teatro Independência



Fonte: Extremo Sul Photos, autor desconhecido, 1930.

Fotografia 2: Fachada do Cine Teatro Independência



Fonte: IPHAE, 2010.

Dessa forma, a pesquisa desenvolvida se propõe a contribuir com o debate resultados nesse campo, entendendo-se que os desafios do reconhecimento de bens culturais como patrimônio não dependem apenas do conhecimento da sua relevância histórica e cultural por parte da comunidade a qual pertencem, para que estes sejam preservados e, sim, também de disputas político-ideológicas, que encabeçam as políticas públicas para o patrimônio. Assim, corrobora-se com o pensamento de que:

Para uma educação patrimonial que se pretenda problematizadora, cabe negar a leitura ingênua do patrimônio, que vem neutralizando o debate nesse

campo ao transformar a complexidade dos problemas em uma única explicação generalista: a de que a população desconhece seu patrimônio. Uma educação patrimonial com orientação crítica significa compreender o universo conflituoso no qual o patrimônio se vê emerso, explicitando os interesses e tensões que estão no coração das políticas de preservação. (SCIFONI, 2019, p. 26)

Isto é, ao constituir a exposição digital com o objetivo de gerar possibilidades de inserção do patrimônio escolar nas atividades de ensino de História, por meio da Educação Patrimonial, busca-se além do reconhecimento desta instituição como patrimônio pela comunidade escolar, que as práticas docentes possam introduzir debates sobre os conteúdos de História e dos conceitos relativos ao Patrimônio Cultural, constituindo uma análise crítica do que o poder público (em todas as esferas) considera como tal e como os projetos políticos vigentes refletem nessas práticas. Pretende-se, através do produto desta pesquisa, a utilização do patrimônio escolar como uma contribuição ao ensino-aprendizagem em História, por meio de uma análise crítica, além de se evidenciar e reconhecer o ambiente escolar como patrimônio e objeto de pesquisa.

Outros aspectos que evidenciam as contribuições desse trabalho para a área da pesquisa no ensino de História, vinculado à constituição de uma exposição digital, estão ligados à finalidade de promover novos resultados, com enfoque em uma região pouco estudada, em termos de trabalhos acadêmicos, voltadas para a análise do ensino de História, que é o município de Santa Vitória do Palmar, principalmente, no que diz respeito à escola em questão. Esse enfoque regional oportuniza a verificação de traços singulares formativos dos processos de ensino de História. Além disso, como já afirmado, prevê uma transposição do olhar que se tem de escola – como apenas um lugar em que se apreendem determinadas disciplinas – e sim, como um espaço que promove interações de afeto e de aprendizagens, que marcam a trajetória dos indivíduos que compõem a historicidade dessa escola. Igualmente, a partir dos resultados obtidos com esse trabalho defende-se que a partir da experiência da exposição digital do acervo fotográfico da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, atividades alternativas e que se constituam a partir dos contextos do ensino de História nessa instituição se tornem cada vez mais recorrentes e que proporcionem debates de modo a corroborarem para o campo dos estudos da Educação Patrimonial e do ensino de História.

Com base nestas considerações, o presente trabalho tem por objetivo central e norteador, constituir uma exposição digital da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, do Município de

Santa Vitória do Palmar/RS e, também, desta possibilitar um recurso de trabalho aos docentes que almejam aproximar o patrimônio escolar, das ações de ensino-aprendizagem propostas no contexto dessa escola. Paralelo a isso, surgem outros elementos que se somam às finalidades do percurso dessa pesquisa: buscar, através da Educação Patrimonial e do patrimônio escolar, a criação de recursos para o ensino de História, que partam da patrimonialização do bem escolar; constituir um diálogo entre o Patrimônio Escolar e o ensino de História, evidenciando as possibilidades de recursos didáticos pedagógicos, que podem surgir, a partir do acervo da Escola; compreender a Escola como forma de instrumento do processo de ensino-aprendizagem dos alunos que estão inseridos nesse contexto; corroborar para com as investigações e inserções da Educação Patrimonial no contexto da sala de aula e no ensino de História; evidenciar as relações entre memórias e fotografias e como isso pode ser explorado no ambiente escolar a partir da exposição digital; disponibilizar sugestões de atividades que tenham como base as propostas deste trabalho e o material que compõe a exposição digital.

O ensino de História, em muitos casos, seguindo uma lógica tradicional tanto da ciência histórica, quanto das práticas de ensino, estabelece uma conexão ínfima entre o discente e os conteúdos estudados, de forma obsoleta se tem a concepção do que se é aprendido nessa disciplina, é através da transmissão e do acúmulo de informações. Entretanto, a História tem (como disciplina curricular), de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 60), “como pressuposto, que o aluno pode aprender a realidade e nas múltiplas dimensões temporais”. Soma-se a esta premissa, as orientações vigentes na Base Nacional Comum Curricular as questões que circundam a disciplina de História na educação básica que definem:

As questões que nos levam a pensar a História como um saber necessário para a formação das crianças e jovens na escola são as originárias do tempo presente. O passado que deve impulsionar a dinâmica do ensino-aprendizagem no Ensino Fundamental é aquele que dialoga com o tempo atual. A relação passado/presente não se processa de forma automática, pois exige o conhecimento de referências teóricas capazes de trazer inteligibilidade aos objetos históricos selecionados. (BRASIL, 2018, p. 397).

A História e suas práticas de ensino devem ser compreendidas de forma dinâmica, como algo que possibilita diálogos entre as temporalidades e realidades sócio-históricas presentes nas sociedades humanas. Além disso, por mais que a História (principalmente no contexto do ensino escolar) seja compreendida como uma categoria um pouco distante da realidade dos discentes, ela se estabelece a partir das ações em contextos macro-sociais e micro-sociais ao longo do tempo, e com isso, é necessário que se busquem elementos para

aproximar o aluno das realidades históricas, tendo em vista que:

Quanto mais o aluno sentir a História como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer. O verdadeiro potencial transformador da História é a oportunidade que ela oferece de praticar a “inclusão histórica”. (PINSKY, 2015, p. 28).

A partir disso, percebe-se que as metodologias e recursos optados pelo professor podem definir os rumos que as práticas de ensino-aprendizagem terão no decorrer das aulas, em consonância com os seguintes pressupostos:

Para se pensar o ensino de História, é fundamental considerar a utilização de diferentes fontes e tipos de documento (escritos, iconográficos, materiais, imateriais) capazes de facilitar a compreensão da relação tempo e espaço e das relações sociais que os geraram. Os registros e vestígios das mais diversas naturezas (mobiliário, instrumentos de trabalho, música etc.) deixados pelos indivíduos carregam em si mesmos a experiência humana, as formas específicas de produção, consumo e circulação, tanto de objetos quanto de saberes. (BRASIL, 2018, p. 398).

Sendo assim, o ensino de História não se reduz apenas à transmissão e narrativa de saberes acadêmicos, mas está relacionado a recursos teóricos metodológicos dispostos pelos docentes de modo a constituir a associação entre os conteúdos históricos (por meio de metodologias e uso de fontes) e a participação dos discentes no processo de ensino e aprendizagem. Dessa forma, entende-se a escola também como uma fonte para, tendo em vista a utilização de um acervo que se dispõe a integrar práticas de ensino e aprendizagem em História; este princípio de “inclusão histórica” se torna mais próximo da realidade das práticas docentes e da percepção dos alunos, à medida que se rebate a percepção generalizante que os conteúdos estudados, de modo geral, são distantes da realidade e das vivências reconhecidas pelos educandos.

Para, além disso, o presente relatório se dispõe a evidenciar a interlocução entre memória e História (representação do vivido e/ou campo científico de ensino e pesquisa), que por muitos ainda é algo entendido como conceitos que não constituem um diálogo científico dentro das construções do campo da História. Mesmo entendendo que “Memória e história: longe de serem sinônimos, tomam consciência que tudo opõe uma à outra” (NORA, 1993, p. 09), pois a memória está relacionada à singularidade dos indivíduos e a História é encarada pela retomada do passado com base em métodos restritos ao campo, esses dois conceitos/duas formas de ligação entre o presente e o passado, superam essas dicotomias na constituição de um processo e de um conjunto metodológico que não relega o rigor científico do ensinar e do

pesquisar, tão pouco suprime a importância da valorização dos aspectos humanos e afetivos que compõem a história de determinada localidade.

As bases das atividades que constituem a trajetória deste trabalho se estabelecem em detrimento de três elementos teórico-metodológicos: o patrimônio escolar, o ensino de História e a Educação Patrimonial e, correlacionados a estes pressupostos e em detrimento dos elementos que compõe este trabalho, a ligação com discussões sobre o vínculo entre memória e campo histórico e memória e fotografia também permeiam as reflexões aqui presentes. Compreendendo o espaço ocupado por esses conceitos no desenvolvimento da pesquisa, o primeiro capítulo busca evidenciar o caminho e as diretrizes de cada um desses pressupostos em seu campo, juntamente com suas contribuições para as pesquisas e práticas do ensino de História. No segundo capítulo, o enfoque está direcionado para as relações estabelecidas com a escola, sua trajetória e contexto da localidade onde a mesma está inserida, o público pertencente a esta instituição, tendo em vista que estes comportam também o público alvo desta pesquisa e para o qual se remete a funcionalidade da exposição digital; assim como a análise sobre a maneira pela qual se constituiu a escolha do formato do produto proposto, as potencialidades e expectativas quanto a sua utilização pela comunidade escolar, principalmente nas práticas de ensino e aprendizagem histórica.

Em seguida, discorre-se acerca dos percursos para a elaboração e estruturação do produto, sendo expostos os processos instrumentais para a elaboração do projeto expográfico, da curadoria dos acervos fotográficos utilizados⁴, bem como as metodologias utilizadas para sua análise e organização. Por conseguinte, se discorre a respeito da estrutura e da montagem da exposição digital, desde os critérios para a escolha da plataforma para hospedar a exposição, apresentação da equipe de apoio, até os elementos que compõe o ambiente expositivo. Neste capítulo, ainda são apresentada as considerações avaliativas da exposição por meio da análise dos pareceres elaborados por membros da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, bem como professores de História de outras instituições a respeito das suas impressões e considerações sobre a exposição, levando em consideração sua estrutura, material exposto e seus objetivos. Por fim, serão evidenciadas as considerações finais sobre as contribuições desse trabalho para as pesquisas do entorno do campo do ensino de História e da Educação

⁴ Todos os processos para a obtenção dos materiais para o acervo digital seguiram rigorosamente os protocolos sanitários da Pandemia da Covid-19 estabelecidos pelo município de Santa Vitória do Palmar/RS, bem como pelo acompanhamento do avanço da transmissão ao longo dos meses em que este trabalho foi desenvolvido, assim garantido a segurança de todos os envolvidos no processo. Por esse motivo, mesmo após a conclusão deste relatório, se manterá um espaço de diálogo para acrescentar novos materiais que possam contribuir para o produto e veicular mais recursos que compreendem o patrimônio escolar da instituição em estudo.

Patrimonial, bem como as hipóteses acerca da viabilidade da utilização da exposição e o que isto pode enriquecer as práticas do ensino de História.

2 ENSINO DE HISTÓRIA E PATRIMÔNIO ESCOLAR: CONCEITOS E CONEXÕES

Este trabalho tem como base para atingir seus objetivos o diálogo entre alguns conceitos que podem ser constitutivos das ações do ensino de História. Dentro deste campo conceitual se traz à tona as particularidades a respeito da Educação Patrimonial; do patrimônio escolar, e das relações entre os usos da memória dentro das práticas de pesquisa e o ensino de História, e também suas relações com as fotografias. Esses elementos permeiam todos os planejamentos, ações e reflexões aqui propostas e, dessa maneira, se apresentam necessários ao contexto dessa escrita e serão abordados neste capítulo.

Ao escolher a escola como fonte primária para o desenvolvimento da pesquisa, bem como práticas educativas para o ensino de História, entendendo-a como um espaço formativo e de vivências e histórias, que têm significado para diversas pessoas, pretende-se evidenciar não só os elementos que são identificados como bens consagrados pela sociedade e sua estrutura, mas também, constituir um diálogo entre o patrimônio escolar e o ensino de História, pois se entende que “os bens culturais são considerados como suporte vivo para a construção coletiva do conhecimento” e que “a Educação Patrimonial pode contribuir para a criação de canais de interlocução com a sociedade” (FLORÊNCIO, 2012, p. 24-25). Assim, visa ampliar os usos das fontes no ensino de História, a partir das possibilidades de trabalho com a Educação Patrimonial, pois,

[...] essa prática, baseada na identificação e interação com o bem cultural, amplia as possibilidades de aprendizado e facilita a compreensão da história local e sua relação com os temas mais amplos da história; oportuniza ao aluno a experiência de se sentir parte da história e entender que o conhecimento que ela produz nunca é perfeito ou acabado; na verdade, esse conhecimento está sempre se constituindo. (TORRES; SCHIAVON, 2015, p. 53)

Dentro dessa perspectiva de integração e de reconhecimento histórico que a inserção da Educação Patrimonial no contexto escolar possibilita, evidencia-se a importância da comunidade escolar de se apropriar e (re)criar o sentimento de que as suas experiências neste espaço compõem parte fundamental da história da escola. Assim, por meio de práticas vinculadas ao ambiente escolar compreendendo-o como uma referência cultural de sua comunidade, é possível construir uma análise histórica próxima à realidade e ao entendimento dos educandos como é expresso pelas autoras mencionadas acima.

A escola, como uma instituição formadora, “integra um conjunto de objetivos determinados pela sociedade e articula-se com eles, contribuindo para os diferentes processos

econômicos e políticos, como o desenvolvimento industrial, comercial e tecnológico [...]” (BITTENCOURT, 2011, p. 42), portanto, também retrata as transformações históricas, as mudanças e permanências de projetos e projeções sociais em diversos períodos. As instituições de ensino são fontes de pesquisa, tanto sob a perspectiva de métodos e formas educacionais, quanto de análises históricas e sociais. Seu patrimônio é composto de memórias, vivências, recordações e experiências que podem ser introduzidas nas práticas curriculares e fomentar uma relação de ensino e aprendizagem, a qual aproxime alunos e professores de suas raízes e dos diversos contextos que constituem os percursos históricos. E a Educação Patrimonial é uma ferramenta que pode possibilitar essas dinâmicas e interlocuções.

2.1 Educação Patrimonial: breve histórico

A Educação Patrimonial, além de auxiliar nas práticas educativas formais e informais – que desenvolve em seus grupos de atuação aspectos culturais coletivos e individuais – também deve ser compreendida como um campo de debates teóricos e políticos, que foram se consolidando e ampliando-se ao longo dos anos. Ao se trabalhar com as premissas da Educação Patrimonial deve-se entender que esse campo foi se constituindo ao longo do tempo, e suas fases e atuações são reflexos dos contextos em que ocorreram, levando em consideração as situações política, social e histórica. Com isso, nesta sessão pretende-se discorrer acerca dos contextos de “evolução” da Educação Patrimonial no Brasil a partir de 1937 – com a efetivação de políticas voltadas para o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e dos debates sobre o tema no país – no intuito de evidenciar os percursos trilhados pelo poder público, pesquisadores e educadores no que tange as medidas para se educar para o patrimônio; ademais, procura-se aferir a trajetória conceitual da Educação Patrimonial.

É importante compreender que a temática da Educação Patrimonial caminha em paralelo com a inserção e assentamento dos debates sobre Patrimônio e sua valorização no Brasil. Mesmo que, somente em 1983, durante o I Seminário sobre o Uso Educacional de Museus e Monumentos, “ocorre a introdução no Brasil da expressão Educação Patrimonial, como uma metodologia inspirada no modelo da *heritage education*, desenvolvido na Inglaterra” (FLORÊNCIO, 2014, p. 13), desde 1937⁵, quando as questões acerca do

⁵ Ano de criação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), primeira nomenclatura estabelecida para a instituição, pela Lei nº 378/1937. Em 1970, assume sua atual denominação como Instituto do

Patrimônio se inserem no cenário e nas pautas de políticas no país, a perspectiva de se “educar para o patrimônio” já se fazia presente. Isso se evidencia em diversas manifestações do IPHAN, desde o início de sua trajetória, destacando uma constante necessidade de que para se pensar nos fatores para se eleger os patrimônios brasileiros, também é preciso lançar mão de medidas para a sua proteção, tendo a educação como elo para essa premissa.

Desde sua criação, em 1937, o IPHAN, manifestou em documentos, iniciativas e projetos, a importância da realização de ações educativas como estratégia de proteção e preservação do patrimônio sob sua responsabilidade, instaurando um campo de discussões teóricas, conceituais e metodológicas de atuação que se encontram na base das atuais políticas de Estado na área. (FLORENCIO, 2014, p. 05).

Essa preocupação já inicial com o caráter educativo dos espaços de preservação e salvaguarda do patrimônio pode ser entendida, dentre diversos aspectos, por dois fatores inerentes ao contexto histórico em que esse processo ocorre. Inicialmente, deve-se destacar as influências da década de 1920, na busca de uma valorização das artes – em todas as suas expressões – e, principalmente, da valorização do Brasil e de suas raízes, com a mobilização de diversos artistas e intelectuais brasileiros durante a Semana de Arte Moderna, em 1922. Trouxeram ao Brasil a óptica da valorização, do investimento e da divulgação da cultura, da arte e da história nacional, ideais estas, que continuaram se perpetuando nas discussões em torno dessa área. Mário de Andrade – uma das principais figuras desse movimento artístico – foi quem elaborou o anteprojeto, em 1936, para a criação do IPHAN. Neste projeto, “Mário de Andrade, conciliava a experiência de outros países com as peculiaridades brasileiras, [...] oferecia, em poucas páginas, desde a fixação de definições preliminares sobre patrimônio, até um plano quinquenal de montagem e funcionamento do serviço” (IPHAN, 1980, p. 13). Evidenciando, a busca, em um contexto em que o patrimônio e sua valorização já estavam em pauta na esfera internacional, por se integrar a esse movimento, respeitando e enaltecendo as características e realidades brasileiras e percebendo, através das práticas educativas, a possibilidade de se efetivar as medidas de proteção e valorização do patrimônio cultural brasileiro.⁶

Por conseguinte, é contundente salientar que em meio ao desenvolvimento do anteprojeto para a criação de um serviço responsável pelo patrimônio nacional, e durante a

Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

⁶ É importante destacar que esta visão “educar para conhecer e preservar” se enquadra nesse contexto de afirmação das políticas para o patrimônio. Assim como foi mencionado nesta seção, estão sendo esboçados aspectos da trajetória da Educação Patrimonial, no Brasil, seus debates e ações que se inserem em conjunturas específicas, a partir dos interesses e análises dos grupos envolvidos no período.

sua efetivação, as circunstâncias políticas em que o Brasil se encontrava, também devem ser levadas em consideração. O IPHAN é criado em 1937, na vigência do governo de Getúlio Vargas, que em fins do mesmo ano, instituiu o golpe do Estado Novo⁷ (1937-1945) submetendo o país a um regime ditatorial⁸. Dentre as diversas características e medidas adotadas durante esse período da história nacional, as que giram no entorno das políticas sociais se destacam na busca por ideais nacionalistas, na promoção de uma unidade e identidade nacional. Assim, o patrimônio histórico e artístico brasileiro, em sua grande parte, era eleito para atender as demandas do projeto político varguista. Como apontam Funari e Pelegrini (2006, p. 46):

Inseridas em um projeto mais amplo, devotado à prática social integradora do governo Vargas, as primeiras ações em defesa do patrimônio nacional incluíram a seleção de edifícios do período colonial – em estilo barroco – e palácios governamentais, em sua maioria prédios neoclássicos e ecléticos. Essas escolhas foram feitas devido a seus vínculos com a história oficial da nação. [...] a arquitetura foi elevada a condição de marca nacional capaz de promover a imagem de solidez do Estado brasileiro [...].

Logo, percebe-se que os projetos patrimoniais durante os primeiros anos de atuação do IPHAN, as políticas públicas e as legislações que passaram a vigorar estavam atreladas aos sentidos da “função social da propriedade”, enaltecendo as camadas da sociedade brasileira pertencentes aos processos políticos, sociais e econômicos da história “oficial”. Ou seja, a identidade nacional que se pretendia criar durante o governo Vargas era aquela que expressava as heranças europeias, que eram mais evidenciadas nos registros materiais de edificações, mobiliário e obras artísticas desde o período colonial.

A trajetória da valorização e da preservação do patrimônio no Brasil sempre esteve ligada aos processos políticos em vigor. A transposição desses princípios para uma

⁷ O Estado Novo foi um período da história política do Brasil que integra uma das fazes da “Era Vargas”. Iniciou-se em 1937 através de um golpe de Estado articulado por Getúlio Vargas, e perdurou até 1945. “Foi um regime implantado no estilo autoritário, sem grandes manifestações” (FAUSTO, 2015, p. 311) que de forma geral se caracterizou pela centralização do poder político, censura e controle social, perseguição a opositores do regime, economia voltada para a industrialização, políticas trabalhistas, foco em uma educação tecnicista, dentre outras características.

⁸ Exprime-se por regime ditatorial (Ditadura) como uma forma de regime político de acordo com as definições apresentadas por Silva e Silva (2009, p. 105-108) “Antes de tudo, podemos definir ditadura como um regime político, uma forma de governo. Como tal, é sempre um conceito relacionado à própria ideia de Estado. Além disso, a noção mais comum de ditadura no Ocidente está, paradoxalmente, bastante relacionada à ideia de democracia. Nessa perspectiva, a ditadura existe por oposição à democracia. [...] Apesar de existirem diferentes formas de ditadura no mundo contemporâneo, algumas características básicas são compartilhadas por todas: o cerceamento de direitos políticos e individuais, a ampla utilização da força pelo Estado contra sua própria sociedade e o fortalecimento do poder executivo em detrimento dos outros poderes. [...] Apesar de existirem diferentes formas de ditadura no mundo contemporâneo, algumas características básicas são compartilhadas por todas: o cerceamento de direitos políticos e individuais, a ampla utilização da força pelo Estado contra sua própria sociedade e o fortalecimento do poder executivo em detrimento dos outros poderes”.

perspectiva mais abrangente e representativa foi se constituindo ao longo da segunda metade do século XX, acompanhando as demandas na esfera federal, das entidades pesquisadoras e atuantes da área do patrimônio, bem como as configurações sociais e culturais brasileiras. Isso se verifica através dos projetos articulados pelo IPHAN⁹, bem como legislações que foram se intensificando através de decretos e leis, principalmente a partir de 1988, respaldadas pela Constituição Federal, em seu artigo 215, afirmando que “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”, bem como o artigo 216, em que fica definido:

Constituem o patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988).

A partir destes dois artigos da Carta Magna tem-se o reconhecimento do patrimônio como cultural – o que transcende as concepções históricas, arquitetônicas e artísticas, sem excluí-las – e suas diversas manifestações, ou seja, não somente aqueles atribuídos às edificações e de cunho material. Essa concepção também proporcionou que nas décadas seguintes, as discussões sobre a temática se intensificassem e abrissem espaço para uma legislação voltada para o patrimônio cultural – e sua ampliação – e para as práticas de Educação Patrimonial, como o Decreto Nº 3.551/2000, que já foi mencionado no corpo deste texto e que, em linhas gerais, estabelece o reconhecimento do patrimônio de caráter imaterial e seu registro – saberes, modos de fazer e manifestações culturais.

Nesse contexto de intensificação dos debates sobre patrimônio cultural, as premissas sobre o campo de atuação da Educação Patrimonial também foram se constituindo. A respeito de sua trajetória é importante evidenciar dois aspectos gerais: os percursos conceituais da sua constituição, bem como a criação de esferas governamentais para fortalecerem a aplicação dessas premissas nas práticas educativas para/com o patrimônio.

Como já referido, a Educação Patrimonial compreende tanto um aparato teórico,

⁹ Serve de exemplo a criação do Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC), em 1970, que de modo geral, previa novos parâmetros para as práticas de valorização e preservação patrimonial e ampliava as discussões acerca da compreensão de um patrimônio, que englobasse as diversidades culturais e regionais do país no curso da inscrição de patrimônios e seu reconhecimento como tal.

relacionado aos estudos e estratégias de medidas para a valorização e preservação patrimonial e também do seu papel sócio-político nos embates contemporâneos a respeito do reconhecimento institucional de bens culturais e da análise de movimentos comunitários de apropriação de espaços e de reconhecimento de referências culturais, quanto um campo de ação que busca introduzir o patrimônio cultural no fazer educativo. Esses dois vieses pertencem à estrutura conceitual da Educação Patrimonial e estabelecem uma comunicação mútua no construto desta pesquisa. Evidentemente, optou-se por se refletir e analisar com mais profundidade os aspectos que convergem com a temática e os objetivos desta pesquisa.

Dessa forma, parte-se do princípio de que a expansão de projetos e ações ligadas à prática da Educação Patrimonial, no Brasil, expandem-se a partir da publicação, em 1999, do *Guia Básico de Educação Patrimonial*, em que Horta, Grunberg e Monteiro estabelecem parâmetros básicos para ações educativas direcionadas ao uso do patrimônio cultural, como fonte primária nos processos de ensino e aprendizagem. Esse guia, nas palavras de Florêncio (2014, p. 13) “se tornou o principal material de apoio para ações educativas realizadas pelo IPHAN [durante os anos 2000]”¹⁰.

Por outro lado, há que se mencionar que as práticas de Educação Patrimonial podem ser direcionadas, segundo Zanon, Magalhães e Branco (2009), em dois campos distintos: um calcado em um viés tradicional, e outro, que se consolida por uma educação transformadora. O primeiro está ligado a uma “visão impositiva, visando atender interesses específicos, caracterizada pela universalização, integralização e unicidade do conhecimento”, e corrobora para a ideia de patrimônio como as grandes edificações, que remetem a marcos históricos, principalmente, de caráter “civilizatório” e progressistas inter-relacionados com as primeiras conceituações de patrimônio brasileiro, ainda, na primeira metade do século XX. O segundo campo de trabalho com a Educação Patrimonial se constitui por estar “visando a condição do sujeito autônomo, tendo como característica, a heterogeneidade e o conhecimento dialogado”, destaca-se que o presente trabalho pauta-se por esta segunda esfera teórica, pois alinha-se às proposições que entendem o papel do professor como mediador para com a aprendizagem histórica dos alunos, evidenciando que, para além das premissas conceituais, o que vai definir de fato a efetividade do trabalho, é a maneira pela qual esse processo se constitui – desde o planejamento até o seu término –, bem como o seu significado para os alunos e sua

¹⁰ Nesta reflexão, a autora refere-se à elaboração do Guia e como este foi recepcionado nas atividades do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em fins da década de 1990 e início da década de 2000. Analisando o histórico da Educação Patrimonial, no Brasil, Florêncio reconstituiu os principais marcos do conceito de Educação Patrimonial, nos debates do cenário nacional. Assim, não se refere ao Guia como uma referência atual, mas que teve seu mérito em propor formas de abordar o patrimônio com um olhar de caráter educativo.

historicidade.

Nessa perspectiva de Educação Patrimonial, pautada na heterogeneidade, destaca-se no período das últimas décadas do século XX, outro passo que foi fundamental para a realização de suas práticas no Brasil e, conseqüentemente, que para nas décadas atuais sejam almeçadas formas cada vez mais democráticas de reconhecimento patrimonial, como é o exemplo do uso das referências culturais, a partir da criação do Centro Nacional de Referência Cultural, conforme atesta Átila Tolentino (2018, p.54-55):

No campo do patrimônio, esse novo pensamento que busca considerar as referências culturais dos diferentes segmentos sociais e romper com a lógica da homogeneização da identidade nacional começa a tomar corpo, institucionalmente, com a criação do CNRC, na década de 1980, e com os ideais de Aloísio Magalhães quando esteve à frente da Fundação Nacional Pró -Memória. Papel fundamental também foi a criação do Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e do instrumento do Registro como uma ferramenta de acautelamento dos bens culturais de natureza imaterial, por meio do Decreto 3.551/2000, resultado de intensos debates ocorridos nos anos 1990 e que resgatam, inclusive, ideais do anteprojeto de criação do SPHAN elaborado por Mario de Andrade. A atuação no campo do patrimônio imaterial pelo IPHAN tem sido importante para a valorização das referências culturais historicamente subalternizadas ou silenciadas nos processos de patrimonialização no Brasil, bem como dos seus saberes, fazeres e epistemologias, a exemplo das referências culturais africanas e indígenas.

A utilização de referências culturais amplia as noções daquilo que é considerado patrimônio da realidade histórica e cultural de uma comunidade, sem necessariamente envolver bens sacralizados e reconhecidos como patrimônios culturais por órgãos de serviço patrimonial. Nessa esteira, destacam-se as ferramentas propostas pelos projetos educativos do Programa Mais Educação, a partir dos inventários do patrimônio cultural, estimulando o reconhecimento das referências culturais, as quais são definidas como:

[...] edificações e são paisagens naturais. São também as artes, os ofícios, as formas de expressão e os modos de fazer. São as festas e os lugares a que a memória e a vida social atribuem sentido diferenciado: são as consideradas mais belas, são as mais lembradas, as mais queridas. São fatos, atividades e objetos que mobilizam a gente mais próxima e que reaproximam os que estão longe, para que se reviva o sentimento de participar e de pertencer a um grupo, de possuir um lugar. Em suma, referências são objetos, práticas e lugares apropriados pela cultura na construção de sentidos de identidade, são o que popularmente se chama de raiz de uma cultura. (IPHAN, 2013, p. 8)

Assim, são práticas que não se restringem a impor às comunidades o reconhecimento de determinado bem que tem “potência” histórica e cultural por si mesmo, e sim, estimular os indivíduos a identificarem aspectos da sua região/localidade pelos quais estes se reconhecem

(identidade comum) e os determinam como referência para serem reconhecidos:

Entre os elementos que constituem a cultura de um lugar, alguns podem ser considerados patrimônio cultural. São elementos tão importantes para o grupo que adquirem o valor de um “bem” – um bem cultural – e é por deles que o grupo se vê e quer ser reconhecido pelos outros. (IPHAN, 2013, p. 5)

No momento em que extrapolam as noções generalistas sobre como se define o que é um bem patrimonial, ou até mesmo em que contextos se inserem as práticas da Educação Patrimonial, pode-se aproximar o patrimônio escolar do ensino de História, tendo em vista que “é possível estimular um novo olhar para a escola e o território no qual ela está inserida” (IPHAN, 2013, p.7), voltada para as contribuições culturais que esta instituição tem para com a sua comunidade, bem como esta tem na formação da historicidade da escola. Neste sentido, defende-se o pressuposto de que a Educação Patrimonial não deve ser reduzida à realização de atividades que busquem condicionar os indivíduos ao bem cultural, principalmente, aquelas ligadas à ideia de conhecer para preservar, mas sim, deve atender as demandas socioculturais de determinadas regiões e evidenciar o elo entre a população e suas referências culturais, as quais, muitas vezes, estão longe dos embates diretos das políticas de patrimônio, mas sofrem diretamente com seus resultados.

Nesta pesquisa, a premissa da educação patrimonial com base nas referências culturais torna-se ainda mais presente, pois a partir do desenvolvimento da exposição digital da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, busca-se possibilitar no cenário escolar, que a escola não seja compreendida apenas como uma edificação usual da comunidade, mas que ela também possa ser entendida como um espaço que perpassa a história da sua localidade, a qual reflete os campos de disputas patrimoniais e que pode auxiliar nos processos de ensino e aprendizagem em História.

Neste ponto, caminha-se para as diretrizes propostas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional a definir como Educação Patrimonial (2014):

A Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera-se, ainda, que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio da participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de patrimônio cultural.

Assim, a Educação Patrimonial atrelada ao ensino de História “possibilita uma

formação reflexiva, iluminando as relações sociais [...] que deram origem a lugares, monumentos e símbolos, com os quais convivemos no presente, além de possibilitar um pensamento crítico [...]” (SILVA, 2007, p. 75), que leva aos alunos a compreenderem os processos históricos como parte da sociedade que integram e este preceito, ou seja, o reconhecimento da história local e da comunidade como componente curricular, atribui ao ensino de História um caráter emancipatório, o qual reconhece os alunos como sujeitos históricos e agentes no processo de aprendizagem.

Com base nas considerações apresentadas compreende-se que a trajetória da Educação Patrimonial, no que tange ao contexto brasileiro, alicerça-se aos movimentos ligados às ações governamentais, institucionais e teóricas relativas à valorização e conservação do patrimônio nacional e, mesmo que não houvesse a existência ou a utilização do conceito, a ideia de firmar ações educativas a partir do uso do patrimônio esteve presente desde a sua introdução. No entanto, sua utilização no âmbito do ensino regular, se faz crescer cada vez mais, a partir de estudos e práticas que evidenciam diversas possibilidades de trabalho. Por fim, demonstra os papéis que professores e alunos podem assumir no desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, que integra vivências para a construção do conhecimento escolar.

2.2 A relevância do Patrimônio Escolar e o ensino de História

Antes de se explanar uma definição sobre o que pode ser considerado como patrimônio escolar, destaca-se que é necessário compreender a forma pela qual se conceitua patrimônio, entendendo-o a partir de “formulações gradualmente engendradas acerca da cultura no mundo ocidental” (PELEGRINI, 2009, p. 19), as quais, ao longo do tempo, assim como outros campos e conceitos aplicados às ciências humanas, foram adquirindo ampliações no seu significado, na sua contribuição para a formulação dos saberes e de seu sentido na sociedade. De acordo com Cecília Londres:

O termo patrimônio, de origem latina (*patrimonium*), designa os bens recebidos por herança paterna, familiar, e, por extensão, vem sendo utilizado para nomear o legado de uma geração a outra, não apenas no âmbito da família, como também dos grupos sociais, dos Estados nacionais e mesmo da humanidade. A ideia de transmissão ao longo do tempo é, portanto, constitutiva da noção de patrimônio. (LONDRES, 2012, p. 14)

Mesmo estando associado a essa perspectiva de “legado e transmissão ao longo do

tempo”, que pressupõe seus valores a serem consagrados para inspirarem e servirem de exemplo da trajetória histórica, “o patrimônio cultural não pode ser considerado somente como um conjunto de bens móveis e imóveis, que representam a memória de uma nação”, (PINHEIRO, 2010, p. 41), deve estar atrelado à noção de pertencimento e de reconhecimento da história de um grupo ou sociedade. Dessa maneira, nem sempre o que é considerado patrimônio cultural em determinado lugar, recebe o reconhecimento pelas pessoas que integram esse espaço, haja vista que:

Os bens culturais podem ser também consagrados ou não, de acordo com os valores a ideologia que ditaram e ditam os critérios para a sua preservação. O que ficou preservado, na maioria das cidades, como bens consagrados? As igrejas, as casas dos governantes, as câmaras e cadeias, as construções das pessoas ligadas ao poder, a classe dominante. (GRUNBERG, 2000, p. 163)

Representando assim uma história totalizadora que, muitas vezes, enaltece figuras e personagens históricos que não se relacionam com as vivências e o presente das pessoas que cercam esses bens culturais. Isso não exclui a validade dos patrimônios edificados e reconhecidos por entidades governamentais, acima disso, busca refletir sobre o lugar ocupado pelo patrimônio no reconhecimento histórico dos indivíduos, entendendo o que para estes é elencado como patrimônio ou referência cultural. Tendo como ponto de partida, o uso de bens culturais no ensino de História essa perspectiva para além dos bens de “pedra e cal” (LONDRES, 2012), se faz necessário para a compreensão que a história é feita a partir da trajetória de diversos indivíduos e de realidades heterogêneas e, por isso, as suas fontes não se limitam aos registros oficiais, e sim, aos aspectos interligados à memória e identidade de um povo.

Essa amplitude que passa a ser abarcada pelo conceito de Patrimônio Cultural atinge diretamente o olhar que se pode ter sobre a definição de Patrimônio Escolar, que pode ser entendido como:

[...] conjunto de documentos escritos, orais, imagéticos, objetos e práticas intangíveis das instituições escolares, assim considerados pelos atores escolares responsáveis por essa atribuição de valor e construção de significados para tais bens culturais. Importa reconhecer a escola como produtora de patrimônio [...] [ampliando] o conceito de patrimônio para além do que se encontra institucionalizado ou protegido pelas políticas de Tombamento, Registro e Chancela. (ALMEIDA; GIL, 2013, p. 122).

A partir da definição proposta pelas autoras, em que se percebe a infinidade de bens produzidos no ambiente escolar – os quais retratam diversos aspectos – além da documentação oficial, que compõe a história de uma instituição de ensino, a ideia de

patrimônio não está restrita ao que é sacralizado e oficializado, e sim àquilo que integra e tem significado de pertencimento aos indivíduos, que nesse espaço convivem e constituem suas trajetórias de formação, mas, também, de construção de laços afetivos e de memória. Além disso:

[...] estudos sobre cultura material escolar têm posto em discussão os sentidos da relação entre objetos, sujeitos e rotinas escolares, descortinando dimensões pouco exploradas do universo escolar, salientando como o olhar para as coisas comuns pode ser relevante para o conhecimento e a interpretação histórica da educação. O trato com a materialidade da escola tem reivindicado a atenção cuidadosa para o valor histórico e cultural desse patrimônio. (SOUZA, 2013, p. 205)

Desse modo, entendendo-se a escola como uma instituição produtora de conhecimento, que apresenta em seus armários e arquivos parte da sua história e da história dos indivíduos e da comunidade onde está inserida, têm-se diversas formas de realização de pesquisas de caráter histórico e educacional, a partir da documentação produzida pela escola, destacando-se aspectos que extrapolam seu aparelho burocrático de constituição e administração (GIL, 2012). A documentação que compõe os arquivos escolares manifesta a formação da comunidade em seus mais variados seguimentos – familiar, cultural, social, econômico –, e é possível, por meio destes, constituir o perfil dos discentes ao longo do tempo, tanto no sentido sócio-familiar, como no comportamento escolar; analisar as pautas relevantes para a escola/comunidade, questões financeiras, projetos políticos pedagógicos, etc. Outrossim, ressalta-se que o trabalho com os arquivos escolares, de todas as naturezas, contribui para o percurso da aprendizagem histórica no ambiente escolar, à medida que demonstra que a História não é só a dita formal/oficial, isto é, aquela História que se aprende na escola através dos livros didáticos, afinal,

Ao serem vasculhadas, pequenas salas de escolas, denominadas, às vezes, de “Arquivo Morto”, um mundo inteiro aparece. Muitas caixas de documentos, relatos, histórias de um tempo passado batem às portas do presente. Pelas vozes, pelos cheiros, pelas palavras/escritos, logo se percebe a urgência de ações que preservem este quase esquecido arquivo documental das escolas que testemunham um pouco da vida institucional. (GIL, 2012, p. 5)

A história está em todos os lugares, inclusive, na escola e nas pessoas que por ela passam. Por isso, também é contundente afirmar que o patrimônio escolar (ou da educação), aqui entendido como um conjunto de objetos e documentações que refletem a trajetória da instituição escolar ultrapassa os muros e arquivos da escola, podendo “incluir não apenas a ampla gama de ferramentas e objetos pertencentes ao contexto do aluno [e da escola], como também a todos os outros instrumentos de escrita que não são conservados nas escolas nas

casas” (SANI, 2019, p. 79). Ao identificar o que as pessoas (alunos e familiares) guardam de recordação da vida escolar é possível identificar a relação formativa e afetiva construída entre a comunidade e a instituição, haja vista que:

Toda escola tem histórias e toda história está cercada de memórias. Assim, as instituições escolares apresentam grande importância na construção social dessas memórias e revelam traços de tempos passados. Tempos e espaços dos quais as culturas escolares são preciosos e significativos testemunhos para a construção da sua própria história e para a constituição identitária de alunos e professores. (BASTOS; JACQUES, 2014, p. 49)

Nesta esteira, a escola pode ser entendida como uma fonte para a pesquisa e também para o ensino, tendo em vista que esta é uma produtora constante de saber e experiências humanas. E por meio do desenvolvimento de atividades voltadas para o âmbito da Educação Patrimonial tendo como fonte os arquivos documentais, fotográficos e objetos ligados à instituição que pertencem a “construção das memórias das escolas, [e que] há o entrelaçamento entre o que repousa nos bancos debaixo das árvores, o que acontece nas salas de aula, o que se sonha, as vivências sociais e educativas no contexto em que ocorreram” (GIL, 2012, p.5).

Ao se pensar as possibilidades e potencialidades do ensino de História traçam-se caminhos em direção aos aspectos que constituem os recursos metodológicos utilizados pelo professor, para que assim, esse processo de ensino seja voltado para elementos mais atrativos e que despertem o interesse e aprendizagem dos alunos. Para além desses aspectos “chamativos” para aproximar o aluno dos conteúdos e das relações em sala de aula, o ensino de História deve ser pensado no contexto em que sua prática ocorre, e principalmente, na constituição de uma consciência histórica dos alunos, tendo em vista que:

A ideia de consciência histórica reforça a tese de que a história na escola é um tipo de conhecimento histórico qualitativamente diferente daquele conhecimento produzido pelos especialistas acadêmicos, e, mais que isso, são ambos apenas parcelas do grande movimento social que é pensar historicamente, e não a forma de fazê-lo. Reforça-se, em consequência, a recusa de um modelo em que o conhecimento histórico produzido academicamente tem na escola e nos meios de divulgação científica uma correia de transmissão e simplificação de seus enunciados. (CERRI, 2001, p. 108)

Nesse sentido, compreende-se que o ensino de História e a figura do professor, não se resumem à mera transmissão de saber adquiridos – constituídos na esfera acadêmica e científica – ao longo da formação, está referido a um processo constate da utilização de conhecimentos prévios para a construção de novos saberes, que se formam a partir das

singularidades que compõem o espaço escolar. É necessário compreender que o campo ensino de História deve se ater sim, e deve fazer parte da sua atuação, compreender, organizar e refletir sobre as maneiras pelas quais se estabelece o ensino de História mas, não finalizada somente nesse aspecto. Também, é preciso analisar os meios pelos quais se aprende História, como essa aprendizagem ocorre e contribui para os *insights* da consciência histórica (RÜSEN, 2006) dos alunos e dos sujeitos inseridos nas sociedades.

[...] o aluno assume outro papel no processo de ensino e aprendizagem: deixa de ser submisso passando a exercer um papel ativo. Ele constrói conhecimentos, desenvolve atividades, discute, busca informações. [...] Mais do que adquirir conhecimentos, o aluno também os questiona. O professor por sua vez não apenas ensina, transmitindo conhecimentos – ele investiga aprende, questiona estimula, organiza, orienta e sistematiza. (FONSECA, 2003, p. 122)

As interfaces entre o patrimônio escolar e o ensino de História auxiliam em diversos objetivos traçados para as práticas deste último, apontados por Bittencourt (2011, p. 121) como o sentido de “contribuição na construção de identidades”, que também está associada à “formação de cidadania”, em um âmbito geral, esses objetivos se referem ao reconhecimento do educando ao seu país; entretanto, também está se referindo ao reconhecimento deste dentro da sociedade, e nesse sentido, o local/regional expressa o sentido de pertencimento histórico e a compreensão de que o todo em sua volta é constituído de processos que refletem as trajetórias e contextos das mais diversas naturezas sociais.

No âmbito do ensino de História, outras definições e objetivos devem ser colocados para reflexão e aproximação do uso do patrimônio escolar e da Educação Patrimonial em suas práticas, tendo em vista que:

Não se aprende História apenas no espaço escolar. As crianças e jovens têm acesso a inúmeras informações, imagens e explicações no convívio social e familiar, nos festejos de caráter local, regional, nacional e mundial. São atentos às transformações e aos ciclos da natureza, envolvem-se com os ritmos acelerados da vida urbana, da televisão e dos vídeos, são seduzidos pelos apelos de consumo da sociedade contemporânea e preenchem a imaginação com ícones recriados a partir de fontes e épocas diversas. Nas convivências entre as gerações, nas fotos e lembranças dos antepassados e de outros tempos, crianças e jovens socializam-se, aprendem regras sociais e costumes, agregam valores, projetam o futuro e questionam o tempo. (BRASIL, 1998, p. 37-38)

A importância de se reconhecer as bagagens que os alunos levam para a escola e que estarão constantemente expressas nas interpretações que fazem sobre os processos históricos, reforça o princípio de que por meio do desenvolvimento de atividades voltadas para o âmbito

da Educação Patrimonial tendo como objeto de análise o patrimônio constitutivo da escola, o professor aproxima sua prática aos objetivos formativos traçados para o seu campo de atuação. Além disso, ao se propor a desenvolver seus recursos a partir desses pressupostos e propor analisar como os alunos estabelecem a suas aprendizagens históricas (reflexão possível com o uso dos pressupostos da educação patrimonial que evidencia as etapas de integração do aluno com o bem cultural estudado), e se esses métodos as afetam ou contribuem de alguma forma, nesse momento tem-se a guinada do olhar da sala de aula como um espaço de formação social e que leva em consideração que os processos de aprendizagem não são restritos a ela, e sim a condição humana de experimentação dos saberes para os embates do cotidiano.

Antes de entrar em contato com as discussões acerca da Educação Patrimonial como um campo de atuação que permeia diversos construtos de saberes, inclusive, o saber histórico, a visão predominante se baseia na associação desta como parte de processos de valorização do patrimônio cultural, que apresenta possibilidades para isto. Observando as contribuições elaboradas a partir de estudos de diversos autores que a interlocução entre a Educação Patrimonial e o ensino de História, percebe-se as potencialidades de estudos também nas áreas do ensino e da aprendizagem histórica, que dialogam com os princípios da Didática da História como “uma teoria da aprendizagem histórica, superando, se quiser responder aos desafios contemporâneos, o campo restrito da metodologia de ensino” (CERRI, 2010, p. 268), possibilita entender os processos de aprendizagem histórica como focos de pesquisa e produção do conhecimento histórico nos mais diversos níveis.

Assim, a associação entre a Educação Patrimonial e o ensino de História, viabilizada pela constituição do diálogo com o patrimônio escolar, possibilita pensar o ensino de História como um campo de pesquisa da aprendizagem histórica, à medida que pode trazer uma perspectiva de compreensão dessa perspectiva para além da construção de ferramentas para o ensino de História, e sim, compreender a maneira pela qual os alunos podem se aproximar dos estudos da História e se apropriar destes para interpretar suas vivências e contextos sociais. Aprofunda a reflexão de como promover uma trajetória, ou ainda, como o aluno constituiu a sua trajetória de aprendizagem, e em nível a escola está inserida nesse processo, seja nas experiências que esse espaço propicia, ou ainda, as memórias que os indivíduos da comunidade têm sobre esse local, e o que ela interfere no sentimento de pertencimento e das suas vidas.

2.3 Considerações sobre memória, fotografia e campo histórico

Boa parte dos historiadores e, até mesmo, pesquisadores de outras áreas, que se propõem a utilizar a memória como um recurso teórico e metodológico para seus trabalhos tendem, em um primeiro momento, a buscar entender qual o espaço ocupado pela memória na construção do campo histórico e, conseqüentemente, nas práticas de pesquisa em História. Esse movimento se constituiu a partir do espaço já ocupado pelo conceito de memória e como este foi se (re)significando para, ainda, poder permear o fazer historiográfico. É sabido que, com o avanço da constituição das ciências durante o século XIX, o campo da História também se muniu de esforços para a construção do seu rigor metódico e científico. Com isso, a memória que se constituía intrinsecamente como parte do que se entendia por História, foi sendo relegada em detrimento do método e das fontes documentais e oficiais (FREIRE, 2016).

A memória, por ser um processo da capacidade humana de registrar os acontecimentos vividos individualmente ou coletivamente, já foi associada, de forma pejorativa, aos aspectos de indução ao erro, de um mau registro do passado, por não estar ligada somente ao “fato dado”, mas sim às características pessoais e de “seleção” da memória – o que deve ser lembrado/enaltecido e o que deve ser esquecido. Talvez, essa seja a justificativa em defesa do afastamento da memória e do campo de produção histórica. A História, enquanto ciência necessita de fontes que reconstruam a verdade sobre o passado, e a memória, entendida como fenômeno humano subjetivo, não atendia a demanda científica imposta ao campo histórico, pois não correspondia à verdade histórica.

A reaproximação da memória ao fazer historiográfico se deu a partir de meados do século XX, quando se iniciou uma preocupação com a ampliação das fontes históricas e do *métier* do historiador. Com a instituição da *Escola dos Annales* (1929) passou-se a compreender que a História também é um fenômeno humano, feita por homens e mulheres que interpretam o passado a partir do presente (BURKE, 2010), e que a História é composta por verdades baseadas em fontes diversas e que passam pelo método científico e pela interpretação do historiador. O conceito de memória foi se definindo através das suas características biológicas, mas, também, pelos seus aspectos sociais e históricos. Sendo assim, para entender a memória como ferramenta de análise e de ensino em História, define-se como:

[...] uma das mais importantes características humanas. Está tanto na constituição do indivíduo quanto na base da civilização, de maneira que é possível identificá-la nas lembranças pessoais, na oralidade, nos lugares, nos símbolos, nas comemorações, nos calendários, nos documentos, nos monumentos e etc. Assim, por constituir-se traços do passado é para o

historiador uma ferramenta importante para a análise das experiências humanas ao longo do tempo e para o professor de história um conceito fundamental para fazer pensar historicamente. É a memória nas palavras de Burke (2000) a dupla descoberta da História, pois é tanto fonte histórica quanto fenômeno histórico. (OLIVINDO, 2017, p. 02)

Ainda, podem-se explicar algumas alegorias sobre a memória e suas atribuições ao campo histórico e, a partir das considerações de Le Goff (1990, p. 423) “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Para além dessas expressões referentes às características biológicas sobre a memória, ela está presente na composição sociocultural nas esferas coletivas e individuais, e é nesses contextos que a memória imprime a sua importância para a constituição historiográfica.

Ainda é mais evidente que as perturbações da memória, que, ao lado da amnésia, se pode manifestar também no nível da linguagem na afasia, devem em numerosos casos esclarecer-se também à luz das ciências sociais. Por outro lado, num nível metafórico, mas significativo, a amnésia é não só uma perturbação no indivíduo, que envolve perturbações mais ou menos graves da presença da personalidade, mas também a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações que pode determinar perturbações graves da identidade coletiva. (LE GOFF, 1990, p. 425)

Trabalhar com a memória no campo da produção histórica, sobretudo no ensino de História, demanda a compreensão de que a memória não envolve somente a capacidade de lembrar, mas, também, os fatores que levam o esquecimento, e que a história também é permeada por esses processos. Possibilita aos alunos, através da mediação de professores, verificar por que se estuda um determinado grupo em um contexto histórico e não outros; refletir sobre a importância das pessoas mais velhas em povos e etnias em que a oralidade é a maneira pela qual a história se perpetua; e no que se refere à temática deste estudo; por que, normalmente não inserimos nos estudos de história local as vivências da comunidade e dos espaços comuns a ela, como a escola.

A necessidade de resguardar o passado também se mostra como um fator de reaproximação entre a História e a memória dentro da perspectiva de “aceleração e democratização da história” (NORA, 2009). Cada vez mais, a relação com tempo histórico tem-se modificado, o passado tem se tornado mais próximo ao presente, algo pode se tornar obsoleto em poucos anos, por vezes, em meses. A mudança na relação entre o presente e o passado, ainda, afeta a ligação entre o presente e o futuro. Não que a História seja incumbida

à função de previsões do futuro, sabe-se que a ela, às vezes, é delegada a denominação de “ciência do passado”, mas como define March Bloch (2002), “passado não é objeto de ciência” e, dessa forma, a história é a ciência dos homens, ou melhor, dos homens no tempo”, revela a necessidade de se entender o futuro como parte da temporalidade humana, pois ele faz parte do imaginário e das perspectivas das relações sociais e culturais que constituem o tempo histórico. Essa aceleração, e quase desconstrução entre os elos das temporalidades, remontam a imprescindibilidade da criação de lugares que “reconstituam o vivido” para servir de exemplo ou inspiração para as novas gerações, e a memória vai se constituindo como fonte principal para esse trabalho do campo histórico.

Por outro lado, também se deve levar em consideração a segunda justificativa de Nora (2009) para esse “reflorescer” da memória dentro da historiografia contemporânea, que é a premissa da “democratização da história”, tendo em vista que:

Ela consiste em um poderoso movimento de libertação e emancipação dos povos, grupos étnicos e mesmo indivíduos que tem um impacto sobre o mundo contemporâneo; dito isso de forma sucinta, temos testemunhado a rápida emergência de todas as formas de memória, no caso de minorias, para as quais a recuperação de seu passado é parte integral de afirmação de sua identidade. (NORA, 2009, p. 8)

A história oficial (de cunho nacional principalmente, que se restringe a abordar os aspectos estruturais, tais como economia, política e sociedade), de modo geral, não compreende o todo – coletivo e individual - dos mais heterogêneos grupos que compõem as sociedades humanas. Bem verdade que esse tipo de prisma histórico não objetivava evidenciar esses grupos e sim, suprimi-los em detrimento de aspectos abrangentes das nações e sociedades ocidentais. Além disso, progressivamente, esses grupos passam a reivindicar seu lugar na história e, muitas vezes, as fontes usuais para essa escrita não contemplavam as vivências desses indivíduos. Isto é, a oralidade, os registros pessoais e a memória, passam a serem fontes para a escrita da história “democratizada”, que tem enfoque em evidenciar outras formas de experiências históricas vividas através do tempo.

Assim, os usos da memória no campo da ciência histórica, evidenciam diversas formas de analisar o passado, no que tange à área da pesquisa, e de se reconhecer como parte integrante nos processos históricos, nas relações de ensino e de aprendizagem em História. A memória se entrelaça com múltiplas referências do cotidiano que fazem parte de contextos históricos, ela traz pertencimento a lugares, e as formas de pensar e agir fazem emergir permanências e mudanças que constituem as relações sociais e históricas e, principalmente, possibilita evocar o sujeito como parte integrante da História, que reflete uma relação

dialética entre o individual e o coletivo, na sua formação como parte integrante de uma sociedade.

Ao passo que é significativo compreender as possibilidades e a necessidade de reconhecer a memória como parte do campo histórico, é necessário ter-se a percepção de que não inferem sinônimos de conceituação e prática, mesmo que sejam associadas a uma temporalidade em comum, cada categoria tens as suas especificidades. Nesse sentido, Candau (2005, p. 74) destaca que:

São ambas representações do passado, mas a segunda tem por objetivo a exatidão da representação, enquanto a primeira não vai além do seu caráter verossímil. [...] A história procura revelar as formas do passado, a memória modela-os, um pouco como o faz a tradição. A primeira tem uma preocupação em ordenar, a segunda é atravessada pela desordem da paixão, das emoções e dos afetos. A história pode vir legitimar, mas a memória é fundadora [...].

Ou seja, a história busca uma relação de compreensão do acontecido, focando nas mudanças que transformam as sociedades, e a memória é aquela que busca as origens e está fundamentada diretamente nas relações sociais e nas vivências individuais e coletivas. Essa perspectiva não separa essas duas categorias, pois o campo da história pode se valer da memória como fonte para o passado, assim como a memória também se vale da história para continuar sendo propagada ao longo do tempo (CANDAU, 2005).

Outro fator importante é entender a memória como uma zona de conflitos, esta não é apenas uma categoria e/ou conceito que se refere aos processos psíquico-biológicos e sociais de recordar determinados eventos do passado, sejam individuais ou que permeiam as referências vividas por um coletivo e, sim, envolve o esquecimento. Socialmente e historicamente, o esquecimento é fundamental em projetos políticos e sociais, a própria ideia de identidade nacional é forjada em elementos que pretendem ser enaltecidos e aqueles que devem ser relegados ao esquecimento, tendo em vista que o “esquecimento, acrescenta ainda Renan, e um fator essencial da criação de uma nação: ‘A essência de uma nação e que todos os indivíduos tenham muitas coisas em comum, e também que todos tenham esquecido muitas coisas’” (CANDAU, 2005, p. 119). Não é um fenômeno fácil de compreender, pois o esquecimento permeia conflitos da memória individual (fatores psicológicos e biológicos, próprios das atividades cerebrais que envolvem o campo da memória), assim como os fenômenos coletivos da memória (ainda mais complexos, pois envolvem fatores antropológicos e sociais de projetos de governo e ideologias de uma nação, ou até mesmo em grupos menores).

Nesta perspectiva, o ensino de História pode se valer da memória como um recurso de fontes e de metodologias que levam a instigar os alunos a entenderem que a História que a eles é ensinada não é estática, nem generalizante. Antes, é constituída a partir de indivíduos e de particularidades, que se entrecruzam com as estruturas sociais que formam a coletividade, e essas experiências do vivido, estruturam as diversas categorias de memórias, as quais podem ser ferramentas para entender os homens e as mulheres no tempo, os fenômenos históricos através das tradições e das transformações e como isso é evidenciado nas experiências humanas e, assim, constituírem o campo do conhecimento histórico nas atividades de pesquisa e de ensino.

Nesta esteira, que remete às interlocuções sobre memória e campo histórico, principalmente, no que diz respeito às suas contribuições na área do ensino de História, destaca-se o papel das fotografias como fontes que potencializam esta percepção. Segundo Kossoy (2001), o uso de fotografias como fontes para a produção do conhecimento pode ser estabelecido em diversas áreas, destacando-se as Artes, as Ciências Humanas e Sociais. Levando-se em conta estas profusas dimensões de aplicações do uso de fotografias como fonte cabe, para o contexto do desenvolvimento deste relatório, destacar o entendimento que se tem à respeito desse recurso no diálogo com a História, haja vista que:

[...] as imagens que contenham um reconhecido valor documental são importantes para os estudos específicos nas áreas de arquitetura, antropologia, etnografia, arqueologia, história social e demais rumos do saber, pois representam um meio de conhecimento da cena passada e, portanto, uma possibilidade de resgate da memória visual do homem e de seu entorno sociocultural. Trata-se da fotografia enquanto instrumento de pesquisa, prestando-se a descoberta, análise e interpretação da vida histórica. (KOSSOY, 2001, p. 55)

A partir do que é posto pelo autor, evidenciam-se duas premissas importantes e que dialogam profundamente com a produção da exposição de fotografias pertencentes ao acervo da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho e de contribuições do acervo do Professor Homero Rodrigues e as reflexões propostas em detrimento do seu desenvolvimento. A primeira delas refere-se ao sentido de valor documental das fotografias, além do próprio sentido de registro de eventos e experiências, que foram realizadas no contexto escolar, afinal, o propósito da exposição é compreendê-las também, como objetos pertencentes ao acervo escolar e, conseqüentemente, como patrimônio da educação, que está entrelaçado à história da instituição; a segunda, diz respeito às relações construídas ao longo do tempo neste cenário e, acima de tudo, que está a serviço da sociedade para o desenvolvimento de pesquisas e práticas de ensino.

Nesse sentido, os arquivos escolares [...] do ponto de vista histórico podem suprir nossa necessidade de informar, registrar a trajetória de uma instituição e, ainda, contribuir para o desenvolvimento de atividades pedagógicas e culturais da comunidade escolar. São, de fato, os mantenedores de toda uma história institucional e fonte de pesquisa para a sociedade. (OLIVEIRA, 2015, p. 100)

Por conseguinte, evidencia-se a partir das colocações de Kossoy (2001), a relação entre fotografia e memória visual. Por meio do contato com registros fotográficos, despertam-se inúmeras lembranças que podem estar diretamente ligadas ao contexto do registro, por exemplo, se o indivíduo que estava no momento da fotografia, tiver contato com a mesma, pode recordar das experiências daquele dia e todo o contexto que envolve aquele momento. Assim como, também pode despertar sentimentos e elencar referências sensoriais em pessoas que diretamente, não tem nenhuma ligação com o registro, mas que, por meio dele, realizam diversas associações através da memória e de suas experiências atreladas ao contexto representado, ou seja, as vivências escolares. Essas dinâmicas entre fotografia e memória, verificam-se a partir do entendimento que:

O que as imagens nos mostram nunca será um pensamento único e definitivo. Eis que o cérebro – como assinala justamente Gilles Deleuze (2003, p.264) – é a “tela da imagem”. É com este cérebro – suas lembranças, suas memórias e esquecimentos nele contidos – que toda imagem se choca, arrebatando uma espiral de novas e outras operações sensoriais, cognitivas e afetivas. (SAMAIN, 2012, p. 158)

Levando-se em consideração os elementos colocados acima, defende-se o uso das fotografias dentro do espaço do ensino de História, a partir da concepção de que estas, no contexto de análise deste trabalho, são parte do patrimônio escolar da instituição onde estão ligadas, proporcionando experiências enriquecedoras no que diz respeito ao reconhecimento do ambiente escolar como parte constitutiva das experiências e vivências da comunidade a qual pertencem. Além disso, por meio do seu valor documental, configuram-se como fontes que representam elementos da cultura escolar, sustentando análises sobre História da Educação, entre outras temáticas, no universo de pesquisas a partir do contexto escolar.

Assim, ao se observar a potencialidade do diálogo entre história e memória associado ao uso de acervos fotográficos que compreendem o patrimônio escolar da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, reforça-se a importância dessa relação no que tange ao desenvolvimento de práticas da Educação Patrimonial no currículo escolar, pois esta “permite a difusão de outras possibilidades para a construção de práticas pedagógicas que articulem saberes da comunidade da qual a escola faz parte e os saberes específicos por estes trabalhados”

(SCHIAVON; SANTOS, 2013, p. 63), que pode convergir em memórias e vivências como fontes para o ensino de História, sem negar a importância da disciplina, pois o uso da memória contribui para se compreender os fenômenos históricos e o quanto estes refletem na sociedade, de forma a criar laços de memória coletivas e individuais. Assim como, as potencialidades do diálogo entre história e memória estabelecem espaços de debates acerca dos eventos históricos estudados e seus reflexos na sociedade.

3 A ESCOLA É O NOSSO PATRIMÔNIO: REFLEXÕES SOBRE AS POTENCIALIDADES DA EXPOSIÇÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA

Compreender a escola como parte do patrimônio cultural da sua comunidade, habitualmente, não é um movimento intuitivo. Isso ocorre devido ao que se entende sobre o papel das instituições de ensino e sua função social que, via de regra, está ligada à ideia de espaço formativo e prestador de serviços, no âmbito da escolarização e de assistência social. Além disso, as concepções sobre o que é “de fato” patrimônio cultural que, grosso modo, perpetuam a ideia de que são espaços edificados e que sejam sacralizados por conta da sua “célebre” história, acabam dificultando ainda mais o entendimento da escola como um patrimônio da comunidade. Em outras palavras, percebe-se o quão dificultoso é entender, por si só, a escola como produtora de fontes históricas e que as vivências e memórias que se constituíram nesse ambiente podem ser consideradas patrimônio da localidade onde ela está inserida. No intuito de romper essas barreiras, a Educação Patrimonial, através das ações educativas que aproximam indivíduos do patrimônio que representa a comunidade e a realidade em que estão inseridos, mostra-se propícia para a construção desse caminho, de modo a evidenciar o patrimônio escolar e utilizá-lo em detrimento do ensino de História, conforme atesta a citação, a seguir:

A Educação Patrimonial é uma prática e uma reflexão que visa desenvolver, no campo do ensino/aprendizagem [...], as questões relacionadas à história, à memória, à identidade. [...] A Educação Patrimonial, ao mesmo tempo em que desperta a atenção para as políticas nacionais de patrimônio, que definem o que deve ser objeto de preservação, incentiva os nela envolvido a reconhecerem, no meio em que vivem, objetos e lugares que falam da coletividade e que permitem construir pontes entre o passado e o presente. Ela pode ser usada para constituir pontes entre escola e comunidade, universidade e escola, universidade e espaços culturais, professores e alunos, pessoas de diferentes gerações. (RODEGHERO; CARDOSO, 2015, p. 45-46)

Em razão dessa capacidade que a prática da Educação Patrimonial desempenha sobre seus agentes, de buscar o reconhecimento de lugares que representam a coletividade, que não necessariamente estão respaldados pelas políticas de salvaguarda, que este trabalho desenvolve um produto que visa a apropriação por parte dos educandos da história e da trajetória da escola, onde estabelecem suas relações sócio afetivas e sua formação escolar. Desse modo, entende-se que a história da localidade e das pessoas que vivem ali, pode fazer parte do seu cotidiano de estudos. Outrossim, destaca-se a importância da constituição de

materiais que auxiliem professores a introduzir as perspectivas da Educação Patrimonial em seu planejamento docente, e que para isso ocorra, é necessário que esses profissionais possam ter recursos para desenvolverem projetos que despertem esse caráter integrador entre o conteúdo escolar e o ensino/aprendizagem.

Nesta esteira, o acervo da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, que conta com os registros do acervo fotográfico da instituição, apresenta a viabilidade de inserção do Patrimônio Escolar (ALMEIDA; GIL, 2013) no ensino de História, por meio da Educação Patrimonial e através da utilização do acervo para a elaboração de atividades pelos professores para sua utilização e adaptação às circunstâncias de sala de aula e de planejamento docente, pois entende-se que o professor é o sujeito que deve eleger a forma pelo qual as tarefas devem ser aplicadas, tendo em vista que este conhece seus alunos, suas capacidades e dificuldades, além de ter seu planejamento e objetivos almejados quanto aos desdobramentos das relações de ensino e aprendizagem com seus alunos.

Evidenciando a importância de caracterizar os objetivos pretendidos nesse trabalho e o ambiente no qual esta se desenvolve, neste capítulo apresentam-se os aspectos sobre as características da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, o perfil da sua comunidade escolar, sua trajetória de fundação e atuação no balneário Hermenegildo. Esta análise se faz necessária para assimilar as escolhas realizadas, quanto o formato e hipóteses de circulação do produto final expresso neste relatório, o qual se configura na elaboração de uma exposição digital do acervo de fotografias da escola; sendo que este processo de aproximação com a instituição, tanto no aspecto histórico, como no seu perfil de atuação, é essencial para as escolhas metodológicas aqui adotadas. Dando seguimento, o texto aborda os fatores acerca das potencialidades em torno da constituição e aplicação do produto destacando, principalmente, sua relação com sua aplicação no contexto do ensino de História atrelado à Educação Patrimonial.

3.1 A Escola e seus agentes

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Álvaro de Carvalho está localizada no Balneário Hermenegildo, no município de Santa Vitória do Palmar/RS¹¹. Inicialmente, em

¹¹ Município localizado no extremo sul do Brasil, compreendendo o território mais meridional do país. Com uma população de cerca de 31.000 habitantes (FONTE: IBGE – senso 2010), em crescimento nos anos seguintes em detrimento dos investimentos na construção do parque de geração de energia eólica Campos Neutrais. Por ser uma região fronteiriça, está intrinsecamente ligada as relações comerciais, culturais e turísticas com o Uruguai e Argentina. Sua fundação oficial data do ano de 1855, mas a região tem intensa participação nos conflitos entre Portugal e Espanha durante o século XVIII, a transcrição do Tratado de São Idelfonso, de 1777, em que ficavam determinados as divisões territoriais ao sul da América entre as duas coroas portuguesas observa-se a formação

1939, a escola funcionava em Geribatú (região rural e estancieira dos Campos Neutrais), no ano de 1953, durante o governo de João de Oliveira Rodrigues, a instituição foi transferida para a localidade do Balneário Hermenegildo, com o nome de “Escola 34”¹² e os alunos das regiões de Geribatú e João Gomes¹³ passaram a se deslocar para o Hermenegildo, com o objetivo de darem continuidade à sua formação escolar. A escola foi inaugurada sem um local para realizar suas atividades, através do trabalho da pequena comunidade que vivia no balneário; na década de 1950, a escola iniciou suas atividades nas dependências da Igreja da comunidade, mas devido à localização à beira mar e a estrutura da construção, durante o inverno o frio era muito intenso, o que dificultava a permanência no local por muitas horas, devido a estas circunstâncias, meses depois a escola foi transferida para as acomodações da residência de Dona Clotilde, a qual ficava ao lado da Capela Nossa Senhora dos Navegantes (fotografia 3). Nesse processo, no final do ano de 1953, definiu-se que a escola passaria a funcionar no Clube Recreio dos Veranistas (fotografia 4), espaço que foi cedido pela diretoria do Clube, que durante o verão, realizava as atividades de lazer para atender a comunidade associada à instituição e que durante os meses de março a dezembro, organizava seu espaço para as atividades escolares (fotografia 5).¹⁴

dos Campos Neutrais – região em que hoje se localiza o município de Santa Vitória do Palmar. “[...] se reservará entre os territórios das duas coroas, as lagoas Mirim e Mangueira, as línguas de terra entre elas e a costa do mar; sem que nenhuma das duas nações as ocupe, elas servirão unicamente de separação, de maneira que nem os portugueses passem o Taim, em linha reta ao mar, até a parte meridional, nem os espanhóis o Chuí, até a parte setentrional, etc.” (Tratado de São Idelfonso apud. MELLO, 1992, p. 34). Dentre outros aspectos acerca das características do município, destaca-se uma atividade econômica essencialmente agrícola, com isso uma comunidade rural consideravelmente expressiva; um turismo costeiro e uma arquitetura histórica com traços neoclássicos e ecléticos.

¹² Até meados dos anos 1970, o município de Santa Vitória do Palmar era extremamente ruralizado, e pequenos grupos de famílias – formados principalmente de estancieiros e seus empregados – viviam isolados nas regiões de produção agrícola. Com isso, as instituições de ensino eram constantemente deslocadas e reinauguradas em distintas localidades, para atenderem as demandas dessas famílias.

¹³ As regiões do município de Santa Vitória do Palmar de Geribatú e João Gomes são espaços rurais que, inicialmente, eram duas estâncias que se localizam entre a zona urbana da cidade e o Balneário do Hermenegildo. Com o passar do tempo, esses nomes seguiram como referências para os povoados que se formaram no entorno dessas propriedades.

¹⁴ Informações obtidas por meio de entrevista realizada no dia quatro de fevereiro de 2021, com o Professor Homero Suaya Vasques Rodrigues, licenciado em História pela Universidade Católica de Pelotas e que vem desenvolvendo ao longo de sua vida, pesquisas sobre o Balneário do Hermenegildo, a partir das suas vivências na localidade, bem como através de relatos das famílias que vivem no balneário e de um vasto acervo fotográfico com registros da trajetória do Balneário, desde sua fundação até a atualidade. Conforme apêndice 2 – transcrição da entrevista.

Fotografia 3: Vista da Primeira Capela Nossa Senhora dos Navegantes



Fonte: autor desconhecido, Hermenegildo, 1951.¹⁵

Fotografia 4: Clube Recreio dos Veranistas



Fonte: Homero S. V. Rodrigues, 1954.

¹⁵ Fotografia e fonte do acervo fotográfico de Homero Suaya Vasques Rodrigues.

Fotografia 5: Alunos em festa cívica em frente ao Clube Recreio dos Veranistas



Fonte: autor desconhecido, 1954.¹⁶

Em 1985, a escola recebeu a construção do seu prédio atual (fotografia 6) e foi denominada Escola Álvaro de Carvalho, em homenagem ao primeiro prefeito em período republicano do município (SOUZA; ORSINA, 2010). Segundo o Plano Municipal de Educação, de 2015, esta escola se define como pertencente à zona rural do município de Santa Vitória do Palmar. O público atendido, em sua maioria, são os filhos dos moradores do balneário, bem como, os que residem na RS-833, estrada que liga o bairro à cidade. De acordo com os registros de matrículas proporcionais a 2018 e 2019, a escola compreende um número de 150 alunos, entre a Educação Infantil (Pré I e II), o Ensino Fundamental dos nove anos; dispõe de 28 servidores que atendem as seguintes demandas da escola: ensino, manutenção e apoio pedagógico¹⁷. Com a instauração das obras e do funcionamento do complexo eólico Campos Neutrais, a partir de 2014, foi significativo o crescimento do número de alunos que não são naturais do município, ou os que não têm familiares que residem no balneário – esse crescimento se dá por meio de critérios proporcionais, em relação ao número médio de

¹⁶ Fotografia pertencente ao acervo de Homero S. V. Rodrigues de autoria desconhecida. Na fotografia está registrada a primeira turma de alunos da Escola 34 nas dependências do Clube Recreio dos Veranistas. Pessoas na foto: em pé da esquerda para direita: Professora Elda Cabreira Naparo, Francisco Assis Cabreira, Ivone Porto, Daltro Porto, Raul Rodrigues, Francisco Erasmo Pires, Elisa Pires, Leonor Chaves Viana e Elda Viana Pires.

¹⁷ Esses dados são referentes ao cruzamento de dados apresentados no Projeto Político Pedagógico da escola com os registros de matrículas. Entre os anos de 2018-2020, a escola oferecia a modalidade de Ensino para Jovens e Adultos, entretanto, a partir de 2021, essa modalidade foi suspensa. De acordo com a equipe diretiva isso ocorreu em decorrência da baixa demanda e pela dificuldade de realocar colaboradores.

matriculados –, mesmo assim, de modo geral, boa parte dos alunos vêm de uma cultura familiar de formação nessa escola, em que seus irmãos, pais e/ou tios e tias, já tiveram algum contato com a instituição.

Fotografia 6: E.M.E.F. Álvaro de Carvalho



Fonte: registro da autora, 2021.

Ao longo dos anos, a escola sempre buscou manter o compromisso para com a comunidade, integrando a equipe escolar e os representantes dos alunos na busca de constituir uma administração e ações educativas que compreendam a realidade da comunidade, tanto no âmbito socioeconômico, como nos aspectos culturais da localidade, como apontam Souza e Orcina (2010, p. 85), “a E.M.E.F. Álvaro de Carvalho dá aos seus educandos uma proposta pedagógica no qual trabalha o seu desenvolvimento e aprimoramento, levando-os ao reconhecimento tão significativo desta praia do extremo sul”. Nessa relação construída entre a escola e a comunidade, de valorização tanto da cultura do balneário, como da efetiva participação e reconhecimento da comunidade na vida escolar, as autoras ainda reconhecem que:

Os moradores do balneário do Hermenegildo encontram na escola um marco decisório para a sua formação sociocultural, mostrando-lhes os primeiros passos, vivenciando junto com a escola os desafios, as conquistas, as soluções e principalmente cultivando no coração de cada um dos alunos o amor e a paixão pelo Hermenegildo. (SOUZA; ORCINA, 2010, p. 85)

Com isso, observa-se o contínuo trabalho da escola e sua comunidade com o objetivo do desenvolvimento escolar dos educandos, somado ao reconhecimento da importância da

trajetória e da realidade das famílias que vivem no balneário. Dessa forma, a escola busca manter projetos que viabilizem a efetivação desses objetivos. Dentre alguns dos diversos projetos que caracterizam a trajetória desta escola estão: Gincana de integração de fim de ano (que foi mantida de 1990 até 2008); A Feira de Ciências (tendo registro de meados dos anos 1990 e ocorre todos os anos na escola com as turmas de 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental); participação na Feira do Livro Municipal (em que a escola organiza apresentações artísticas e exposições interdisciplinares, com todas as turmas da escola, visando abordar temas acerca da realidade das famílias dos alunos e da cultura e natureza do balneário); por fim, destaca-se também a atuação do projeto da Gibiblioteca¹⁸, que é um projeto independente de incentivo a leitura em Santa Vitória do Palmar, que realiza diversas intervenções nas escolas do município, e que sempre tem espaço para atuação na E.M.E.F. Álvaro de Carvalho¹⁹.

No contexto da pandemia de Covid-19, a escola buscou manter o contato com os alunos, desenvolvendo estratégias para manter o acesso às atividades escolares, respeitando as normas de isolamento social, bem como a realidade de acesso à *internet* e aparelhos eletrônicos. De modo geral, o contato se deu através de grupos em redes sociais, em plantões de atendimentos na escola para entrega de atividades e acompanhamento da equipe diretiva e de professores no sentido de auxiliar pais e responsáveis a acompanhar o desenvolvimento escolar dos alunos em casa.

A trajetória da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho junto às famílias que vivem por diversas gerações no balneário, ou que se instalaram na localidade ao longo dos anos, se caracteriza pela constante ligação afetiva com esses indivíduos. Reconhecer essas trocas por meio da constituição da exposição digital e colocá-la em função das atividades de ensino e aprendizagem em História vem com o propósito da valorização e difusão da história local, como fonte de pesquisa e como recurso pedagógico para a ampliação dos conhecimentos históricos e propiciar aos educandos o sentimento de pertencimento ao ambiente escolar.

3.2 O produto e suas potencialidades

¹⁸ A Gibiblioteca é um projeto que tem por objetivo principal incentivar a leitura, divulgar as histórias em quadrinhos como arte, uma ferramenta pedagógica e instrumento formador do hábito da leitura. Está em atividade desde 2011, tem como seu idealizador Cassius Rodrigues, que também realiza as intervenções educativas de leituras nas escolas e administra o *blog* do projeto. Além desse contato direto com os gibis proporcionado aos alunos por meio das ações pedagógicas, no Blog da Gibiblioteca estão disponibilizadas versões digitalizadas de diversos quadrinhos, com leituras mensais e um vasto arquivo para acesso gratuito, o que durante o período da pandemia de Covid-19 está sendo uma forma de aproximação dos alunos com a leitura. Informações obtidas através do endereço <http://gibiblioteca.blogspot.com/>

¹⁹ Estes dados foram disponibilizados pela direção da escola, ainda estão pendentes as consultas diretas com os arquivos da escola e a confirmação destas informações.

Compreender a escola como produtora de conteúdo, que se enquadra no âmbito das pesquisas acadêmicas não é um movimento recente. Desde meados dos anos de 1990, os acervos escolares têm evidenciado o seu potencial para os estudos a respeito dos perfis das instituições escolares e, principalmente, da história da educação (FURTADO, 2011). Isso ocorre com base no reconhecimento dos diversos tipos de documentos que são produzidos no contexto escolar e que permitem o desenvolvimento de estudos nessas áreas e a partir das fontes produzidas no ambiente escolar, tendo em vista que:

Juntamente com seus atores, as instituições escolares produzem diversos tipos de documentos e registros de caráter administrativo, pedagógico e histórico, exigidos pela administração e pelo cotidiano burocrático, que perpassam inclusive seu âmbito pedagógico. Desse modo, as escolas apresentam-se como espaços portadores de fontes de informações fundamentais para a formulação de pesquisas, interpretações e análises sobre elas próprias, as quais permitem a compreensão do processo de ensino [e] da cultura escolar [...]. (FURTADO, 2011, p. 150)

Alinhado a essa premissa, pode-se afirmar que os acervos escolares e as experiências correlacionadas à vida escolar enquadram-se no espectro do que já foi conceituado, anteriormente, como Patrimônio Escolar (ALMEIDA; GIL) e, em razão disso, potencializam compreender a escola como objeto de estudo de contextos históricos, que fazem parte da trajetória da instituição e dos agentes nela inseridos. Para além do reconhecimento da instituição escolar como objeto de pesquisa da história da educação, compreende-se este espaço como formador de fontes para pesquisas e desenvolvimentos de metodologias de ensino para as disciplinas escolares, como a História. Ainda, para fomentar esse debate da importância e das possibilidades de pesquisas entorno do que é produzido no contexto escolar, cabe ressaltar que:

Exploradas, as culturas materiais e imateriais escolares e/ou educativas oportunizam novos olhares sobre o conhecimento e a interpretação da importância histórica e cultura do patrimônio que lhes são subjacentes. A legitimação dessa categoria nas pesquisas relaciona-se também, de modo incontestado, aos debates sobre memória, como, por exemplo, seus usos políticos, [...] as interações entre memória e história. De modo igualmente relevante atuam em sua elaboração e em sua consolidação as declarações e recomendações internacionais sobre a necessidade de criar políticas de proteção, conservação e difusão do patrimônio e ampliar as categorias de bens/artefatos suscetíveis a ser legados às gerações futuras. (SILVA, 2020, p. 206)

Dessa forma, a proposta de intervenção pedagógica apresentada neste relatório se

evidencia como uma das possibilidades de resultados que podem ser desenvolvidos nas inserções de pesquisa e prática no âmbito do patrimônio escolar. E que, entende-se a importância de se destacar na construção desse produto, não só os registros fotográficos que traçam a história da escola mas, principalmente, o enfoque no sentido de se apresentar aos professores, a coleta de materiais que demonstram a relação da escola com a comunidade em que está inserida, pois, de acordo com as motivações e objetivos almejados ao longo desta caminhada, infere-se que esta óptica está enquadrada nas aproximações entre o patrimônio escolar e ensino de História, no contexto em que se desenvolve essa pesquisa, bem como, nas possibilidades de utilização da exposição digital no desenvolvimento de atividades no âmbito da Educação Patrimonial.

A E.M.E.F. Álvaro de Carvalho conta com um administrativo (fichas de matrículas, perfil dos alunos matriculados e registros de atividades) e um acervo fotográfico, que pertencem à instituição e que foram disponibilizados para acesso e colaboração no desenvolvimento do produto desta pesquisa. Sendo assim, ambos foram utilizados em duas direções nesta pesquisa: a primeira no sentido da composição do acervo digital; e a segunda, para a análise da trajetória da instituição, realizando assim o reconhecimento e aprofundamento dos aspectos característicos dessa instituição para assim, compreender o público de interação com o qual o produto deste relatório se insere e busca ser aplicado. Além dos materiais da instituição, a exposição aqui proposta busca servir como suporte metodológico no ensino de História, com ênfase no uso de fontes escolares ou projetos pedagógicos, que visem trabalhar com o contexto escolar ou da comunidade.

Entende-se que o trabalho com o acervo fotográfico da escola disponibilizado em ambiente virtual, pode proporcionar aos professores a possibilidade de utilizarem recursos metodológicos, que projetam vivências como um instrumento integrador entre os alunos e o ensino de História, haja vista que oportuniza a utilização de “objetos não só para pensar o passado, mas ensinar sobre o passado; objetos podem “contar histórias” e não somente dar testemunhos de um evento” (GIL, 2015, p. 10) e, por conseguinte, propiciar o reconhecimento das mudanças e permanências históricas através do contexto próximo ao cotidiano dos alunos, partindo de experiências escolares, constituindo este elo entre as fontes produzidas no contexto escolar e o ensino de História, voltado para o reconhecimento dos alunos e da comunidade local como agentes formadores do contexto histórico em que estão inseridos.

Não obstante, a constituição da exposição a partir das fontes já mencionadas, acompanhamento de propostas de atividades para a utilização desse material, com ênfase em percursos voltados para a Educação Patrimonial, não tem a pretensão de esgotar os cenários

de aplicabilidade e adaptação em detrimento do planejamento docente e das propostas curriculares da disciplina e/ou projeto pedagógico, que se disponha a trabalhar com o contexto da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho no ensino de História, ou interdisciplinar. Ademais, tanto a organização da exposição, quanto as propostas de atividades estão sendo planejados para que se tenha a possibilidade de aplicação em todos os anos do Ensino Fundamental, e que possam ser utilizadas em projetos extracurriculares, ou seja, que envolvam multi séries (diversas disciplinas)²⁰, reforçando os pressupostos deste trabalho, de configurar um projeto que amplie as alternativas de aproximação das fontes produzidas no contexto escolar com o ensino de História através da Educação Patrimonial.

A respeito da circulação e formato do produto deste trabalho, em um primeiro momento a exposição teria uma versão *off-line*. Entretanto, após a consulta com a equipe diretiva a análise da viabilidade de uma versão *online* e digital, optou-se pela segunda versão. Isto se concretizou devido ao reconhecimento da ampliação das possibilidades do seu uso em ambiente digital, assim o professor poderá utilizá-la a qualquer momento, tendo em vista que o seu acesso não fica restrito à comunidade docente, podendo ser, inclusive, acessado pela comunidade local, ou quaisquer outros interessados na exposição das fotografias da escola, como na estrutura deste produto.

Ademais, será disponibilizada a localização de onde foram retiradas essas fontes, para que todas as informações possíveis estejam à disposição dos professores para o desenvolvimento de atividades em torno da temática proposta²¹. Em seguida, serão apresentadas algumas propostas de atividades²², com as descrições pertinentes à sua aplicabilidade, por fim a divulgação de referências sobre Educação Patrimonial e Ensino de História para que os docentes tenham a sua disposição autores que trabalham com estas temáticas. Com base nas fontes coletadas e refletindo sua aplicação e exequibilidade no contexto da sala de aula, as propostas de atividades terão ênfase em percursos didáticos, proposição de projeto de “pesquisa de campo” com os alunos (tendo por base atividades de

²⁰ Destaca-se que em atividades que se busque a utilização da exposição de forma interdisciplinar que se tenha adaptação de conceitos e linguagens das ferramentas ofertadas para o campo do saber específico. Ressalta-se que a organização da exposição se dá a partir do olhar da docência em História, dessa forma, não será da mesma maneira que os pressupostos da educação artística, por exemplo, mas não esgota a sua adaptação para esta e outras disciplinas escolares.

²¹ Na versão inicial deste trabalho, a ideia era a constituição de um espaço físico na escola para reunir e organizar o material recolhido e disponibilizá-lo aos professores, mas devido ao contexto da pandemia de Covid-19, e com a necessidade de alteração no andamento da construção do produto, chegou-se a este formato de apresentação do acervo.

²² Em uma aba de recursos da exposição digital do acervo são propostas duas atividades para a utilização do material. Estas têm como objetivo uma “inspiração” para os docentes terem exemplos do que pode ser realizado com o material disponibilizado.

Educação Patrimonial, tem-se em mente propor roteiros de investigação com alunos), abrindo espaço para outras possibilidades, as quais ainda podem emergir ao longo da imersão nas fontes da escola a partir da exposição de parte de seu acervo (acervo fotográfico).

Dessa forma, a escolha do formato apresentado e das proposições elaboradas neste trabalho partem do pressuposto de que “é fundamental encontrar equilíbrio entre pesquisa e difusão. Ou, na prática, preservar o acervo, possibilitar a investigação deste acervo e criar as condições de acesso a um público cada vez mais amplo” (GIL, 2015, p. 08). Assim, o contexto em que esta pesquisa é desenvolvida e o público que se pretende atingir, se enquadram em um formato de produto, o qual facilita seu acesso no ambiente escolar e, principalmente, no decorrer do planejamento docente quanto às suas metodologias de ensino.

4 O PRODUTO: EXPOSIÇÃO DIGITAL DE FOTOGRAFIAS DA E.M.E.F. ÁLVARO DE CARVALHO

A exposição do acervo fotográfico da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho se constituiu do desejo de introduzir a perspectiva do patrimônio escolar, não somente no sentido de reconhecê-lo, o que em si já teria um considerável valor sócio histórico, mas de apresentá-lo como potencial nas práticas do ensino de História, entendendo que as instituições escolares, a exemplo da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, além do seu papel formativo, também são produtoras de fontes constitutivas dos saberes e das referências culturais na realidade em que estão inseridas. Seu acervo, composto de documentos, objetos e fotografias (enfoque deste trabalho) apenas guardado em arquivos e armários cumprem seu papel institucional, mas deixam de ocupar espaços de formação cultural e histórica, tanto para a sua comunidade mas, principalmente, para seus sujeitos do cotidiano, alunos e professores. Com isso, a montagem desta exposição busca alinhar-se ao intuito de compreender acervos escolares como referências patrimoniais e que a exposição é um caminho para a interlocução entre o reconhecimento destes acervos como referências patrimoniais da educação e de um processo de aprendizagem histórica de forma crítica.

Um dos processos substanciais na elaboração e estruturação da exposição de fotografias compreende a curadoria das fotografias, o estabelecimento dos critérios de seleção que convergem com os objetivos da constituição deste trabalho. O ponto de partida para essa seleção está associado ao entendimento de que os registros, para comporem a exposição, devem traduzir um olhar à respeito da trajetória da instituição e evidenciar seu papel na comunidade onde está inserida, pois entende-se que a elaboração deste produto, se estabelece a partir da premissa de desenvolvimento de um estudo, que compreende a escola e suas produções documentais, como patrimônios escolares. Outro aspecto que norteia a escolha das fotografias²³ relaciona-se ao seu potencial para o desenvolvimento de práticas pedagógicas, com base na exposição fotográfica. Como o público-alvo do material apresentado são os docentes, sobretudo da área de História, as fotografias que compõem a exposição, estão atreladas à realização de sugestões de atividades que são apresentadas, de modo que os próprios docentes possam adequar essas atividades ou elaborar novas propostas, em consonância com a trajetória da escola, a qual é apresentada na exposição.

Para dar partida às considerações a respeito dos percursos da constituição deste

²³ Ao longo desta escrita serão apresentadas as composições totais dos acervos consultados e o número e categorias de fotografias selecionadas para compor o material da exposição.

trabalho, é necessário fixar o que se entende por exposição digital, que é a definição utilizada nesta escrita. Segundo Mairesse e Desvalléss (2013, p. 44), pode-se definir exposição digital como “exposições particulares que se desenvolvem na internet”, diferentemente do termo “exposição virtual” que, segundo estes mesmo autores, evoca a ideia de “mais precisamente, uma exposição em potência, isto é, uma resposta potencial à questão do mostrar”. Assim, entende-se que, exposições digitais, dizem respeito àquelas que “nascem” em ambiente digital; podem ou não, partir de um acervo material, mas não estão necessariamente ligadas à uma coleção já existente e exposta, seu projeto expográfico se desenvolve para se consolidar através de plataformas digitais, seus percursos, diálogos e resultados são pensados nesse ambiente.

Mediante isto, entende-se que o termo “exposição digital” enquadra-se dentro da proposta do produto que aqui está sendo apresentado, pois mesmo partindo de um acervo fotográfico - que em parte é físico -, não está atrelado a uma coleção já exposta. Dessa forma, todo o processo de curadoria, análise e montagem da exposição se estabelece no universo digital, desde a linguagem utilizada para aproximar-se do “público-alvo” da exposição (que são de forma geral docentes), até a construção identitária da exposição atrelada ao pressuposto de que esta ocorre em um ambiente específico e que busca apresentar ao visitante, a possibilidade de associar esta exposição digital e seu acesso às práticas de ensino em História.

Dessa forma, entende-se que os percursos deste trabalho direcionam-se no sentido de analisar o processo de constituição do produto final proposto e exposto ao longo desta escrita. Assim, é imprescindível um espaço para as reflexões no que tange a trajetória da elaboração da exposição digital do acervo fotográfico da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, bem como a análise sobre o trajeto alcançado, o qual converge no âmbito da inserção do patrimônio escolar no contexto do ensino de História.

Compreendendo a importância de análise dos percursos metodológicos para a estruturação deste trabalho; na presente seção, serão apresentados os percursos que envolveram a constituição do produto desta pesquisa. É sabido que por mais que os parâmetros para a construção do relatório técnico busquem um foco na apresentação do produto final, é fundamental para a compreensão da sua totalidade, analisar os caminhos e reflexões que se desenrolaram ao longo da formação do construto.

Assim, em um primeiro momento será exposto o processo da elaboração do projeto expográfico, que compreende a demonstração da definição dos objetivos e dos recursos utilizados. Além disso, apontamentos em relação ao cronograma de atividade, as características do acervo, o processo de curadoria e critérios de escolha das fotografias

expostas. Em seguida, a escrita terá o enfoque em evidenciar o processo da constituição e montagem da exposição digital, explanando sobre a plataforma escolhida, os agentes envolvidos como equipe de apoio para o desenvolvimento deste projeto, estabelecendo também as conexões com os referenciais teóricos que norteiam os objetivos deste trabalho, constituindo assim, um capítulo expositivo, mas que tece reflexões em relação ao trabalho realizado.

4.1 Trajetórias de pesquisa e seleção das fotografias para a exposição

Para o desenvolvimento da exposição fotográfica do acervo da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, inicialmente, realizou-se algumas adaptações em relação ao projeto inicial proposto. Como descrito anteriormente, o projeto gerador deste trabalho correspondia à produção de uma exposição que contava com um espaço físico na escola, que compreendia a seleção de um leque amplo de fontes; ademais, contava com a atuação direta de membros da escola e dos alunos. Em detrimento de diversos fatores, principalmente dos derivados do contexto pandêmico, foram efetuadas algumas alterações na trajetória e na construção desse produto. Dessa forma, passou-se a entender que, como em diversas instituições arquivísticas, de museus e centros de documentação histórica, que no contexto do isolamento social devido à Covid-19, passaram a pensar seus espaços também no universo digital para dar continuidade aos seus trabalhos, bem como aproximarem-se do público, ainda fornecendo entretenimento, cultura e práticas de ensino, que esta realidade também poderia ser aplicada na elaboração deste trabalho.

A pandemia da Covid-19 força uma nova apropriação desses meios pelos museus, uma vez que a obrigação de permanecerem fechados pela necessidade de distanciamento social torna o mundo digital um meio único não só de comunicação, mas de condição de participação destes espaços na vida pública. (SILVA, 2021, p. 01)

É oportuno salientar que essa incorporação das exposições de coleções de museus e outros espaços de ensino, não advêm do contexto pandêmico como uma total novidade, “os meios digitais vêm sendo incorporados pelos museus e centros culturais já há muito tempo e de diversas maneiras, seja como ferramentas educativas e interativas dentro das exposições [...], seja como plataformas de diálogo e engajamento com os visitantes” (SILVA, 2021, p. 02), o que se verifica é que a partir de 2020, o espaço digital não se configurou apenas como um suporte de segundo plano, mas sim, como a solução e continuidade do trabalho dessas instituições. Abre-se um universo de possibilidades de diálogos entre projetos expográfico e sujeitos que se interessem ou constituam o público desejado pelos envolvidos na elaboração

dessas exposições, mantendo a segurança individual e coletiva, e aprofundando laços de acesso à cultura e às práticas de ensino e aprendizagem.

Outro aspecto importante que se relaciona diretamente a esse novo contexto é evidenciar que não somente o convívio em espaços culturais foi limitado nesta nova conjuntura, mas também a rotina escolar foi incorporada, em níveis diferentes de acordo com a realidade social e de ensino de cada região, em modalidades à distancia usando a *internet* como suporte para interlocução entre professores e alunos, seja de modo síncrono ou assíncrono. “Os espaços escolares também não puderam mais atender aos estudantes presencialmente e as atividades escolares tiveram que ser reinventadas, passando a ser ofertadas totalmente de forma virtual” (VALENTINA; MATTOS, 2021, p. 12). Com isso, professores passaram a buscar novas ferramentas, que fossem acessíveis aos alunos em suas casas, e que se relacionassem com os conteúdos e percursos formativos estabelecidos. Assim, entende-se que as exposições digitais podem atender a esta demanda, uma vez que, acessadas pelos professores, podem repercutir em novas possibilidades de ensino e aprendizagem. E isto, não só no contexto em que se vive atualmente, como em propostas de atividades no contexto escolar de forma presencial.

A partir disto, entendeu-se que a elaboração de uma exposição digital enquadrava-se na realidade e nas possibilidades das práticas de pesquisa e ensino no contexto atual, bem como atendia a premissa original em estabelecer a análise das potencialidades da inserção do patrimônio escolar no ensino de História. Além disso, uma exposição em ambiente digital prevê um acesso mais amplo e menos limitado, podendo se enquadrar de forma mais contundente ao planejamento docente tanto em relação de tempo para estudo e acesso, como de comodidade, podendo ser acessada de casa auxiliando no trabalho do professor. Outrossim, é importante esclarecer que a exposição digital é adaptada e surge no contexto pandêmico; entretanto, seu uso e aplicação nas práticas de ensino de História, não se limitam a isto, pois como será exposto no próximo capítulo, as sugestões de intervenções didáticas, são idealizadas para um contexto em que as atividades escolares possam estar também em modo presencial.

Os percursos metodológicos estabelecidos para o desencadeamento da exposição quanto projeto a ser desenvolvido partem da premissa que para sua elaboração, primeiramente, é necessário estabelecer e identificar os objetivos que compreendem o conjunto expositivo e o(s) sujeito(s) para quem se destina esta exposição, ou seja, o público-alvo. Para nortear esse processo, três questionamentos são fundamentais: o que se pretende fazer? Por que se quer fazer? E para quem se quer fazer? (IBRAM, 2017). A partir das

reflexões emergentes destas indagações acerca das ações pretendidas, é possível trilhar os caminhos construtivos deste projeto expográfico.

Para “responder” a estes questionamentos, delineou-se juntamente a definição dos sujeitos e os objetivos traçados, ou seja, ao entender que esta pesquisa deseja alcançar a interlocução entre o patrimônio escolar e o ensino de História e que isto se tornasse uma realidade no planejamento docente, estabeleceu-se por qual canal isto iria ocorrer e quais objetos seriam utilizados. Assim, a escolha de elaborar uma exposição do acervo fotográfico da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, surge da disponibilidade de fotografias a respeito da instituição, dentro do próprio acervo da escola, como também a existência do acervo do professor Homero Rodrigues a qual vem a enriquecer informações a respeito da trajetória da instituição. Além disso, corresponde aos objetivos já expostos de valorizar a produção documental escolar como fonte de pesquisa Histórica, bem como ser utilizada como objeto e recurso para o contexto da sala de aula.

Em detrimento das justificativas já explanadas, a elaboração da exposição de fotografias pertencentes ao acervo da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho e de parte do acervo particular do professor Homero Rodrigues, que apresenta registros relacionados à trajetória da instituição, se estabelece a partir do intuito que compreende o patrimônio escolar ou relacionado à educação como parte das referências culturais de uma comunidade e que pode ser apropriado por esta. Nesse sentido, podendo também ser compreendido como uma fonte histórica que representa vivências desta localidade, e podendo ser inserido no contexto do ensino de História. A exposição se coloca como uma ponte nesse processo de reconhecimento, à medida que revela um novo olhar para parte do acervo da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, incorporando um sentido expográfico às fotografias e colocando-as à disposição de consulta e interação.

O público-alvo definido são os professores que querem utilizar o material da exposição, ou utilizar o projeto de trabalhar fontes do contexto escolar no ensino de História. Dessa forma, a linguagem utilizada, bem como a organização e seleção das fotografias dão-se na perspectiva de dialogar com os docentes, ou seja, as legendas elaboradas buscam apresentar a imagem em uma estrutura que possa elencar elementos importantes para a identificação da fotografia, os textos de apresentação buscam incentivar o professor a incorporar esses elementos em seu planejamento escolar, além de a exposição contar com um canal de diálogo com este público para trocas de experiências, sugestões e referências bibliográficas compartilhadas para aprofundar as temáticas que rodeiam este trabalho, tais como, educação patrimonial, ensino de História, patrimônio escola, memória e fotografia.

Inicialmente, o primeiro processo de elaboração do projeto da exposição consistiu na realização de pesquisas em relação ao acervo; este movimento se faz necessário, pois entende-se que:

A pesquisa às fontes específicas de conhecimento dará o suporte que servirá de base para a construção da exposição. Essa pesquisa poderá ser feita, segundo as necessidades da exposição e as decisões da equipe, a partir de fontes documentais, objetos, entrevistas, história oral, fotografias, filmes, enfim, uma infinidade de origens, e estará de acordo com o enfoque que será dado ao tema na exposição. Uma exposição não deve induzir ao erro ou reproduzir informações sobre as quais não haja certeza da veracidade. (IBRAM, 2017, p. 23)

Isto é, a constituição de uma exposição não se relaciona apenas em apresentar objetos, fotografias e quaisquer outros elementos que compõem um acervo aos seus visitantes, antes de tudo, exposições têm um sentido educativo e informativo, tendo em vista que:

Procura-se oferecer ao público a oportunidade para um comportamento ativo cognitivo (intelectual e emotivo), interagindo com a exposição. Em síntese, procura-se a interação entre a mensagem expositiva e o visitante, para que a exposição permita uma experiência de apropriação de conhecimento. (CURY, 2005, p. 38)

Para tanto, o processo de constituição da exposição deve ser pautado em pesquisas que busquem apresentar elementos e informações que proporcionem uma experiência ativa ao público, construindo uma relação dinâmica entre exposição e sujeitos, pois a finalidade de um espaço expográfico transborda a apresentação de acervos e coleções, tendo em verdade um papel político e educativo, que busca apresentar resultados na produção do conhecimento e de saber que se constituem em uma relação conjunta, envolvendo os objetos expostos e como estes são apropriados na constituição do conhecimento aos seus visitantes e público alvo.

Em relação ao desenvolvimento do produto aqui elaborado, as pesquisas se deram, mormente, na instituição de ensino, com auxílio de arquivos referentes à fundação da instituição e sua trajetória, no próprio acervo fotográfico, buscando elementos que auxiliassem na sua categorização (nesta etapa foi fundamental o auxílio da equipe diretiva, pois parte desta já tem vínculo com a instituição há trinta anos, com isso, conseguiu estabelecer datas e até mesmo identificar sujeitos que estavam nestes registros). Além disso, realizou-se contato e busca com setores da prefeitura do município, principalmente, com a Secretaria Municipal de Educação e a Secretária Municipal de Planejamento, na tentativa de localizar as documentações que registram a fundação da escola, bem como a sua construção, sobretudo, em relação ao prédio atual – que é o único existente. Entretanto, não se obteve nenhuma resposta concreta sobre a localização dessa documentação. Assim, o que se tem

como fonte para compreender a fundação e percursos da escola são fontes secundárias, a partir de materiais produzidos pela escola, e de estudos de pesquisadores sobre o município e sobre o balneário.

Nas incursões junto ao acervo fotográfico do professor Homero Rodrigues, foi realizada uma entrevista no dia 04 de fevereiro de 2021, em que o historiador apresentou as informações que ele coletou ao longo das suas pesquisas sobre o balneário a respeito da escola da localidade. Segundo ele, seu foco de pesquisa não envolve a E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, mas sim a história do Balneário do Hermenegildo, seus primeiros moradores e o processo de ocupação da região, ao longo do século XX. Nesse percurso, paralelamente, algumas fontes e informações a respeito da escola acabam orbitando nas suas pesquisas. Suas contribuições foram a respeito do contexto sócio-político do município durante a fundação da escola, bem como da localização da escola ao longo dos anos, como pode ser observado no que foi descrito no item 3.3 e de acordo com a transcrição da entrevista (Apêndice 2). Junto a isso, realizou-se a consulta de seu acervo fotográfico, o qual conta com mais de 50 fotografias no contexto do Balneário, abrangendo desde o fim do século XIX (registro da primeira família a ocupar a região costeira, que fundaria o Balneário posteriormente), até fins dos anos 1990. Seu acervo é composto por registros autorais e por doações de toda a comunidade.

O processo de curadoria é parte fundamental na elaboração do projeto expográfico e na execução da exposição. É por meio dele que se consegue visualizar e aplicar parte dos objetivos traçados para o trabalho. Isso porque, é através da curadoria que se faz a seleção dos itens que vão compor a exposição, entendendo que nem tudo que compõe um acervo, necessariamente, precisa estar na íntegra, pois é imprescindível que exista uma unidade entre o material exposto e o sentido traçado para o projeto. Como evidencia Barbosa (1994, p. 96), selecionar o que vai ser evidenciado e ocultado de um acervo em uma exposição é um processo constante imprescindível ao trabalho de montagem expográfica, pois:

El mostrar y ocultar constituye una dialéctica permanente en el oficio del montaje. Una exposición está mostrando algo que representa en sí mismo un valor cultural y el montaje debe contribuir a que este valor se aprecie del modo más directo. Para ello se trabaja constantemente en mostrar y resaltar lo necesario y ocultar o sustraer a los ojos del público todo aquello que interfiera en la apreciación de la muestra.

Assim, por meio da curadoria e seleção das fotografias que compõem a exposição se consegue de forma mais efetiva alcançar as metas estabelecidas, bem como criar um canal de diálogo com os visitantes de forma objetiva e coerente, pois a curadoria “atua com o propósito

de analisar, conservar, organizar e até enriquecer uma coleção” (RUPP, 2011, p.136), que compõe um espaço expográfico. No caso da exposição aqui apresentada, o processo de curadoria se detém ao princípio de apresentar através do acervo fotográfico a trajetória da instituição de ensino e acima de tudo, propiciar aos professores caminhos para a inserção do patrimônio escolar no ensino de História. Para tanto, a seleção das fotografias foi feita no intuito de atender estes aspectos norteadores.

O procedimento de inserção ao acervo e curadoria se deu, fundamentalmente, em três momentos. O primeiro, com a ida na escola e mapeamento de todo acervo fotográfico; em seguida, em outro momento, com a visita ao professor Homero Rodrigues, momento em que se realizou a análise de seu acervo fotográfico, além da entrevista (Apêndice 2). E, por último, estabeleceu-se os critérios de seleção e a escolha das imagens que irão compor a exposição.

O acervo fotográfico da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho conta com um acervo de fotos físicas e um acervo de fotos digitais. O primeiro grupo de imagens corresponde aos registros mais antigos (década de 1990 e década dos anos 2000); já, o segundo, são imagens mais recentes (a partir de 2016 até o ano de 2019). A organização das fotografias ocorreu de acordo com “nichos temáticos”, ou seja, elaborou-se uma lista contanto algumas características contudentes: período do registro; natureza das fotografias e temática (com três subdivisões, festividades e apresentações; visitas técnicas e passeios; trabalhos e exposições). O acervo físico, que fica nas dependências da escola, conta com quarenta e três fotografias que datam do ano de 1996 até 2005; já o acervo de fotografias digitais, que estão armazenadas em um dispositivo *pen drive*, conta com quatrocentos e noventa e oito fotos e datam dos anos de 2016 a 2019. Seguindo os critérios mencionados anteriormente, as fotografias foram categorizadas conforme as tabelas (1 e 2) indicadas, a seguir:

Tabela 1 Organização das fotografias do acervo físico da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho

Categoria temática	Nº de fotografias	período
Festividades e apresentações	Vinte e três	1996-2005
Viagens e visitas técnicas	Seis	1997-1998
Desfile cívico	Seis	
Formaturas e comemorações dos alunos	Cinco	
Gincanas e feiras de exposição	Três	

Fonte: produção da autora, 2021.

Tabela 2 Organização das fotografias do acervo digital da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho

Álbum ²⁴	Nº de fotos	Período
“Festa Gaúcha”	Onze	2016
“Festa dos Pais”	Oito	2016
“Trabalho sobre Olimpíadas” (exposição)	Cinco	2016
“Comemoração pelo dia das crianças”	Quarenta e um	2016
“Formatura do 9º ano”	Cento e vinte e cinco	2016
“Festa para as mães”	Cento e onze fotos	2017
“Passeio ao museu da PUCRS”	Trinta	2017
“Festa caipira”	Sessenta	2018
“Dia dos pais”	Trinta e cinco	2018
“Formatura 9 ano”	Trinta e sete	2018
“Aniversário de 66 anos da escola”	Trinta e cinco	2019

Fonte: produção da autora, 2021.

Com base nesta categorização das fotografias, definiram-se os critérios de seleção das quais iriam passar a compor a exposição. Para tanto, foram estabelecidos os nichos temáticos para comporem a exposição. Este processo de categorização da exposição é fundamental para a apresentação dos objetos (neste caso, as fotografias) e para a constituição da ideia que se quer transmitir como fundamento do projeto e para seus visitantes. Como o plano norteador dos objetivos alinha-se na premissa de associar a exposição (composta por acervo escolar) ao Patrimônio Escolar como ferramenta às práticas de ensino de História, elegeu-se fotografias que representassem elementos da trajetória da escola, envolvendo elementos representativos da sua história como instituição de ensino e aspectos das memórias e dos sujeitos que constituíram sua trajetória quanto ambiente de aprendizagens e de socialização. Nesta esteira, entende-se que:

Evidentemente, a valorização da fotografia não se radica em sua maior ou menor ambiguidade e beleza, senão na medida em que nos informa de aspectos históricos, econômicos ou sociais da época que se pretende recuperar. Nesse sentido, a fotografia constitui um valioso patrimônio documental por representar, mediante uma técnica concreta, acontecimentos e padrões culturais que, junto ao componente informativo, nos faz saber quem, como, quando, em que e onde, e enriquece nossa compreensão do contexto social (MALVERDES; LOPEZ, 2016, p. 68).

²⁴ Para a organização das categorias das fotografias do acervo digital, respeitou-se o nome dos álbuns dos arquivos, pois com isso apresenta-se uma perspectiva mais singular sobre a organização desses arquivos. Como, em relação às fotografias físicas, não há uma organização específica, e estas estão dispostas em um único álbum, se fez necessário a criação de títulos para as categorias.

Assim, foram estabelecidos dois eixos temáticos para a exposição das fotografias. O primeiro eixo, intitulado “da Escola 34 aos dias atuais”, conta com três fotografias que perpassam as sedes da instituição. Dessas fotografias, duas pertencem ao acervo do professor Homero Rodrigues, e representam o registro dos dois primeiros locais disponibilizados para o ambiente das atividades escolares; e uma é de produção autoral retratando o prédio atual da escola, já que no acervo da instituição não foram encontradas fotografias que registrassem com boa qualidade de imagem a fachada da escola²⁵. O segundo grupo temático de fotografias foi nomeado “vivências e memórias: a escola e seus sujeitos”, contando com registros dos eventos, celebrações e experiências de alunos e corpo de funcionários no contexto escolar. Este é o eixo com maior número de fotografias (foram selecionadas 15 fotografias ao todo para este eixo expositivo) já que, conforme as relações apresentadas nas tabelas um e dois, contam com um maior número de registros justamente esses momentos de interação, de festividades entre outros momentos de convívio, fora do cotidiano da sala de aula, dos sujeitos da escola.

Outro critério na constituição dos eixos temáticos e na seleção das fotografias se estabelece no interesse de apresentar uma relação entre elas, e para tanto, buscou-se fotografias do acervo físico e do acervo digital e representassem momentos “semelhantes”. Como exemplo disso buscou-se elencar registros de formatura do acervo físico, com os registros do mesmo tipo de evento registrado e pertencente ao acervo digital, isso por que, este conta com registros mais recentes, enquanto aquele se refere aos registros das décadas de 1990 e 2000, e esse movimento de análise do conteúdo das fotografias e suas relações se deram sucessivamente com outros registros e temas, dentro das possibilidades apresentadas²⁶. Por fim, neste processo de curadoria das fotografias, foi levado em consideração a qualidade das imagens e sua autenticidade dentro do acervo, para formar um espaço expositivo atrativo, visualmente acessível e entendível e com fotografias diversas²⁷.

²⁵ A organização e disposição das fotografias na exposição são apresentadas no próximo subitem em que se discorre a respeito da montagem da exposição.

²⁶ É fundamental destacar que em nem todos os casos é possível estabelecer a correlação apresentada no exemplo dado no texto, tendo em vista que, alguns registros apresentam características singulares, ou seja, não se tem viabilidade de estabelecer este paralelo entre os conjuntos fotográficos, como é o caso da pasta de fotografias em comemoração aos 66 anos da escola, não há outros registros desta mesma celebração, assim sua evidência está na importância que o registro tem na confirmação da data de fundação da escola, em representar os indivíduos que fazem parte desse contexto no ano do registro e da celebração do aniversário da escola. Seu uso na exposição se faz pertinente a medida que está dentro da perspectiva do segundo eixo temático, mas não se relaciona com outros registros diretamente. Assim, alguns casos apresentam a possibilidade de relação entre presente e passado dentro de uma mesma referência temática do registro, e em outros casos isso não ocorre; entretanto, não se retira a pertinência de seu uso expositivo dentro do contexto deste trabalho.

²⁷ O acervo de fotografias digitais da escola, contém o maior número de fotografias, ao passo que também conta com um número expressivo de fotografias de baixa qualidade visual (imagens sem foco, não apresentando

Outro aspecto fundamental na elaboração do projeto expográfico relaciona-se a criação da identidade da exposição, ou seja, a idealização do *layout* da plataforma, que envolve a determinação de cores e fontes para legendas e textos, assim como o título da exposição. Todos esses elementos criam a interface do espaço expográfico, e assim como todos os outros elementos, deve estar em sintonia com os objetivos e premissas do projeto. Assim, pode-se afirmar que a identidade visual da exposição está associada ao “elemento visual que será apresentado como a ‘cara’ da exposição. Pode ser um objeto, um ambiente, uma cor ou um conjunto de coisas que possam ser identificadas facilmente com o que a exposição pretende ser ou mostrar” (IBRAM, 2017, p. 25). Para colocar em evidência esses pressupostos, levou-se em consideração, principalmente, elementos que associassem a exposição à escola, além das fotografias que já se alinham a esse papel, buscar estabelecer uma relação que explore diversos elementos elencados à instituição. Com isso, para a elaboração do *layout* do *site* da exposição o primeiro ponto característico escolhido foi a escolha das cores, pois acredita-se que “como uma linguagem, a cor é difícil de assimilar por meio de raciocínios e interpretações. Ela atrai nosso olhar, mas seu impacto é muito determinado por fatores culturais, psicológicos, simbólicos e funcionais” (IBRAM, 2017, p. 46).

Por conseguinte, dentro do ambiente expositivo necessita-se estabelecer canais que explorem estes *links* cognitivos para dar unidade entre os elementos que compõe a exposição, e isto compreende, desde os objetos expostos, até os objetivos traçados. Ou seja, é importante que esses elementos estruturais se alinhem à identidade do trabalho. Para tanto, escolheu-se as cores utilizadas como símbolo da instituição, que são dois tons de azul, o marinho e o celeste. Assim, estipulou-se o corpo de fundo da exposição em tons marinho (para dar evidência às fotografias ao longo da apresentação) e o azul celeste foi incorporado nos títulos das seções da exposição. Além dessas cores, no plano de fundo ainda é utilizado o branco nas seções em que são incorporados os textos. Conforme pode ser observado nas figuras (1 e 2), a seguir, que apresenta a construção de contrastes entre texto e cores, observa-se a necessidade de se constituir uma imagem harmônica entre cor e texto, e que essa construção interfere tanto na identidade visual da exposição, quanto na atratividade que o texto vai ter para o leitor, pois como já foi expresso acima, o uso de cores não se refere apenas a uma associação mecânica, e sim, está ligado a um universo de estímulos psicológicos e cognitivos..

Figura 1 Exemplo de contraste harmônico entre cores e textos

Preto/Amarelo	Preto/Amarelo
Preto/Branco	Preto/Branco
Preto/Laranja	Preto/Laranja
Azul/Branco	Azul/Branco
Verde/Branco	Verde/Branco
Vermelho/Branco	Vermelho/Branco

Fonte: IBRAM.

Figura 2 Exemplo de contraste desarmônico entre cores e textos

Vermelho/Amarelo	Vermelho/Amarelo
Vermelho/Preto	Vermelho/Preto
Vermelho/Laranja	Vermelho/Laranja
Vermelho/Azul	Vermelho/Azul
Vermelho/Verde	Vermelho/Verde

Fonte: IBRAM

A partir dos exemplos citados acima, observa-se que a associação do azul e do branco na composição de imagem com texto ocorre de forma harmônica, facilitando a compreensão textual e estética da exposição. Além de atribuírem essa combinação a construção identitária do projeto, tendo em vista que essas cores se associam à instituição de ensino e seu acervo promovendo a construção do simbolismo necessário para aproximar o público da exposição, bem como na atratividade e fluidez da leitura dos textos e consultas aos objetos expostos.

Outro parâmetro de identidade visual pensada para compor a exposição é o logotipo da escola como ícone principal no acesso à plataforma em que o projeto se materializa. Este ficará visualmente em destaque, reforçando as referências associadas a E.M.E.F. Álvaro de Carvalho e seu acervo à exposição. A partir destes elementos, observa-se que, por mais que pareçam recursos simples e que não compõem o objeto principal de estudo e abordagem da exposição, exercem um papel significativo no construto de trabalhos nessa área. Uma exposição não se traduz apenas em sua coleção, mas em todo o universo constituído para abarcá-la, como se verifica através das afirmações de Cury (2005, p. 42):

As exposições são concebidas com vistas às experiências do público. Exposição é, didaticamente falando, conteúdo e forma, sendo que o conteúdo é dado pela informação científica e a concepção da comunicação como interação. A forma da exposição diz respeito à maneira como vamos organizá-la, considerando a organização do tema (enfoque temático e seu desenvolvimento) a seleção e articulação dos objetos, a elaboração de seu desenho (elaboração espacial e visual) associada a outras estratégias que juntas revestem a exposição de qualidades sensoriais.

Ou seja, na elaboração de um projeto expográfico e na execução da exposição, diversos elementos compõem esses processos, pois se refere à constituição de um espaço de interação humana e dinâmica com o conhecimento. E, para que isso ocorra não basta apenas apresentar, “mostrar”, um conteúdo e sim, criar canais de experiências dinâmicas e de aprendizagem para o público.

Dentro deste universo da esquematização do projeto e sua identidade, associa-se a escolha do título. Este se encontra em evidência no espaço expositivo, e no que se refere ao universo de exposições digitais, isso se dá de forma ainda mais perceptível, pois ao acessar a plataforma, o visitante é direcionado ao título da exposição. Por esse motivo, é essencial que o título transmita um ele entre o conteúdo exposto e o intuito do trabalho (assim como em outros elementos para a elaboração da exposição). O título escolhido para a exposição é semelhante ao usado neste relatório. A frase “A escola é o nosso patrimônio” sintetiza aspectos fundamentais que envolvem esse projeto desde a sua idealização, objetivos e

execução. Apresenta a escola como parte do objeto expositivo, além disso, busca afirmar que este espaço é patrimônio daqueles que vivem em seu contexto social, usa-se o termo “escola” genericamente justamente para trazer à tona esse princípio que toda instituição de ensino é passível de ser patrimonializada, não somente na ideia de consagração oficial, mas de ser apropriada pelos seus sujeitos e pela sua comunidade. Em seguida, desta frase, o título é completado com as informações descritivas para orientar e ambientar o visitante da exposição (subtítulo): “exposição de fotografias do acervo da E.M.E.F Álvaro de Carvalho e contribuições”. Com isso, pretende-se aproximar a descrição do projeto expográfico de forma elucidativa ao público.

Por último, destaca-se que para a elaboração e desenvolvimento deste projeto foi necessário estabelecer um cronograma de atividades (tabela 3), que envolveu desde o planejamento das etapas já mencionadas, como consulta aos acervos utilizados para compor a exposição, entrevistas realizadas; curadoria dos acervos, definição da equipe de apoio para a elaboração da exposição²⁸; seleção dos aspectos identitários e, por fim, a montagem da exposição²⁹.

Tabela 3: Cronograma de atividades para a elaboração da exposição

Atividade	Período (em semestre)
Consulta ao acervo da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho	01/2021
Consulta ao acervo do Professor Homero Rodrigues	01/2021
Curadoria dos acervos	01/2021
Elaboração do projeto expográfico	02/2021
Constituição da Exposição	02/2021
Divulgação e Inauguração da Exposição	02/2021

Fonte: produzida pela autora, 2021.

A partir das reflexões aqui dissertadas, é possível compreender que no processo de constituição de uma exposição (independente do seu tipo), o projeto expográfico é fundamental para a criação, reflexão e execução do trabalho. É por meio dele que se vislumbram as formas e recursos que devem ser utilizados, bem como realizam-se as adaptações necessárias. Todos os elementos expostos elucidam os caminhos estabelecidos

²⁸ No próximo subitem (4.2), será abordado aspectos relacionados aos indivíduos e órgãos que auxiliaram no desenvolvimento da exposição.

²⁹ Aponta-se que, mesmo não sendo seguido à risca e tendo que sofrer adaptações ao longo do percurso, o cronograma de atividades no desenvolvimento de uma exposição é fundamental para a organização e planejamento das etapas do trabalho, auxiliando no processo de construção da exposição.

para alinhar os objetivos do projeto e a comunicação com o público alvo por meio da exposição. Para dar continuidade e aprofundar alguns outros aspectos em relação à exposição de fotografias do acervo da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, nas próximas subseções será abordada a estrutura da exposição e, em seguida, os processos de avaliação do trabalho realizado.

4.2 A estrutura e a montagem da exposição

Após a apresentação do processo de constituição do projeto expográfico, nesta seção serão descritas as características do modo de organização e elaboração da exposição no ambiente digital e os critérios de escolha da plataforma utilizada. Em seguida, apresenta-se a estrutura da exposição e os recursos e conteúdos contidos, desde a organização das fotografias até os recursos disponibilizados para contato e aprofundamento do tema abordado na exposição. A partir dessas explanações, pretende-se apresentar a constituição da produção realizada nas incursões desta pesquisa, e as considerações e aproximações desta com os objetivos propostos para o desenvolvimento do presente texto.

A constituição da exposição das fotografias do acervo da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho realiza-se a partir de uma rede de planejamento e execução que compreendem desde aos envolvidos diretamente com o projeto (pesquisadora e orientação) como outros membros que tiveram envolvimento na execução deste trabalho. Para a constituição da exposição, este projeto recebe apoio da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC-FURG), por meio da Diretoria de Arte e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande, com o auxílio da acadêmica Maria Rita Martins, do Curso de Artes Visuais. Esse apoio foi fundamental para a constituição de um olhar interdisciplinar na produção da exposição, o que proporcionou uma troca profícua de experiências e perspectivas no processo de desenvolvimento do projeto.

Por mais que o enfoque desta pesquisa esteja relacionada ao uso das fotografias, compreendendo-as como componentes do acervo da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho e por conseguinte, das referências patrimoniais da instituições com o ensino de História, as fotografias não são apenas fontes históricas, como também podem ser compreendidas como produções artísticas. Então, poder compartilhar essas visões distintas sobre um mesmo objeto, aprofundou o diálogo a respeito da apresentação e do trato das fotografias no espaço expositivo.

Além disso, este suporte ao desenvolvimento da exposição permite que técnicas de avaliação das fotografias sejam exploradas de forma a aprimorar o processo deste trabalho, tendo em vista que estes órgãos da Universidade Federal do Rio Grande já desenvolvem

diversos trabalhos relacionados à exposições de diversos seguimentos, assim estando habituados com os procedimentos necessários para a avaliação dos objetos expostos. Nesse sentido, as fotografias selecionadas de acordo com os critérios de curadoria, passaram por nivelamentos de qualidade de imagem, além do fato de que, em alguns casos, a incorporação de filtros para compor o *designer* da apresentação de acordo com os elementos de identidade visual, como pode ser observado na figura, a seguir³⁰ (figura 3):

Figura 3: Exemplo de comparação para o tratamento das fotografias aplicadas na exposição



Fonte: produção da autora, 2021.

Nesse sentido, ainda abordando aspectos técnicos, as fotografias usadas no *layout* da exposição passaram pelo tratamento de opacidade, de modo a não saturar a página e tirar o foco dos textos, títulos e legendas. Ademais, foi utilizado o filtro *crocante* (recurso disponível nas ferramentas de edição da plataforma em que a exposição foi estruturada) para dar uma cobertura na cor azul – fazendo correspondência aos elementos que integram a estrutura visual. Ademais, no que concerne ao trato com as fotografias no espaço da exposição, no andamento da sua composição, também foram utilizadas ferramentas de modo a aprimorar sua apresentação, tendo em vista que o processo de digitalização de imagens, no caso do acervo físico, acaba danificando alguns aspectos da qualidade da imagem, causando alterações no brilho, contraste, saturação e cor. Assim, de acordo com as demandas surgidas, antes de

³⁰ Na composição visual de cada seção da exposição, seguindo a orientação do apoio DAC, foram selecionadas fotografias para compor o plano de apresentação da página. No caso da fotografia que compõe a figura 3, o modelo editado faz parte da página inicial da plataforma. Assim, cada espaço da exposição conta com referências à respeito do tema que a compõe, fomentando a identidade visual do projeto.

integrarem a exposição, as fotografias passaram por uma edição de imagem³¹ de forma a melhor serem apresentadas e proporcionarem uma unidade estética ao espaço expositivo.

Com relação ao ambiente digital escolhido para a constituição da exposição, a plataforma utilizada para o desenvolvimento do projeto foi o *site Wix*³², desenvolvido para a elaboração de *websites*, com diversos recursos gratuitos. Os critérios utilizados para o uso desse ambiente para a execução da exposição estão atrelados às facilidades de acesso à plataforma tanto na versão *web* como *mobile*, permitindo seu uso mesmo em situações mais restritas ao acesso à *internet*. Aos recursos disponíveis na plataforma e de seu entendimento intuitivo, isto é, o manuseio desse ambiente possibilita seu uso até para aqueles que não têm formação ou conhecimentos aprofundados acerca de sua estrutura e possibilidades de aplicação. Basta criar uma conta que, em seguida, o canal para configuração de *website* é disponibilizado e todas as ferramentas necessárias para isso. A plataforma possibilita a criação de *sites* em diversos modelos³³. Além disso, a equipe de apoio da Diretoria de Arte e Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Rio Grande, que auxiliou no desenvolvimento do projeto, já desenvolvem exposições, mostras e eventos através desse recurso digital, tendo assim, maior familiaridade com a plataforma.³⁴

Após a definição da rede de suporte para auxiliar na constituição da exposição e na escolha da plataforma, iniciou-se o processo de montagem da exposição. Essa etapa é fundamental no processo de execução do projeto, pois é neste momento em todos os recursos expográficos elencados e mencionados no planejamento são executados e materializam o amálgama entre objetivos e execução da exposição. Dessa forma, é um processo que demanda tempo e dedicação, tendo em vista que implica revisão teórico-metodológica e dos objetivos traçados, pois “expor é, sobretudo um ato de dar significado. Assim, a forma de apresentar deve ter uma lógica, uma estrutura interna de modo a que o exposto adquira o sentido desejado” (BRITO, 2003, p. 38). A montagem da exposição é o momento em que se contempla a efetivação do sentido que se quer ter no trabalho e que foi previamente traçado

³¹ Entende-se que esse processo refere-se ao aprimoramento da fotografia, sem alterar o que o registro representa, ou seja, em nenhuma das fotografias expostas houve o uso de *photoshop*, de modo que alterasse a identidade da imagem. Apenas foram usados os recursos já mencionados no texto, no intuito de aprimorar ou reiterar a qualidade das fotografias.

³² Para obter mais informações a respeito da estrutura e dos recursos disponíveis para a utilização dessa plataforma, acessar: <http://www.wix.com>

³³ Através do *site wix* o usuário tem a sua disposição modelos de diversos tipos de *sites*; de acordo com seus objetivos, pode-se criar *sites* de busca, de vendas, de informações e expositivos, como é o caso aplicado neste trabalho.

³⁴ A exemplo dos trabalhos realizados pela DAC-FURG, disponibiliza-se o acesso a exposição “Espelhos do amanhã de Ane Ramos”, atividade pertencente ao projeto de Agenda Cultural Virtual, no contexto da pandemia da Covid-19. Atividade disponível em: <https://dacfurg.wixsite.com/agendacultural>

por meio do plano de exposição e dos objetos estabelecidos. Isso porque, um mesmo acervo ou coleção pode, em uma exposição, adquirir profusos sentidos, estando sujeito aos pressupostos e análises da curadoria e de sua equipe, pois é por meio do estabelecimento dos critérios de seleção que se constituiu o sentido da apresentação da exposição.

Ao montar uma exposição de acervo, tem o curador a sua disposição os trabalhos de uma instituição. O pensamento ali engendrado se dará a ver a partir da forma como esses trabalhos serão dispostos na galeria, na sala, no espaço disponível para determinada mostra. Dessa maneira, seu argumento constrói narrativas de diferentes naturezas que não partem de um único objeto, mas da sua colocação em relação [ao programa estabelecido e seus métodos expográficos]. (SIMÕES, 2016, p. 2335)

A organização da exposição buscou apresentar divisões que contemplassem as abordagens necessárias quanto ao entendimento do material exposto (fotografias dos acervos selecionados), bem como canais de diálogo e ambientassem o visitante aos pressupostos que sustentam o projeto. Assim, é equivocado presumir que apenas apresentar objetos compõe uma exposição, como já trabalhado nas reflexões anteriores, exposição compreende um sentido educativo e de interação entre público e objetos expostos. A constituição de espaços de interação com o público e a elaboração de textos que acompanham o material exposto é substancial na construção expográfica. O enfoque da exposição é apresentar as fotografias e dialogar com professores as possibilidades de integrá-las em percursos didáticos no ensino de História, entendendo-as como parte do acervo da instituição e, por conseguinte, como patrimônio escolar, evidenciando as potencialidades dos acervos escolares nas práticas de ensino e de pesquisa sob o olhar das trajetórias escolares.

Objetos e documentos escolares antes tratados pela sua utilidade passam, cada vez mais, a valerem pela sua capacidade de remeter a outra coisa - valor de signo - e para uma compreensão do conjunto de fazeres praticados no interior da escola. Estes materiais são imprescindíveis à pesquisa porque documentam, também, as reformas educacionais, as políticas, as propostas de ensino, na perspectiva daqueles que acatam ou subvertem as imposições e enfrentam dificuldades e dilemas para por em prática aquilo que foi elaborado pelo poder público. (CUNHA, 2015, p. 295)

Levando em consideração essas reflexões e de modo a se entender os parâmetros norteadores deste projeto, a exposição foi categorizada de acordo com a tabela 4 em que se expõe a seção e o conteúdo abordado. Em seguida, serão descritas e analisadas de modo mais aprofundado cada um desses itens e os recursos utilizados.

Tabela 4: Organização da Estrutura de apresentação da exposição

Seção da Exposição	Conteúdo
Página Inicial	Título da Exposição; informações institucionais
Sobre o Projeto	Descrição do conteúdo da exposição e dos objetivos do trabalho
Exposição	Apresentação dos eixos temáticos das fotografias, legendas e textos descritivos
Informações Acadêmicas	Sugestões de atividades e referências bibliográficas que abordam as temáticas do projeto
Contato	Formulário de interação com os visitantes, para que estes possam enviar retorno de experiência e sugestões.
Dedicatória	Texto voltado aos docentes – público alvo da exposição
Agradecimentos	Agradecimentos aos envolvidos e apoiadores para a realização da exposição.

Fonte: produção da autora (2021).

A exposição é iniciada com a apresentação do título “A escola é o nosso patrimônio! Exposição de fotografias do acervo da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho e contribuições”, este primeiro cenário de acesso é a página inicial do *site* do projeto; nele, também são apresentados os “botões” de acesso às outras seções da plataforma, bem como os ícones representativos dos órgãos vinculados ao desenvolvimento deste trabalho. Em outras palavras, é a “porta de entrada” do visitante à exposição. Além disso, nesta página, estão apresentados os apoiadores do trabalho: DAC/PROEXC e os órgãos de vínculo deste trabalho: Instituto de Ciências Humanas e da Informação (ICHI) e o Programa de Pós-Graduação em História (PPGH-FURG), todas estas entidades são seguimentos de atuação acadêmica e administrativa da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Como já evidenciado na descrição da elaboração do projeto, o *layout* do *site* conta com a adaptação de uma fotografia do acervo apresentado e com as cores definidas como plano de fundo e textos, como pode ser verificado na figura 4, a seguir:

Figura 4: página inicial da Exposição



Fonte: produção da autora (2021).

O segundo espaço da exposição diz respeito à explicação para os visitantes. Nele se discorre de forma concisa os aspectos gerais sobre o trabalho, objetivos e percursos trilhados para a sua constituição. Esse ambiente se faz necessário para indicar as intenções e o tratamento dado às fotografias, dando o sentido específico que se pretende ao material exposto. O texto revela as seguintes afirmações:

A Exposição digital de fotografias pertencentes ao acervo fotográfico da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho é produzida no contexto do desenvolvimento do projeto de mestrado da acadêmica Iryna Corrêa, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande, é constituído a partir da seleção de fotografias pertencentes ao acervo da escola e do acervo do Prof. Homero Rodrigues que representam a trajetória de fundação e do cotidiano escolar, como festividades e visitas técnicas que foram registradas e mantidas pela escola. Este trabalho tem por objetivo principal dispor aos professores um recurso que aproxime o patrimônio escolar das práticas de ensino de História, pois se concebe que a escola pode também ser utilizada como fontes de pesquisas e projetos desenvolvidos no contexto do planejamento docente e aplicado com os alunos. Obviamente, as possibilidades educativas não se esgotam na realidade do ensino de História, podendo ser adaptadas em contextos de outras disciplinas e áreas do conhecimento. Além disso, essa exposição é pensada também para constituir uma aproximação entre a comunidade escolar do balneário do Hermenegildo e história da escola desta localidade, buscando compreendê-la para além de um espaço formativo, também como um ambiente de experiências e de produções e que estas, constituem parte do patrimônio dessa instituição. (CORRÊA, 2021)

Assim, são apresentados ao visitante, os aspectos já mencionados, além de direcionar as características das fotografias expostas e as propostas de intervenção pedagógica, a partir das experiências com a exposição, servindo assim, de forma sintética e objetiva pontuar os

aspectos importantes da exposição e seus objetivos. Assim como outras seções da exposição, esta se alinha à identidade visual estabelecida no projeto expográfico (figura 5).

Figura 5: página sobre o projeto



Fonte: produção da autora (2021).

A terceira seção do *site* conta com a apresentação do conteúdo da exposição fotográfica e, por meio desta, o visitante pode ter uma consulta geral da exposição – com a descrição dos eixos temáticos, bem como um panorama geral das fotografias em uma dimensão reduzida. Cada um desses recursos têm a finalidade de proporcionar ao visitante as noções da totalidade da exposição e consultá-la de acordo com seus interesses. O primeiro eixo temático das fotografias expostas retrata a trajetória da instituição através dos registros que demonstram os espaços em que as atividades escolares foram desenvolvidas, no Balneário do Hermenegildo. No topo da apresentação encontram-se o título da seção, assim como uma breve descrição geral conforme a figura, abaixo:

Figura 6: Apresentação do Primeiro Eixo Temático da Exposição



Fonte: produção da autora (2021).

As fotografias desta seção da exposição representam três momentos históricos da instituição: o início das atividades escolares no Balneário, que foram desenvolvidas na Capela Nossa Senhora dos Navegantes, em sua primeira instalação da região, a escola funcionou neste espaço entre os anos de 1952 e 1953, mas devido à falta de estrutura logo foi transferida, como se pode verificar no depoimento de Homero Rodrigues:

O primeiro prédio foi a capelinha, mas a capelinha era alta do chão, de telha francesa, que em 1959 o mar levou e, tinham umas janelas que não tinham vidro eram uma tábua que corriam na parede, e assim como os ranchos. [...] Ai começou a funcionar a Escola 34, só que tinha uma coisa, era muito frio no inverno, as crianças não aguentavam, porque não tinha forro, não tinha [proteção] nas janelas³⁵

Em seguida, busca-se evidenciar por meio dos registros fotográficos a “Escola 34” no Clube dos Veranistas. Para tanto, pode-se apresentar duas fotografias do espaço: a primeira, que apresenta um registro do prédio em época de veraneio, em 1954, em que se pode analisar a paisagem que compõe o local, além da própria estrutura do Clube. Já, a segunda fotografia, apresenta a primeira turma de alunos da Escola em atividade no Clube, no ano de 1954, na

³⁵ A partir das intervenções feitas para o desenvolvimento desse trabalho pretende-se aprofundar algumas questões para projetos futuros sobre a transição da escola da Igreja para o Clube dos Veranistas, até o momento não se tem de forma aprofundada informações que apontem fontes documentais que evidenciem esses processos. De acordo com a entrevista com o professor Homero Rodrigues observa-se que as atividades escolares estavam, neste momento do início da década de 1950, muito mais ligadas à uma prática de assistencialismo e de influência sócio-política, do que propriamente de um processo oficial de fundação e realização de atividades escolares. O que vai ser alterado a partir de 1954, com a transferência da escola para o Clube dos Veranistas. Por mais que fosse um espaço cedido para atividades escolares em determinado período do ano, os registros da escola, sobre sua fundação e trajetória se baseiam a partir desse momento. Assim, verifica-se que há fontes (por mais que no contexto do desenvolvimento deste trabalho não foi possível acessá-las de forma direta) que fundamentam as documentações da escola a respeito da sua fundação.

fotografia consta o ano do registro, bem como todos os nomes das pessoas que estão presentes nos registros, informações estas que enriquecem a análise tanto do registro, como da trajetória da escola.³⁶ Por fim, esta seção da exposição conta com um registro atual da instituição, buscando por meio desses registros, apresentar ao visitante os contrastes históricos pelos quais a E.M.E.F. Álvaro de Carvalho se constituiu. Assim, a seção “Dá Escola 34 aos dias atuais” conta com quatro fotografias, com suas respectivas descrições que ambientam o visitante ao que se refere o registro apresentado, bem como ao intuito expográfico da sua utilização, pois as descrições formuladas, além dos aspectos técnicos, como data e fonte, trazem um exame da representação do registro para a compreensão da trajetória da instituição e de suas atividades no Balneário, este movimento pode ser observado nas figuras 7, 8, e 9 em que se pode observar como ocorre a apresentação das fotografias e de suas respectivas descrições.

Figura 7: apresentação da Fotografia da Capela Nossa Senhora dos Navegantes no ambiente da Exposição³⁷



Onde tudo começou.

Esta fotografia é um registro datado de 1951 da Primeira Capela Nossa Senhora dos Navegantes no Balneário do Hermenegildo, sua autoria é desconhecida, mas foi doada ao professor Homero Rodrigues e atualmente pertence ao seu acervo fotográfico. Também foi o primeiro espaço sede das atividades escolares no Balneário, pouco se sabe a respeito das atividades na Igreja, pois foi um lugar improvisado para a escola funcionar e logo foi transferida para o Clube dos Veranistas. Hoje este prédio não existe mais na paisagem do Balneário, mas sua localização ficava a esquerda do riacho norte na orla do Balneário. Fonte: Acervo Homero Rodrigues, autor desconhecido, 1951

Fonte: produção da autora, 2021.

³⁶ Todas essas informações (datação, nome das pessoas que estão nos registros, descrição do ambiente) foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho no que diz respeito à seleção das fotografias para a composição da exposição, nas sugestões de atividades a partir deste produto, bem como na formulação das descrições e legendas das fotografias apresentadas na exposição, o que possibilita uma aproximação do visitante ao conteúdo exposto, assim como das bases sólidas para as hipóteses e análises realizadas ao longo da pesquisa.

³⁷ Para não ser necessário aumentar de forma exagerada as dimensões da figura 7, e como a fotografia da capela já foi anexada ao texto no capítulo 3 em que discorre sobre a escola, optou-se por inserir aqui, de forma integrar a descrição contida na fotografia: “Onde tudo começou: Esta fotografia é um registro datado de 1951 da Primeira Capela Nossa Senhora dos Navegantes no Balneário do Hermenegildo, sua autoria é desconhecida, mas foi doada ao professor Homero Rodrigues e atualmente pertence ao seu acervo fotográfico. Também foi o primeiro espaço sede das atividades escolares no Balneário, pouco se sabe a respeito das atividades na Igreja, pois foi um lugar improvisado para a escola funcionar e logo foi transferida para o Clube dos Veranistas. Hoje este prédio não existe mais na paisagem do Balneário, mas sua localização ficava a esquerda do riacho norte na orla do Balneário. Fonte: Acervo Homero Rodrigues, autor desconhecido, 1951”.

Figura 8: Apresentação da fotografia do Clube dos Veranistas no ambiente da Exposição³⁸



Clube dos Veranistas - "Escola 34"

Este é um registro da fachada do Clube dos Veranistas, o local foi criado em 1953 e ficava no espaço entre as ruas Marinheiro ao Largo e Rua da Saudade em que hoje se localiza a Praça Recreativa do Balneário -.

O clube durante o verão servia para confraternizações e como ambiente de convívio social para seus associados. No ano seguinte de sua criação, em 1954, o espaço passou também a ocupar as atividades escolares, transferidas da Igreja Nossa Senhora dos Navegantes. Assim durante o verão o espaço servia de Clube Social, enquanto que na "baixa temporada" eram realizadas as atividades da Escola 34 para atender a comunidade.

Fonte: Homero S. V. Rodrigues, 1954

Fonte: produção da autora (2021).

Figura 9: Apresentação da fotografia da turma de 1954 no ambiente da Exposição³⁹



Turma de 1954

Alunos da primeira turma da Escola 34 em festa cívica em frente ao Clube Recreio dos Veranistas (Escola 34)

Fonte: Fotografia pertencente ao acervo de Homero S. V. Rodrigues de autoria desconhecida, 1954. Na fotografia está registrada a primeira turma de alunos da Escola 34 nas dependências do Clube Recreio dos Veranistas. Pessoas na foto: em pé da esquerda para direita: Professora Elda Cabreira Naparo, Francisco Assis Cabreira, Ivone Porto, Daltro Porto, Raul Rodrigues, Francisco Erasmo Pires, Elisa Pires, Leonor Chaves Viana e Elda Viana Pires.

Fonte: produção da autora (2021).

³⁸ Descrição da fotografia: Clube dos Veranistas - "Escola 34": Este é um registro da fachada do Clube dos Veranistas, o local foi criado em 1953, e ficava no espaço entre as ruas Marinheiro ao Largo e Rua da Saudade, local onde hoje está localizada a Praça Recreativa do Balneário. O clube, durante o verão, servia para confraternizações e como ambiente de convívio social para seus associados. No ano seguinte de sua criação, em 1954, o espaço passou também a ocupar as atividades escolares, transferidas da Igreja Nossa Senhora dos Navegantes. Assim, durante o verão, o espaço servia de Clube Social, enquanto que na "baixa temporada", eram realizadas as atividades da Escola 34 de modo a atender a comunidade. Fonte: Homero S. V. Rodrigues, 1954.

³⁹ Descrição da fotografia: Alunos da primeira turma da Escola 34 em festa cívica em frente ao Clube Recreio dos Veranistas (Escola 34) Fonte: Fotografia pertencente ao acervo de Homero S. V. Rodrigues, de autoria desconhecida (1954). Na fotografia está registrada a primeira turma de alunos da Escola 34, nas dependências do Clube Recreio dos Veranistas. Pessoas na foto: em pé da esquerda para direita: Professora Elda Cabreira Naparo, Francisco Assis Cabreira, Ivone Porto, Daltro Porto, Raul Rodrigues, Francisco Erasmo Pires, Elisa Pires, Leonor Chaves Viana e Elda Viana Pires.

Figura 10: Apresentação da fotografia da escola no ambiente da Exposição⁴⁰



Escola Álvaro de Carvalho

Prédio atual da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho –, sua construção se deu 1989 e desde então as atividades da instituição se mantiveram neste local. A escola tem esse nome em homenagem ao primeiro prefeito do município durante o período republicano.
Fonte: Iryna Corrêa, 2021

Fonte: produção da autora⁴¹

A segunda seção da exposição conta com as fotografias que compreendem registros e representações do cotidiano escolar. Através dos acervos fotográficos da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho procurou-se apontar registros que traduzissem o papel dos sujeitos e de suas vivências no contexto escolar para entender e analisar as trajetórias e até mesmo, tradições que constituem as experiências escolares. Assim, dentro das referências temáticas traçadas no processo de curadoria do acervo, foram selecionadas fotografias que apresentam experiências comemorativas, de apresentações artísticas, mostras de trabalhos e visitas técnicas realizadas com e pelos alunos desde fins dos anos 1990, até 2019.

Da mesma maneira que se deu a organização da primeira seção da exposição foi feita a disposição de textos e fotografias nesta que está sendo referida. Assim, a abertura da seção, que se estende abaixo do primeiro eixo de apresentação das fotografias sobre a escola, exibe o título acompanhado de uma introdução (figura 11). Em seguida, com uma visão geral das fotografias em dimensão minimizada (figura 12), que dispõe do acesso individual, por meio da seleção da imagem em que o visitante tem a possibilidade de ampliar a fotografia e ter acesso às informações descritivas.

⁴⁰ Descrição da fotografia: Escola Álvaro de Carvalho Prédio atual da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho –, sua construção se deu 1989 e desde então as atividades da instituição se mantiveram neste local. A escola tem esse nome em homenagem ao primeiro prefeito do município durante o período republicano. Fonte: Iryna Corrêa, 2021.

⁴¹ Na apresentação, no *site* da exposição, todas as legendas e descrições estão em uma boa qualidade de resolução e de fácil leitura.

Figura 11: Apresentação da Segunda Seção da Exposição⁴²



Fonte: produção da autora (2021).

Figura 12: Visão Geral da Apresentação das fotografias da Seção Dois



Fonte: produção da autora (2021).

A proposta desta seção é apresentar ao visitante, e neste sentido, não somente aos professores, como também à comunidade em geral, a qual perceba no conteúdo da exposição a possibilidade de conhecer e identificar as vivências que se deram no ambiente escolar, ou experiências na escola. Para aproximar esse objetivo da prática da visita à exposição, a constituição das legendas e descrições das fotografias, busca apresentar informações que situem o visitante no tempo e no espaço do registro, bem como no contexto em que ocorreu.

⁴² Descrição da Introdução: Através dos registros de experiências e vivências no contexto escolar você pode observar e se ambientar com as realidades compartilhadas pela comunidade escolar ao longo do tempo, através de celebrações, apresentações, visitas técnicas e outras experiências. As fotografias datam do final da década de 1990; dos anos 2000 e 2010.

Na tabela, a seguir, verifica-se a relação entre títulos das fotografias expostas na seção “vivências e memórias: a escola e seus sujeitos” e as descrições elaboradas para a sua identificação⁴³.

Tabela 5: Apresentação dos títulos e descrições das fotografias da segunda seção da exposição fotográfica

Títulos das Fotografias	Descrições das Fotografias
Alunos ajudando a desencilhar baleia	Alunos do turno da manhã em visita à costa do balneário para auxiliar na retirada de uma baleia encalhada em 1997. Acervo fotográfico da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, 1997.
Visita à Câmara de Vereadores	Turmas dos anos finais em visita técnica à Câmara de Vereadores de Santa Vitória do Palmar, acervo fotográfico da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, 1997.
Turma de 1999	Turma dos anos finais E.M.E.F. Álvaro de Carvalho em momento de comemoração, acervo fotográfico E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, 1999.
Festa em homenagem às mães, 2000	Alunos em apresentação em homenagem ao dia das mães. Acervo da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, 2000.
Desfile do Sete de Setembro, 2001	Alunos como porta bandeiras em desfile cívico em comemoração ao Sete de Setembro, acervo fotográfico da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, 2001
Formandos da pré-escola, 2001	Turma de formandos da pré-escola do ano de 2001, acervo fotográfico da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, 2001.
Turma dos anos finais, 2002	Turmas dos anos finais em exposição de ciências na Escola, acervo fotográfico da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, 2002.
Formatura 8ª série turma de 2002	Solenidade de Formatura da turma da 8ª série de 2002, Acervo fotográfico da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho.
Apresentação de casamento na roça - Festa Junina da Escola	Alunos em apresentação nas celebrações de Festa Junina da Escola no ano de 2002. Fonte: Acervo da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, 2002.
Homenagem às mães, 2003	Alunos da 1ª série em apresentação em homenagem ao dia das mães. Acervo fotográfico da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho,

⁴³ A organização e o *layout* de apresentação das fotografias deram-se da mesma forma dos exemplos expostos da seção “Da Escola 34 aos dias atuais”. Desta forma, para não se tornar um padrão repetitivo de figuras do acervo, optou-se pela elaboração de uma relação resumida, que apresenta o título e a descrição das fotografias desta segunda seção; para verificar e aprofundar a análise à respeito deste setor da exposição, recomenda-se o acesso direto ao conteúdo por meio do *link* de acesso: <https://exposicaoacervoesc.wixsite.com/website>.

2003.	
Formatura 9º ano turma de 2016	Solenidade de Formatura da Turma do 9º ano de 2016. Acervo fotográfico da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, 2016.
Festa junina apresentação de dança das turmas do Fundamental I, 2016	Alunos em apresentação na festa junina da Escola. Acervo fotográfico da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho.
Formandos do 9º ano turma de 2018	Turma de formandos do 9º ano de 2018, acervo fotográfico da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, 2018.
Festa junina 2018	Alunos caracterizados com a temática da festa junina de 2018. Acervo fotográfico da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho.
Aniversário de 66 anos da escola, 2019	Alunos, professores e funcionários do turno da manhã em comemoração pelos 66 anos da escola. Acervo fotográfico da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, 2019.

Fonte: produção da autora (2021).

Com isso, observa-se que a exposição fotográfica busca compreender vários momentos de relação entre as trajetórias da instituição e as experiências vividas pela comunidade escolar no ambiente educacional e, em decorrência desse convívio, ambientando o visitante a esse universo exposto e abrindo possibilidades de imersão em relação a estes conteúdos, bem como à informações sobre a instituição.

O próximo conteúdo abordado na exposição dispõe de sugestões de atividades associadas ao uso dos materiais apresentados na exposição⁴⁴, assim como a disponibilização de uma lista de referências bibliográficas, as quais abordam os temas sobre patrimônio escolar, ensino de História e educação patrimonial⁴⁵, esta seção é indicada como “informações acadêmicas” no topo do *site* da exposição (figura 13) e, ao acessá-la, o visitante tem acesso aos conteúdos mencionados, anteriormente. A necessidade de se criar um espaço que apresente esses conteúdos, emerge do princípio pedagógico que norteia a elaboração da exposição, tendo em vista que a sua principal finalidade é se dispor como um recurso para o desenvolvimento de atividades que elenquem o patrimônio escolar e o ensino de História.

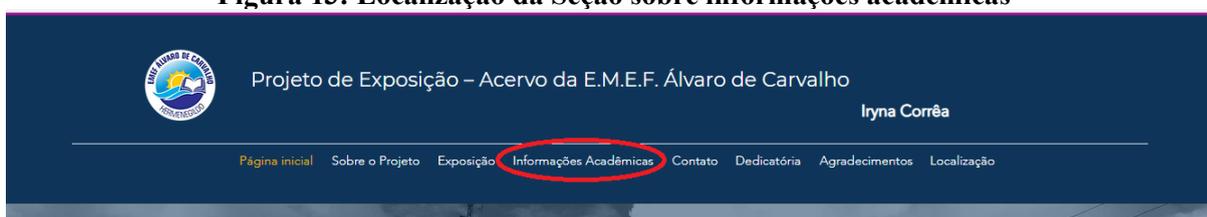
Assim, verifica-se a preocupação de indicar caminhos para a efetivação desse propósito. Nessa mesma direção, ocorre a preocupação com a disposição de fontes bibliográficas para que os professores tenham acesso ao que se discute em termos dos

⁴⁴ Sobre a descrição das sugestões de atividades, ver o desenvolvimento do capítulo 5.

⁴⁵ As indicações bibliográficas presentes na exposição são um compêndio dos temas abordados nesse trabalho. Dessa forma, a partir das revisões bibliográficas realizadas para o desenvolvimento deste trabalho selecionou-se textos, artigos, autores, instituições, dentre outras produções do conhecimento, de modo a serem disponibilizados na plataforma da exposição.

conceitos indicados nas atividades, bem como permeiam a elaboração da exposição. Para que, não só práticas de educação patrimonial no contexto do ensino de História, como diversas outras transversalidades do conhecimento se façam presentes no cotidiano escolar, é substancial que os docentes tenham acesso às produções que fundamentam essas práticas; assim, se torna coerente, ao passo que sugere-se atividades dentro das temáticas da educação patrimonial e do ensino de História, também apresentar fundamentações teóricas para que os professores possam adaptar estas propostas a suas realidades e aprofundar suas práticas nesses aspectos⁴⁶.

Figura 13: Localização da Seção sobre informações acadêmicas



Fonte: produção da autora (2021).

Dando continuidade à análise sobre a estrutura da exposição, para que possa ser constituído um canal de diálogo entre o projeto e seus visitantes, foi estabelecido um espaço de contato e retorno de experiência. É importante para a manutenção da exposição e seu avanço de atuação que esta tenha meios de receber a resposta do público que a utiliza, isso possibilita o aprofundamento, a realização de melhorias, bem como a verificação da efetividade e da aproximação dos objetivos traçados para a exposição e a experiência dos visitantes. Sendo assim, foi criado um formulário (figura 14), e seu modelo é disponibilizado na própria plataforma *Wix*, para ser adaptado ao contexto do uso do *website*, em que o visitante preenche algumas informações básicas de contato e, em seguida, pode enviar um parecer relatando sua experiência no acesso à exposição, sugestões de melhorias, enviar a localização de materiais e informações que possam contribuir para a ampliação da exposição, bem como o retorno do uso do material no contexto de sala de aula.

⁴⁶ É importante salientar que essas premissas partem do princípio de auxiliar no acesso dos professores à materiais que abordam os conceitos bases do trabalho aqui desenvolvido. Não se alinham ao intuito de se colocar como o conjunto único de apresentação bibliográfica mas, sim, de ambientar e de introduzir as temáticas abordadas na leitura docente.

Figura 14: Formulário de Retorno de visitação à Exposição

Projeto de Exposição – Acervo da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho

Iryna Corrêa

Página inicial Sobre o Projeto Exposição Informações Acadêmicas **Contato** Dedicatória Agradecimentos Localização

Projeto - A escola é o nosso patrimônio! exposição de fotografias do acervo da E.M.E.F Álvaro de Carvalho
exposicaoacervoescola@gmail.com

Nome completo *

Email *

Retorno da experiência e sugestões *

Send

Fonte: produção da autora (2021).

Concebendo que este trabalho é voltado para o apontamento a respeito de perspectivas para o ensino de História e que seu discurso e propósito se direcionam a construção do diálogo com professores de Histórias e suas práticas docentes, por meio da associação entre o patrimônio escolar e ensino de História e, além disso, é produto do trabalho e apoio de diversos indivíduos ao longo dos seus percursos de adaptação e constituição, dois seguimentos da exposição se entrelaçam nessas perspectivas. Para evidenciar essas relações no espaço da exposição, reservou na constituição da exposição espaços que se dirigem a uma dedicatória aos docentes de História e aos agradecimentos aos colaboradores deste trabalho. Essas escritas colocam-se como o reconhecimento da coletividade na elaboração deste trabalho e do papel fundamental dos professores no desenvolvimento de pesquisas e reflexões na área do ensino⁴⁷.

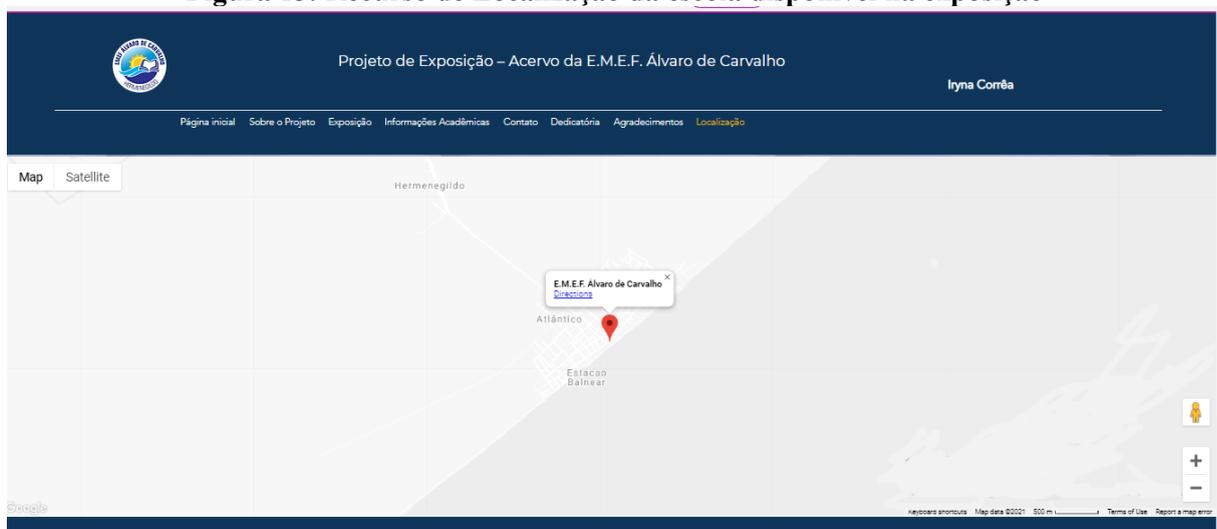
Por fim, o último conteúdo exibido no ambiente da exposição é um recurso de localização da escola E.M.E.F. Álvaro de Carvalho. Como a exposição ocorre em um ambiente virtual, com acesso gratuito e simplificado, entende-se que as visitas ao *site* podem ser efetuadas por quaisquer indivíduos que se interessem pelos eixos temáticos abordados na exposição, como pessoas que se interessam por exposições fotográficas, pelos debates sobre práticas de educação patrimonial, como professores de outras regiões, que buscam adaptar as propostas deste trabalho às suas realidades de atuação. Com isso indicar, geograficamente, a localização da instituição em que se encontra o acervo base da exposição, coaduna com os

⁴⁷ Acessar a exposição para conferir a composição das seções indicadas no texto <https://exposicaoacervoesc.wixsite.com/website>.

elementos necessários para compor a exposição em seus aspectos informativos.

Assim, foi anexada à aba “localização” a descrição do endereço da escola, bem como o acesso direto à localização por meio da página do *Google Maps*, espaço em que o visitante é direcionado ao logradouro da escola de forma rápida, e se pode ter a visualização por meio do mapa de endereço (conforme é apresentado na figura 15) ou, ainda, através de imagem de satélite. Além disso, pode obter a distância que se encontra da instituição, cálculo do tempo de viagem, dentre outras referências que auxiliam na localização do endereço indicado.

Figura 15: Recurso de Localização da escola disponível na exposição



Fonte: produção da autora (2021).

O conjunto de conteúdos que compõem a exposição busca contribuir para que o visitante tenha uma experiência fortuita em relação à consulta ao material exposto – as fotografias–, bem como em compreender os aspectos norteadores do projeto de exposição e os sujeitos envolvidos em sua elaboração. Desse modo, no processo de organização e montagem da exposição, como foi descrito acima, levou-se em consideração todos os aspectos que foram considerados fundamentais para proporcionarem uma experiência que de fato aproxime o visitante do acervo e, principalmente, propiciar o diálogo entre o patrimônio escolar e o ensino de História, sob sugestões de práticas educativas voltadas para o patrimônio.

4.3 Retornos sobre a Exposição

Após a montagem da exposição e sua revisão técnica, ocorreu a publicação do *site* e sua disponibilização de acesso. Por conta de diversos fatores, incluindo adaptações nos percursos do desenvolvimento deste trabalho e o retorno das atividades escolares serem de forma complicada em determinadas circunstâncias, não houve tempo hábil de uma divulgação

massiva, nem de aplicação didática do acervo no contexto do ensino de História. Mesmo com esse cenário, entende-se que o processo avaliativo da exposição é circunstancial para a análise e constituição das reflexões a partir do seu desenvolvimento e aplicação. Isso ocorre, pois ao se compreender a elaboração e exibição de exposições como espaços de experiências educativas, é necessário verificar se o público-alvo, de fato, ao consultar esse material, tem à sua disposição, ferramentas no espaço expositivo que propiciem esse tipo de experiência. Além disso, a avaliação da exposição permite que se identifique se os objetivos traçados foram alcançados e se a finalidade do trabalho obteve a resposta dos sujeitos que interagiram com o referido espaço. Para aprofundar e corroborar na compreensão da validade do processo avaliativo em trabalhos expográficos, salientam-se as contribuições do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM, 2017, p. 41) em relação a este conceito:

Avaliação é uma ferramenta utilizada para a compreensão e aprofundamento do trabalho desenvolvido em uma exposição. Assim, ela tem dois momentos: a avaliação que os responsáveis pela exposição fazem do resultado do seu trabalho e a avaliação feita pelo público visitante. A equipe avalia como se organiza, planeja e executa as atividades, a gerência de seus recursos, seu relacionamento interno e externo e como vê o resultado de seu trabalho final: a exposição. O público deve ter a chance de dizer qual a sua experiência com o tema abordado, como interagiu com a exposição, o que e como aprendeu.

No desenvolvimento deste trabalho, entende-se que ao longo da descrição e análise dos processos estabelecidos desde a formulação do projeto até a sua aplicação, foram sendo expostas as reflexões acerca do desenvolvimento da exposição. Desta forma, a escrita desta segmentação do relatório refere-se aos retornos do público-alvo, ao qual a exposição e o seu conteúdo foram direcionados. Como já mencionado, não foi possível realizar uma divulgação ampla da exposição, mesmo assim, para obter o retorno de indivíduos que se relacionam com o conteúdo e objetivos da exposição, após a finalização e publicação da exposição, foi divulgado o *link* de acesso à plataforma, para a equipe diretiva da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho e para a professora de História da instituição, além de solicitar o *feedback* para mais dois docentes da área. Foi solicitado que estes acessassem o conteúdo da exposição e após esta atividade, que enviassem seu parecer avaliativo, discorrendo sobre suas impressões, e aos professores, principalmente, suas análises acerca da efetividade do projeto no diálogo entre patrimônio escolar no ensino de História através da educação patrimonial.

A representante da escola a diretora Rosane Porto destacou o agradecimento pela parceria realizada para o desenvolvimento do trabalho e como este projeto divulga os materiais da escola que traduzem a sua trajetória, possibilitando pesquisas e atividades no contexto escolar, como pode ser observado em seu depoimento, a seguir:

Após ter lido minuciosamente o projeto e visitado o site da exposição, primeiramente quero agradecer a Iryna Corrêa por ter escolhido como tema a nossa escola, e também parabenizá-la pelo excelente trabalho. Com essa exposição podemos divulgar a escola e as riquezas da sua história. As pessoas também podem se ver e relembrar os momentos que viveram aqui. Além disso, podemos mostrar para os nossos alunos, de forma organizada como a escola surgiu aqui na praia do Hermenegildo, mostrando que até a nossa escola, que parece tão pequena, tem uma história importante e que pode ser conhecida por eles.

Analisando o que foi colocado pela Diretora, é possível verificar as conexões que podem ser estabelecidas entre os registros fotográficos e a memória, quando ela relata que se a exposição for consultada por pessoas que estão nos registros, esse contato pode desencadear uma série de lembranças a respeito do próprio momento em que a foto foi realizada, bem como outras diversas memórias relacionadas à sua vida escolar e suas relações; isto posto, compreende-se que “as fotografias [...] atuam como evocador[a]s de memória” (NERY et all, 2015, p. 43). Por meio delas, constitui-se um canal entre as percepções sensoriais e as lembranças, pois as “impressões que ficam marcadas na memória são aquelas que foram produzidas pelos sentidos. Como a visão é o sentido mais sensível e o que mais registra, recorremos à imagem para conservar a lembrança” (NERY et all, 2015, p. 45). Assim, percebe-se que, além da própria atuação educativa de aproximar os acervos escolares (que permeiam a constituição do patrimônio escolar) e o ensino de História que se pretende com a exposição, por meio dela também é possível criar e restabelecer a relação entre a comunidade escolar – tanto a do presente, como do passado—e suas vivências e práticas no ambiente escolar.

Seguindo com as contribuições avaliativas relacionadas à exposição, é importante destacar as considerações realizadas pelos docentes de História, pois estes, como público-alvo ao qual a exposição é direcionada, trazem a percepção das possibilidades efetivas de aplicação do produto, nas dinâmicas do planejamento docente e, por conseguinte, nas práticas de ensino de História. Dentro dessa perspectiva da importância de avaliação dos professores de História sobre a exposição, destaca-se ainda a relevância do que é posto e compreendido pela professora de História da própria instituição de ensino, pelo fato de conhecer a realidade da formação dos seus alunos, bem como das suas práticas de ensino, pode avaliar a contundência da aplicação e adaptação dos materiais disponíveis na exposição nas suas práticas de ensino.

Destaca-se que as percepções de Flávia Moraes (professora de História da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho), observaram questões bastante relevantes para a análise da exposição, pois ela, por já ter uma trajetória de mais de dez anos na instituição, já conhecia algumas das fotografias e das informações contidas na exposição, mas a forma como foi organizado,

segundo ela, trouxe uma perspectiva diferente, proporcionando apenas a visualização das fotografias, mas a apresentação de informações que contribuem para ambientar o visitante. Apontou, também, o interesse em utilizar o material em projetos adaptados, pois na realidade escolar que está se formando em decorrência da pandemia, é sabido que diversos fatores, que ainda nem podem ser mensurados de forma efetiva, irão interferir na realidade das práticas de ensino, mas que acredita que há potencialidades em aproximar os alunos da escola, por meio do conhecimento sobre a trajetória da escola. Essas contribuições podem ser verificadas através do seu parecer avaliativo da exposição:

Eu adorei o trabalho ficou bem informativo sobre a nossa escola, as fotos estão lindas com uma organização que mostra tanto a história da escola, que é a apresentação da primeira parte, assim como as que mostram os nossos ex-alunos, que particularmente, conheço quase todos que estão naquelas fotos, é muito interessante dar essa visão de que eles também fazem parte da história da escola e que as coisas que eles fizeram quando estavam aqui foram registradas e estão guardadas na escola e agora fazem parte de um *site* que as expõe. Outro fator que chamou a minha atenção foi como a organização das fotos com um sentido específico traz um olhar diferente para elas, eu já tinha visto boa parte dessas fotos, mas sempre com o sentido de lembranças da escola e não tinha a intenção de vê-las como fontes sobre a História da Escola. Certamente, quando for possível, pois é muito difícil ter espaço fora de cumprir os conteúdos cobrados, ainda mais agora com essa pandemia, nem sabemos ao certo o que vamos fazer para recuperar e progredir com os alunos, irei buscar aplicar e usar com os alunos esse material. (MORAES, 2021)

Por fim, conta-se com a avaliação de mais dois professores de História que atuam em realidades distintas da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho mas, que ao contrário das contribuições anteriores, têm um contato mais pertinente com os conceitos e atuações de práticas de Educação Patrimonial, no contexto do ensino de História⁴⁸. Dessa forma, observa-se em suas avaliações uma perspectiva atrelada à análise direta, as possibilidades de aplicação desse material no contexto das práticas de ensino e a aproximação com o patrimônio escolar. A avaliação do professor Leonardo de Melo Belem⁴⁹, aponta em um primeiro momento, o entendimento dos desafios que existem na abordagem patrimonial nas realidades regionais, e que isto se acentua na perspectiva de compreender os ambientes escolares como parte dessas referências culturais, e esta percepção se mostra coerente em relação aos objetivos que

⁴⁸ Os avaliadores em questão foram meus colegas de graduação e ao longo da formação acadêmica, assim como eu, produziram trabalhos, pesquisas e atuam em práticas e estudos que compreendem os conceitos basilares desta pesquisa. Dessa forma, avaliou-se pertinente as suas contribuições, tendo em vista, as suas trajetórias em torno das temáticas aqui abordadas, bem como, suas experiências quanto docentes de História do ensino básico das redes privadas e públicas.

⁴⁹ Leonardo de Melo Belem é licenciado em História e Mestre pela Universidade Federal do Rio Grande. Atualmente, atua na rede municipal de ensino da Prefeitura de Montenegro/RS, como professor de História dos anos finais do Ensino Fundamental.

impulsionam o desenvolvimento deste trabalho, que compreendem a importância de ampliar o entendimento de bens culturais, não só para aqueles reconhecidos e instituídos por órgãos ligados ao reconhecimento patrimonial, mas, sobretudo, pela comunidade a qual pertence. E que não só as contribuições materiais, como a arquitetura do local, devem ser apontadas como características patrimoniais, mas, também, os significados e referências que este espaço constitui para sua comunidade.

Observar o patrimônio histórico e cultural regional sempre se configura como um desafio. Ainda mais quando se pretende fazer uma leitura sobre os espaços educacionais. Como professor de História, percebo uma necessidade com o patrimônio histórico local até mesmo como ferramenta para compreender os processos históricos, políticos e culturais que cercam a localidade que habitamos. (BELEM, 2021)

Outros aspectos apontados nas considerações que circundam a análise sobre a exposição e seu papel educativo e da relação com o patrimônio escolar e o ensino de História. O professor Leonardo Belem observa as potencialidades de aplicação do projeto e das discussões que podem se suceder em relação aos conceitos atrelados ao seu desenvolvimento. Outrossim, assim como é apontado pela professora Flávia Moraes, destaca o formato da exposição e que sua organização traduz a ligação entre as fotografias na representação da importância das relações escolares para a compreensão sobre a sua trajetória:

A exposição do Acervo da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho cumpre com o importante papel de discutir e apresentar um dos principais bens da comunidade do Hermenegildo, Santa Vitória do Palmar: a instituição escolar. O trabalho tem uma construção muito rica, demarcada pelo seu potencial de discussão. Observar as fotografias e descrições sobre a escola demonstra não somente um exemplo bem sucedido do trato com o patrimônio escolar, mas uma possibilidade de trabalho fortuita. O formato que a pesquisadora Iryna conseguiu compilar os dados e demonstrar o compendio das fotografias que compreendem os bens escolares demonstram a ligação da comunidade com este espaço, o papel da escola na localidade e também, que a mesma é um patrimônio público pertencente aos sujeitos que a descobrem e a reconstroem diariamente. (BELEM, 2021)

Para amarrar essas análises avaliativas realizadas por indivíduos que compreendem o público-alvo da exposição, apresentam-se as considerações dispostas pelo professor Matheus Balbuena,⁵⁰ que também foi convidado a analisar e discorrer sua avaliação a respeito das suas percepções sobre a exposição, seu conteúdo e suas finalidades:

⁵⁰ Matheus Balbuena é licenciado em História e Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande, atua como professor de História no Ensino Médio da rede privada de ensino no Município do Rio Grande/RS e como professor do Ensino de Jovens e Adultos na rede municipal de ensino, também no município do Rio Grande/RS.

A exposição de fotografias do acervo da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho e as indicações do seu uso em propostas pedagógicas, disponibilizadas no *website*, são de grande valia para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem de História na educação básica. O trabalho com o tema transversal do patrimônio se enriquece de elementos próximos e significativos da comunidade que podem vir a ser (re)apropriados de diferentes maneiras a partir das ideias sugeridas. O reconhecimento do patrimônio escolar é essencial nesses percursos formativos, contribuindo positivamente com a noção de dessacralização do patrimônio. Ainda, a prática docente pode vir a ser constituída a partir de fontes primárias plurais e de outros elementos previamente organizados e sugeridos na exposição, facilitando, assim, o planejamento dos professores e tornando mais viável a aplicabilidade do produto. (BALBUENO, 2021)⁵¹

Embora, como já expresse anteriormente que, o público-alvo da exposição é professores de História, é sabido que, o acesso a exposição não se limita apenas a esse público. Tendo em vista que, se trata de uma exposição em ambiente digital, qualquer sujeito que tenha conhecimento da sua existência e tenha interesse em acessar seu conteúdo, assim fará. Além disso, por se tratar de uma exposição elaborada a partir de fotografias que registram momentos das vivências escolares com os alunos, muitos destes podem querer ter acesso a essas recordações. Assim, nesta etapa avaliativa, mostrou-se necessário analisar contribuições de sujeitos que fazem parte das “vivências e memórias” desta instituição escolar⁵². Para que assim, tenha-se também a percepção dos sujeitos que compõem essas experiências escolares, observando os aspectos afetivos que a exposição pode proporcionar aos seus visitantes.

Eu estudei na escola aqui do Hermena toda a minha infância e adolescência entre os anos 90 e início dos anos 2000, me formei na antiga 8ª série em 2002 até tem a foto da minha formatura, mas não sei quem está na foto. Lembro daquele dia, minha turma queria que a formatura fosse a noite para fazer um baile, mas não aconteceu, não pela escola pelo menos, nós organizamos uma comemoração só pra nós. Quando vi as outras fotos, lembrei de outras coisas quando estudei ali, dos passeios, das jantas do final de semana e principalmente, das amizades da escola, hoje, não tenho contato com muitos dali, mas me lembro do que aprontamos. Bom, é muito interessante ver essas fotos como se estivessem em um museu na internet, dá valor as coisas que vivemos na escola. Espero que outras pessoas possam ver e também conhecer a escola da praia e as coisas que fazíamos. (RODRIGUES, Renato. 2022)

Dessa forma, a partir das contribuições das avaliações elaboradas com relação à

⁵¹ Todos pareceres enviados foram disponibilizadas integralmente no corpo do texto.

⁵² Com o auxílio da direção, se consegui o contato de um ex-aluno da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho que também é morador do Balneário do Hermenegildo. O contato foi feito através de conversa por mensagens em que foi enviado o link da exposição e solicitado que este descrevesse o que sentiu ao ver as fotografias, se ele conhecia alguém nas fotos, ou ainda se recordava de algum dos momentos que ali estavam registrados.

exposição; em primeiro lugar, destaca-se a significativa contribuição do retorno avaliativo para a compreensão e fundamentação das reflexões acerca do trabalho desenvolvido, os momentos que antecedem este retorno constituem-se de uma análise unilateral por quem desenvolve o projeto, que por mais que se tenha o esforço de verificar uma constituição harmônica entre os objetivos e sua tradução no espaço expositivo, isso somente se confirma através da análise de sujeitos que estão de fora do processo construtivo e que consultam a exposição, buscando compreender seus propósitos e o que ela fomenta nos aspectos que se dispõe a abordar. Assim, levando em consideração ao que foi exposto nas avaliações, observa-se dois aspectos importantes: que de fato a exposição atende a essa aproximação entre o patrimônio escolar, por meio do acervo fotográfico da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, e o desenvolvimento de práticas de educação patrimonial no contexto do ensino de História; e que, de forma inesperada e positiva, que a exposição possibilita para os integrantes da comunidade escolar perspectivas inovadoras em relação à análise dos seus acervos e das contribuições da sua trajetória na formação dos seus alunos e na interação com a comunidade local.

Por fim, a partir do que foi apresentado nas seções deste capítulo, é possível construir os percursos para compreender as etapas de desenvolvimento do produto apresentado neste trabalho, que compreende a elaboração da exposição de fotografias dos acervos da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho e com contribuições do acervo fotográfico do professor Homero Rodrigues, no intuito de aproximar o patrimônio escolar do ensino de História. Pode-se analisar os caminhos de sua idealização e organização através da descrição do projeto da exposição. Em seguida, dissertou-se a respeito da sua montagem e organização no espaço expográfico digital e, por último, o processo avaliativo do material a partir das considerações de colaboradores que circundam o uso desses materiais nos contextos propostos.

5 POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA COM O MATERIAL DA EXPOSIÇÃO: PROPOSTA DE ATIVIDADES

A exposição digital do acervo fotográfico da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho procura ilustrar as possibilidades de fontes que a instituição escolar dispõe para o ensino de História. Sobretudo, partindo da concepção de que estas fontes fazem parte do patrimônio escolar, e que podem ser compreendidas como referências culturais da comunidade onde está inserida ou, ao menos, no próprio ambiente escolar, tendo em vista que os elementos que constituem esses espaços são “capazes de provocar diferentes sentimentos e sensações, as imagens que remetem às salas de aula conservam-se nas lembranças de uma parcela bastante significativa da população” (KINCHESCKI; SOUSA, 2017, p. 1).

Assim, os percursos estabelecidos para a constituição da exposição digital do acervo fotográfico da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho foram estabelecidos a partir da premissa de que esta – para além de ampliar os espaços de acesso ao patrimônio cultural desta instituição –, possa introduzir e/ou possibilitar a inserção de práticas educativas no âmbito do patrimônio cultural, no contexto do ensino de História com a sua utilização como recurso educativo. Assim, neste capítulo, como resultado da reflexão das possibilidades pedagógicas da exposição, são apresentadas sugestões de atividades a partir do material exposto no produto com ênfase na utilização das fotografias da exposição em percursos didáticos com ênfase na Educação Patrimonial.

Entende-se que a prática docente requer autonomia por parte dos professores para desenvolver suas atividades, pois este conhece a realidade sócio-educativa a qual está inserido, processo fundamental no desenvolvimento da aprendizagem de forma significativa. Isto posto, para corroborar com o objetivo deste trabalho – servir como recurso para atividades no âmbito da Educação Patrimonial com ênfase no Patrimônio escolar, elaborou-se dois percursos de sugestão de atividades para elucidar possibilidades de uso da exposição para atingir o objetivo já mencionado: a “trilha histórica da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho”, que compreende um percurso pelos espaços em que a escola já desenvolveu suas atividades, partindo das referências disponibilizadas nas fotografias da exposição; e a atividade “revisitando o passado”, em que se propõe dinâmicas acerca das vivências na escola a partir da análise das fotografias da exposição. Reforça-se que esses são exemplos que podem e devem ser adaptados pelos docentes de acordo com seus interesses e diagnósticos a respeito do seu planejamento curricular.

Como o foco da exposição digital se refere ao acervo fotográfico da instituição de

ensino, as práticas propostas se alinham no uso das fotografias como referências para o emprego de práticas com alinhadas à Educação Patrimonial, de maneira a compreendê-las como uma ligação entre registros históricos dos acontecimentos da vida escolar, como também com o papel que a escola desempenha no construto sócio-cultural da localidade. Sendo assim, essas atividades se colocam como uma ponte entre as possibilidades de uso do patrimônio escolar no planejamento docente e consecutivamente no ensino de História, bem como a aproximação discente com as referências culturais do ambiente em que vive em relação a sua instituição de ensino. Colaborando para uma aprendizagem histórica que valide as experiências temporais dos indivíduos e dos lugares que são reconhecidos pelos alunos.

5.1 Atividade I: Trilha “histórica” da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho

Uma das partes da exposição digital apresenta fotografias pertencentes ao acervo do Professor Homero que remontam através imagens os locais em que a instituição escolar do Balneário do Hermenegildo se estabeleceu ao longo da sua história. A partir destas fotografias e de registros que podem ser obtidos na escola, sugere-se como proposta de intervenção pedagógica que os (as) professores (as) criem com seus alunos um percurso para identificar os locais que já foram sede da escola e/ou cederam espaço para as atividades escolares. Nesse percurso podem ser levados em conta os eventos históricos, ou seja, além de identificar os logradouros, pode ser feita uma incursão nos períodos históricos, tanto na esfera municipal, como nacional⁵³ e, buscar compreender a realidade social do período e seus reflexos na educação do Balneário⁵⁴.

Além disso, dentro desta proposta, sugere-se a identificação das mudanças e permanências que ocorreram em que a escola já manteve atividades: com o auxílio do professor, os alunos podem investigar se no endereço ainda existe o mesmo prédio ou a mesma residência, se não, quais foram as mudanças significativas, se atualmente eles fazem

⁵³ Como já exposto no capítulo anterior, o professor pode contextualizar a formação social da região, levar em consideração a influência dos estancieiros na política municipal e na própria fundação de instituições de ensino durante o século XX no município. Além de estar fazendo uma relação com a trajetória histórica da instituição e do município, também é possível trabalhar conceitos históricos tangíveis, principalmente nos conteúdos de história do Brasil; como coronelismo e as influências da política local, que traçam e caracterizam a história sócio política do Brasil.

⁵⁴ Aqui o professor pode explorar o perfil dos moradores, através do acervo do professor Homero, pode-se ter acesso à fotografias das primeiras famílias que se tem registro no Balneário, desde o final do século XIX e início do século XX, até mesmo os primeiros redutos de ocupação e moradia. Aqui no trabalho essas imagens não são evidenciadas, tendo em vista que o foco se concentra na exposição de fotografias que representam o patrimônio escolar da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho. Entretanto, como já destacado no corpo do texto, estas sugestões de atividades servem para elucidar possibilidades de trabalho com esse material, que pode ser aprofundado e modificado de acordo com o planejamento docente e contexto de abordagem.

uso desses espaços e de que forma isso ocorre; pode ser construído uma mapa fazendo a relação do presente com o passado para que estes ao longo do percurso possam identificar as mudanças e permanências no espaço que eles vivem, bem como na trajetória da escola que estudam.

Para o desenvolvimento desse percurso didático é importante ter em mente que ao longo desta atividade o professor junto a seus alunos estará em busca de “construir conhecimentos a partir de um amplo diálogo entre as pessoas, as instituições e as comunidades que detêm as referências culturais a serem inventariadas. Sem a pretensão, contudo, de formalizar reconhecimento institucional por parte dos órgãos oficiais de preservação” (IPHAN, 2016, p. 9).

Ou seja, realiza-se com a premissa de inserção de práticas educativas para o patrimônio no contexto do ensino de história que se dá de forma integrativa e horizontal com a comunidade, pois é através dela que as informações e resultados serão obtidos. Para tanto, sugere-se o seguinte roteiro:

- 1) O docente pode acessar a exposição digital e selecionar as fotografias da seção trajetória da instituição: da Escola 34 até a E.M.E.F. Álvaro de Carvalho e selecionar as 4 fotografias que ilustram as residências que sediaram a instituição ao longo do tempo⁵⁵, podem ser impressas e levadas em sala de aula e/ou caso exista a possibilidade, os próprios discentes acessarem a exposição e visualizarem as fotografias.
- 2) Após identificar esses espaços e o período histórico que a instituição foi sediada nestes locais, o professor passa para a etapa de verificar onde esses prédios se localizam ou localizavam. Para isso, pode ser utilizado serviços digitais de imagens de satélite como o *Google Maps* para que os alunos possam ter a percepção espacial desse percurso (como exemplo das fotografias 1, 2 e 3). É contundente que durante essa etapa, os alunos sejam indagados se somente por meio dessa comparação entre as imagens da exposição e da localização por satélite conseguem reconhecer esses locais e se, existe semelhança com as fotografias e esses espaços no presente. Através desse movimento, os discentes vão constituindo a capacidade de relacionar o seu ambiente de vivências com as concepções de mudanças e permanências, o que pode ser explorado em paralelo com o estudo da História.

⁵⁵ Estas fotografias já estão expostas no corpo do texto no capítulo três que se refere à contextualização da instituição na elaboração deste trabalho.

Figura 16: Localização atual dos endereços da Escola



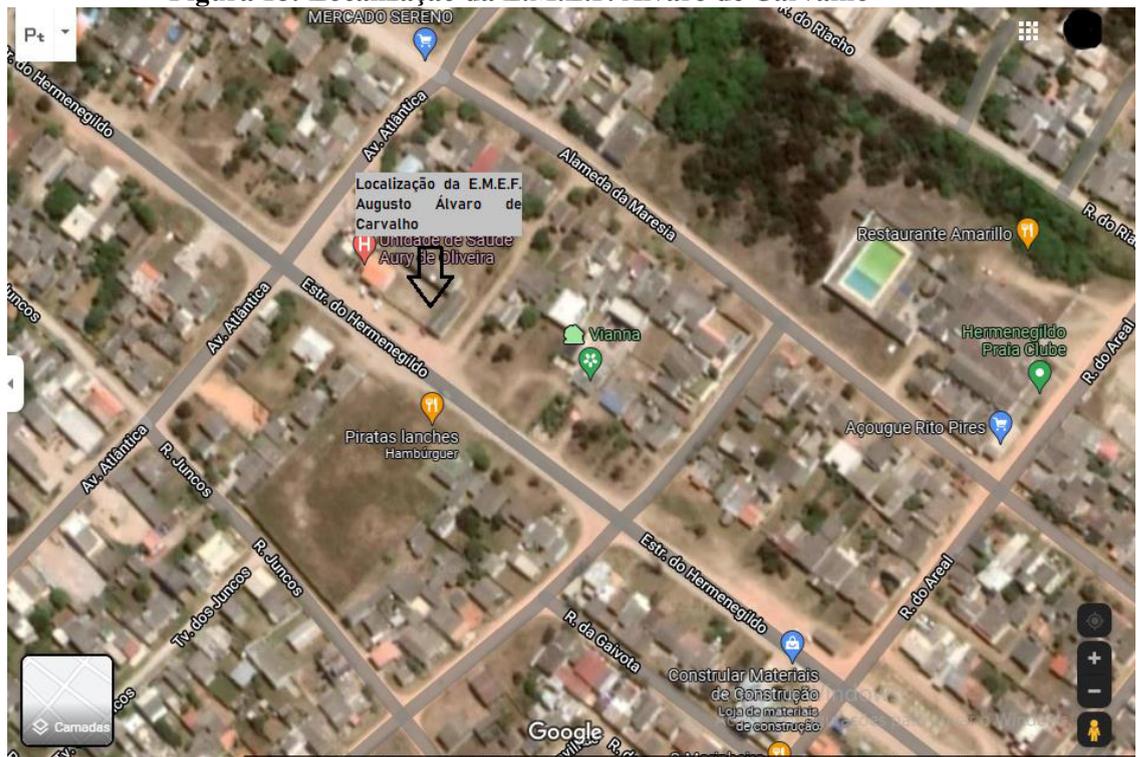
Fonte: Produzido pela autora, 2021

Figura 17: Localização Clube dos Veranistas e Primeira Capela Nossa Senhora dos Navegantes



Fonte: produzida pela autora, 2021

Figura 18: Localização da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho



Fonte: produzido pela autora, 2021

- 3) Após essas primeiras etapas, realizar-se-á uma visita de campo, realizando um percurso que levará em consideração a trajetória cronológica da instituição: partindo da escola, passando pelo local em que ficava a Capela Nossa Senhora dos Navegantes – primeira cede da escola; passando pelo local em que funcionava o Clube dos Veranistas – Escola 34, retornando para o atual endereço da escola (indicação na fotografia 4). Ao longo desse trajeto é importante incentivar os alunos a realizarem registros (tanto novas fotografias, como anotações de suas percepções) para que assim estes se apropriem do processo de aprendizagem através do método investigativo.

Figura 19: Percurso de Campo



Fonte: produzida pela autora, 2021.

- 4) Para aprofundar essa análise sobre a trajetória e para obter mais informações é possível realizar entrevistas com moradores mais antigos do Balneário, assim como, consultar os registros da escola e da Casa do Livro – biblioteca de iniciativa filantrópica, que atende a comunidade do Balneário, membros do conselho podem orientar quanto aos endereços e informações extras sobre a História do Balneário. Assim, os alunos se inserem no processo da análise da história da escola proposta pelo professor.⁵⁶
- 5) Por fim, após reunir os materiais, que aqui são expostos de forma abrangente, e como já mencionados podem e devem ser filtrados pelo professor de acordo com seu planejamento, os alunos podem confeccionar mapas com fotografias e desenhos representando os locais atualmente e como seria no passado; realizar uma espécie de guia de localização desses endereços e prédios; além de relatórios com as pesquisas realizadas para a confecção dessa atividade.

Essas etapas propostas na atividade têm por objetivo aproximar alunos e professores

⁵⁶Sobre a constituição desta atividade, consultar: SOUZA, Samire Machado; ORCINA, Sidemare Lima. *Hermenegildo: um recanto de histórias e belezas infinitas*. Santa Vitória do Palmar/RS: LIN, 2010. Esta obra apresenta um projeto de professoras do Município de Santa Vitória do Palmar, as quais trabalharam a história do Balneário do Hermenegildo, e junto com seus alunos elaboraram textos que oferecem bases desta obra que retratam, também, aspecto sobre a escola da localidade e podem auxiliar o professor no planejamento e desenvolvimento da atividade.

das referências culturais ligadas ao patrimônio escolar, neste caso à trajetória histórica das edificações da instituição, buscando aprofundar as próprias noções de patrimônio dentro do contexto do ensino de História, tendo em vista que “patrimônio cultural faz parte da vida das pessoas de maneira tão profunda que, algumas vezes, elas sequer conseguem dizer o quanto ele é importante e por quê. Mas, caso elas o perdessem, sentiriam sua falta” (IPHAN, 2016, p.8). Ou seja, por mais que muitas vezes educandos não tenham formulado o conceito de patrimônio e seu cotidiano, este se faz presente nas vivências. O reconhecimento desses espaços possibilita a incorporação das perspectivas comunitárias às referências culturais locais. Dessa forma, a escola passa ser vista como parte da sua comunidade como espaço histórico e de vivências, que não se refere somente ao presente, mas se conecta com a história do Balneário e com a de seus moradores.

5.2 Atividade 2: “Revisitando o passado”

A exposição conta com dois conjuntos principais de nichos temáticos das fotografias: o primeiro se refere à trajetória da escola, quanto aos seus espaços físicos (registros que tiveram sua utilização sugerida na atividade do item 5.1); e, o segundo, que compreende uma seleção de registros a respeito das interações da comunidade escolar que se deram nas comemorações da instituição, como formaturas; festividades temáticas e apresentações (homenagens à família, festa caipira, confraternização estudantil, desfile em comemoração ao Sete de Setembro); passeios e visitas técnicas. A atividade “revisitando o passado” parte da utilização desse segundo eixo das fotografias para sua elaboração e aplicação.

Para este percurso didático sugere-se que o professor elabore um roteiro de mapeamento a partir das fotografias da exposição que registraram comemorações; visitas técnicas e passeios da escola. Este mapeamento buscará localizar os estudantes, funcionários, professores que participaram desses momentos – para isso, o professor pode ampliar seus recursos de análise, buscando junto à escola registros dos alunos no período, além de buscar informações com os membros mais antigos do corpo de funcionários da instituição, isto possibilita que o professor consiga filtrar e identificar os registros que podem ser mais bem explorados no contexto de aplicação da atividade⁵⁷.

⁵⁷ Após as pesquisas feitas nos acervos e arquivos da escola para o desenvolvimento deste trabalho, é sabido que a escola conta com os registros de atas; livros de registro de ocorrência; bem como alguns registros de matrícula que datam desde a década de 1990, auxiliando assim no uso destes registros como fonte para o planejamento das atividades sugeridas. Além disso, por se tratar de uma comunidade pequena, muitos funcionários e antigos alunos ainda têm contato com a instituição de certa forma ou ainda vivem no balneário, o que auxilia na possibilidade efetiva dessa proposta ser aplicada.

Tabela 6: Modelo de Planejamento Docente para a atividade⁵⁸

Lista de Fotografias	Tema do registro	Data	Documentação e informações obtidas	Possibilidade de contato
Fotografia 1	Desfile de sete de setembro	1997	Ex.: direção identificou dois alunos presentes na fotografia; encontrados registros de matrículas destes estudantes	Ex.: Não (motivo: não residem mais na região)
Fotografia 2	Formatura	2003	Ex.: nome do estudante	Ex.: sim, por meio remoto.

Fonte: produzida pela autora, 2021.

Após esse processo de identificação do contexto das fotografias, o professor selecionará quantos registros achar necessário para o desenvolvimento da proposta pedagógica. Com isso, a atividade se divide em dois momentos:

1ª etapa: a(s) turma(s) em que a atividade será aplicada deve ser dividida em pequenos grupos, cada um desses grupos receberá uma cópia de uma fotografia pertencente ao acervo da escola e, preferencialmente, que estão na exposição digital⁵⁹. Ao receber essas fotografias, indica-se que o professor instigue os alunos a registrarem as suas primeiras percepções em relação ao material recebido (período do registro – pode ser no sentido do aluno identificar se a foto é mais “antiga” ou não e o que o leva a essa percepção, o que a foto está representando, se eles reconhecem alguns elementos físicos, como o ambiente em que a fotografia foi realizada – dentro ou fora da escola, dentre outros elementos que possam ser suscitados nessa etapa). Essa prática de identificação possibilita que os alunos possam participar da construção do seu saber com relação às referências culturais que sua escola transmite, muito mais que um sentido de contemplação, esse movimento de posicionar o aluno como agente do processo educativo, dentro do âmbito da Educação Patrimonial busca “estimular o conhecimento e a valorização das referências culturais e identitárias da comunidade” (TOLENTINO, 2015, p. 45).

Em seguida, é fundamental que o professor trabalhe com os alunos à respeito do uso

⁵⁸ As informações contidas na tabela são elaboradas para exemplificar como o professor ou mediador da aplicação do roteiro de atividade pode organizar os dados no seu planejamento.

⁵⁹ Cabe ressaltar que a exposição digital conta com uma parcela das fotografias pertencentes ao acervo fotográfico da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, como já explicitado no capítulo sobre os percursos metodológicos para a elaboração da exposição, foram selecionadas algumas fotografias que trazem o sentido de representatividade patrimonial dentro dos critérios de seleção estabelecido. Isto posto, ao apontar a preferência em utilizar estas imagens é no sentido de unidade com os objetivos estabelecidos na elaboração destas atividades, mas isto não impede do docente ao ter acesso à íntegra do acervo fotográfico selecionar outros registros para o planejamento, adaptação e aplicação deste roteiro.

de fotografias na pesquisa histórica e como ela pode ser uma ferramenta na aprendizagem em sala de aula, pois se compreende que o uso de fotografias no ensino de História se introduz como possibilidade de ampliação das fontes históricas, bem como de metodologias aplicadas no contexto da aprendizagem escolar, tornando-se uma ferramenta que aproxima o aluno de linguagens e representações sobre o passado, com isso pode-se conceber a fotográfica como um:

[...] recurso pedagógico viável, em que a imagem vem como um reforço à escrita propriamente dita, é realmente uma ferramenta de interpretação de determinado contexto, época ou até mesmo período específico, capaz de despertar a curiosidade do aluno por usufruir-se de uma estratégia diferenciada no ambiente escolar. (GUERRA; BENVENUTI, 2015, p. 612)

Além disso, a fotografia dispõe da viabilidade de uma análise crítica da História, pois mesmo sendo um registro do momento, não compreende uma verdade absoluta, nem mesmo uma totalidade, e sim, representações, até mesmo mensagens que queiram ser transmitidas tanto por quem faz o registro e por quem é registrado (KOSSOY, 2001). No contexto da sala de aula, essas discussões contribuem para o desenvolvimento da análise histórica a partir de diversas perspectivas metodológicas, aprofundando a compreensão do trabalho da escrita e estudo da história. No contexto do desenvolvimento desse roteiro, é importante reforçar que, o uso do patrimônio escolar e de percursos de educação patrimonial se estabelecem no intuito de justamente aprofundar os percursos de ensino e aprendizagem em História a partir de um viés mais participativo e identitária.

2ª etapa: Após o desenvolvimento da primeira etapa de identificação e de aprofundamento de conceitos, os alunos realizarão uma atividade de pesquisa a partir da fotografia recebida pelo seu grupo. Assim, a partir do planejamento realizado pelos professores, os alunos estabelecerão um roteiro de entrevistas, após as entrevistas o professor pode indicar aos discentes que comparem elementos desses eventos com os que ocorrem atualmente (a escola ainda realiza essas comemorações? Continua da mesma forma? O que mudou?; Que tipo de visita técnica a escola realiza atualmente? O que os alunos faziam nessas visitas? Qual foi a importância?; As formaturas ainda são celebradas? De que forma?), Para isso, os alunos devem refletir a partir do que eles vivenciam no cotidiano da escola. Por fim, como forma de intervenção ao que foi pesquisado e aprofundado no roteiro, recomenda-se que os alunos façam uma releitura a partir da fotografia pesquisa – podem reproduzir uma adaptação de apresentação em uma festividade da escola, a fotografia pode sofrer uma nova captura a partir de um contexto similar ao do registro original, entre outras possibilidades viáveis em detrimento da criatividade dos educandos, bem como os objetivos traçados pelos

professores.

Com base no que foi exposto acima, como proposta de atividades fundamentadas na utilização da exposição digital do acervo da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, acredita-se que estes percursos didáticos vêm ao encontro da perspectiva de por meio de práticas voltadas para a Educação Patrimonial com base na exploração do Patrimônio Escolar agregar ao ensino de História processos de ensino e aprendizagem emancipatório, crítico e politizado em que o aluno consegue alicerçar a história nas suas referências sócio-culturais, pois como aponta Natania Nogueira (2007), em seus registros de atividades de projetos no ambiente escolar: “escola não é espaço exclusivo para se desenvolver a educação patrimonial e a valorização da memória, mas certamente é um espaço que pode de várias formas, se tornar privilegiado para este fim”. Dessa forma, afirma-se que a escola não é apenas o local (espaço físico) em que a educação patrimonial ocorre, como também, objeto dessas intervenções e podem revelar as suas potencialidades para o ensino e para a aprendizagem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos objetivos estabelecidos ao longo da escrita deste relatório, observou-se que os caminhos escolhidos para a constituição da exposição digital de fotografias da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, contribuem para o debate relacionado as potencialidades dos acervos escolares – aqui destacados como patrimônio escolar -, para o desenvolvimento de atividades que os associem à Educação Patrimonial, no ensino de História. Isso é verificado, por meio das considerações postas pela professora de História da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, a qual considera que “certamente, quando for possível, pois é muito difícil ter espaço fora de cumprir os conteúdos cobrados, ainda mais agora com essa pandemia [...], irei buscar aplicar e usar com os alunos esse material” (MORAES, 2021). Demonstra-se, assim, que há viabilidade do seu uso no contexto de práticas de ensino, mesmo com as demandas convencionais das atividades escolares, bem como ao contexto particular desencadeado pela Pandemia da Covid-19, que alterou o funcionamento das instituições escolares, bem como a forma como se deram as relações de ensino e aprendizagem.

A exposição, tanto no sentido do seu conteúdo, como na perspectiva de compor um produto que tenha como função servir de aporte para práticas educativas atreladas ao uso do patrimônio escolar no ensino de História, buscou por meio das fotografias da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho apresentar um caminho para elencar a escola e sua trajetória como conteúdo produzido no contexto da sua comunidade. As fotografias escolhidas para compor o espaço expositivo na plataforma digital retratam a trajetória da instituição por meio de registros que apontam os locais em que suas atividades foram desempenhadas ao longo dos anos. Além disso, representam momentos de trocas, de convívio e aprendizado que resultaram de atividades escolares, tanto no espaço interno da escola, como em ambientes externos; mas todos ligados pelo contexto de atividades escolares. Essa condução das temáticas abordadas nas fotografias elegidas para a exposição reafirma esse sentido de integrar e compreender a escola como produtora de fontes que podem ser utilizadas no contexto educacional. E, além disso, proporciona a perspectiva de entender que a escola e seus agentes (pessoas que integram esse espaço ao longo do tempo) traduzem a importância dessa instituição na história da localidade.

Ainda, pontuando essa análise sobre os resultados e reflexões obtidos por meio da execução do produto e a receptividade que o mesmo teve entre professores de História, cabe ressaltar que a escolha do formato para o ambiente digital, sobretudo, nas circunstâncias já mencionadas, em que atividades de modo presencial, por mais que estejam sendo retomadas

gradativamente, ainda demandam um planejamento mais complexo e com mais disponibilidade de tempo para o seu desenvolvimento, possibilitou que os objetivos estabelecidos para a exposição tivessem retorno do público-alvo. Isso porque, por se apresentar em ambiente digital, foi possível divulgar o material para o seu acesso e, com isso, receber as considerações e pareceres à respeito da percepção de professores do material e da proposta do projeto da exposição.

Outros aspectos que se destacaram ao longo das reflexões construídas no âmbito da descrição e análise da exposição, revelam que a proposta de preconizar o trabalho que estabelece a relação entre patrimônio escolar e ensino de História promove a associação entre as referências culturais produzidas no ambiente escolar, ou seja, o patrimônio e sua aplicação no contexto educacional. Outrossim, revela-se que ao compreender essa correlação entre educação e patrimônio, no contexto deste trabalho o patrimônio escolar, como uma perspectiva para a elaboração de práticas de ensino, se está evidenciando as potencialidades que existem na promoção da Educação Patrimonial, no contexto escolar, permitindo a exploração de “diferentes formas de aprender, que ultrapassam as estratégias tradicionais” (GIL; POSSAMAI, 2014, p. 21). Demonstrando que as experiências, as vivências e as referências que estão inseridas na realidade escolar também podem compreender fontes para o estudo da História.

A relação entre memória e fotografia também se faz presente ao passo que a exposição foi sendo constituída e foram sendo analisadas as escritas elaboradas acerca da receptividade da exposição. Conforme retratam momentos e paisagens que estão interligadas ao ambiente da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, as fotografias selecionadas apresentam a ligação com memória afetiva e as relações de referências cotidianas da comunidade a qual a escola pertence. Nesta perspectiva, as fotografias, como já descrito anteriormente, estão diretamente relacionadas à ideia de remeter às lembranças (não se esgotando nessa perspectiva), pois desencadeiam uma conexão entre o que se vê (atrelado ao sentido da visão), com o que esta imagem evoca nos sujeitos. Assim, um trabalho que se desenvolveu buscando constantemente evidenciar a relevância das fotografias como uma forma de ligação com as experiências no cotidiano escolar, interpretadas como fontes para o ensino de História, também se vale dos pressupostos que entrelaçam fotografia à memória.

A partir de todas as explicações e considerações postas até aqui, evidencia-se que os ambientes expográficos constituem ferramentas potentes para o desenvolvimento de práticas educativas, as quais são capazes de romperem barreiras das estruturas tradicionais de ensino, principalmente, no campo da História. Afinal, por meio delas, podem ser abordados diversos

tipos de acervos, os quais podem ampliar as noções de sujeitos históricos e de ambientes em que a história acontece. No que diz respeito às relações de aprendizagem no ambiente escolar, esse movimento pode contribuir para a formação social e humana dos educandos à medida que se mostram como ferramentas de aproximação entre a disciplina escolar e a realidade em que a comunidade está inserida.

Claro que esse movimento não pode ser compreendido de forma isolada, requer planejamento e um trabalho curricular que busque outros enfoques para o ensino de História, e dessa forma, na elaboração da exposição, sempre se manteve o propósito do desenvolvimento de possibilidades pedagógicas e da disponibilização de material bibliográfico de fácil acesso aos professores, para que estes possam adaptar os percursos didáticos ao seu contexto de planejamento e que possam, caso não tenham previamente, contato com as produções acerca da temática da exposição. Sendo, não um limitador, mas sim um ponto de partida para o trabalho com as fontes produzidas no ambiente escolar.

Por fim, destaca-se que, em detrimento do desenvolvimento da exposição em plataforma digital, o acesso ao material e ao formato do trabalho não se limitam ao contexto apenas das atividades da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, e é evidente que, em primeiro plano e de forma objetiva, a exposição é destinada a essa realidade. Entretanto, ao ser concebido em ambiente de amplo acesso estima-se que a exposição ganhe novas aplicações e novos sentidos em contextos em que se planeje o alinhamento do patrimônio escolar e atividades de Educação Patrimonial para o ensino. Assim, verifica-se que, mesmo que para os desdobramentos deste trabalho tenham sido traçados objetivos a serem alcançados, o alcance da exposição pode suscitar outras perspectivas que nem foram traçadas ao longo do seu desenvolvimento, seja porque não coincidia com o plano estabelecido, com o referencial teórico-metodológico elencado mas, principalmente, porque as produções no entorno do patrimônio escolar, do ensino e História e da Educação Patrimonial formam um campo de infinitas possibilidades de práticas educativas e debates que ainda irão fomentar as produções acadêmicas.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- ALMEIDA, Doris B.; GIL, Carmem Z. V. Patrimônio da educação: o ensino e a pesquisa. **Revista Latino-Americana de História**. São Leopoldo. V. 2, nº 6, ago. 2013. PPGH-UNISINOS.
- AQUINO, Cristiane V. Educação Patrimonial na sala de aula: a escola como patrimônio cultural. In: TOLENTINO, Átila (Org.). **Educação Patrimonial: diálogos entre escola museu e cidade – Caderno Temático de Educação Patrimonial**, 4. João Pessoa: IPHAN, 2014, p. 25-31.
- BARBOSA, Fernando López. **Manual de Montaje de Exposiciones**. Bogotá: Colcultura, 1994.
- BASTOS, M. H. C.; JACQUES, A. R. Liturgia da memória escolar Memorial do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002). **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 15, n. 28, 2014, p. 49-76.
- BITTENCOURT, Circe M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2011.
- BLOCH, March. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília; Distrito Federal: MEC/SEF, 1998.
- _____. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, Distrito Federal: MEC, 2018.
- BRITO, Maria José. Como montar uma exposição? **Educação e Matemática**, nº 73, jun. de 2003.
- BURKE, Peter. **Escola dos Annales 1929-1989: a revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Unesp, 2010.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Decreto Lei Nº 3.551 de 04 de agosto de 2000**. Brasília, DF, 2000.
- CANDAU, Joel. **Antropologia da Memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.
- CARVALHO. **Projeto Político Pedagógico**. Santa Vitória do Palmar, RS: [s.n.], 2018.
- CERRI, Luis Fernando. Os Conceitos de Consciência Histórica e os desafios da Didática da História. **Revista de História Regional** 6(2): 93-112, Inverno 2001.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. Acervos Escolares: olhares ao passado no tempo presente. **História e Educação**, Porto Alegre, vol. 19, nº 47, dez. 2015, p. 293-296

_____. Didática da História: uma leitura teórica sobre a História na prática. **Revista de História Regional** 15(2): p. 264-278, Inverno, 2010.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

DELLA VALENTINA, Andrea Aparecida ; MATTOS, Ivana de Macedo . (2021). Articulações do Instituto Tomie Ohtake em tempo de pandemia: Visita virtual à Exposição Lumina, guiada pela artista Mariana Palma: Tessituras com a educação remota na aula de Arte. **Revista Do Colóquio**, (20), 9–25. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/colartes/article/view/35524>. Acesso: 27 de out. 2021.

DESVALLÉSS, André; MAIRESSE, François. **Conceitos-chaves de Museologia**. São Paulo: Colin, 2013.

FAUSTO, Bóris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2015.

FLORENCIO, Sônia. **Educação Patrimonial: Histórico, Conceitos e Processos**. Brasília: IPHAN, 2014.

FLORENCIO, Sônia. et al. **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos**. Brasília: IPHAN, 2012.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados**. São Paulo: Papirus, 2003.

FREIRE, Diego José Fernandes. O (des)encontro entre história e memória. **História e Historiografia**. Ouro Preto, v. 21, p 132-139, ago.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

FURTADO, A. C. Os Arquivos Escolares e sua Documentação: possibilidades e limites para a pesquisa em História da Educação. **Revista de Ciência da Informação e Documentação**. V. 2, n. 2, p. 145-159, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42357>. Acesso em: 25 jan. 2021.

GIL, Carmem Z. V. Arquivos Escolares e ensino de História. **Revista de Pós-Graduação em Educação** – UNESC, Santa Catarina, v.1, 2012.

GIL, Carmem Zeli de Vargas; POSSAMAI, Zita Rosane. Educação Patrimonial: percursos, concepções e apropriações. **Mouseion**, Canoas, n. 19, 2014, p. 13-26.

GRUNBERG, Evelina. Educação Patrimonial: utilização dos bens culturais como recursos educacionais. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, nº 12, p. 159-180, 2000.

GUERRA, Tatiane Gasperin; BENUENUTI, Jaqueline. A fotografia como uma nova estratégia para o ensino de História. **Revista do Lhiste**. Porto Alegre: 2015, vol. 2, p. 611-625.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Caminhos da memória**: para fazer uma exposição. Brasília/DF: IBRAM; 2017.

INSTITUTO DO PATRIMONIO HISTÓRICO E ARTISTICO NACIONAL. **Proteção e Revitalização do Patrimônio Cultural no Brasil**: uma trajetória. Brasília, 1980.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Educação Patrimonial**: Inventários Participativos. Brasília: IPHAN, 2016.

_____. **Educação Patrimonial**: projeto mais educação. Brasília: IPHAN, 2013.

_____. **Educação Patrimonial**. Brasília, DF: 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 23 de out. de 2020.

KINCHESCKI, Ana Paula de Souza; SOUSA, Gustavo Rugoni. A escola e seus objetos: reflexões sobre cultura material escolar. **Periódicos UDESC**, 2017. Disponível em: [file:///C:/Users/Iryna%20Correa/Downloads/10740-Texto%20do%20artigo-37405-1-10-20171218%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Iryna%20Correa/Downloads/10740-Texto%20do%20artigo-37405-1-10-20171218%20(1).pdf). Acesso: 15 de dez., 2021.

KOSSOY, Bóris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LONDRES, Cecília. O Patrimônio Cultural na formação das novas gerações: algumas considerações. *In*: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Educação patrimonial**: reflexões e práticas. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012.

MALVERDES, André; LOPEZ, André Porto. Patrimônio fotográfico e os espaços de memória no estado do espírito santo. **Ponto de Acesso**, Salvador, vol. 10, n.1, 2016, p. 59-80.

MELLO, Tancredo Fernandes de. **O Município de Santa Vitória do Palmar**. Porto Alegre: Editora Martins Livreiro, 1992.

NERY, Olivia Silva; et all. Caixas de memórias: a relação entre objetos, fotografias, memória e identidade ilustradas em cenas da ficção. **Revista de Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, vol. 51, n.1 2015, p. 42-51.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, p.7-28, dez. 1993.

_____. Memória: da liberdade à tirania. **Revista Musas**, nº 4. p. 7-10, 2009.

OLIVINDO, Mário Sergio Pereira. Ensino de História e Memória: usos do passado e os desafios do historiador e do professor. **XXIX Simpósio Nacional de História**. ANPUH, p. 1-14, 2017.

OLIVEIRA, Fabiana Valeck. **Patrimônio Escolar**: para além da arquitetura, a materialidade do patrimônio histórico nas escolas paulistas, 2015. 160f. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo,

Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio cultural: consciência e preservação**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PINHEIRO, Áurea, da Paz. Memória, ensino de história e patrimônio cultural. *In*: PINHEIRO, Áurea da Paz; PELEGRINI, Sandra. **Tempo, Memória e Patrimônio Cultural**. Piauí: EDUFPI, 2010, p. 29-52.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla B. Por uma História Prazerosa e Consequente. *In*: KARNAL, Leandro (Org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 17-36.

PLANALTO. **Constituição Federal**. Brasília, DF: 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 25 de ago. de 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA VITÓRIA DO PALMAR. **Plano Municipal de Educação**. Santa Vitória do Palmar, RS: [s.n.] 2015. Disponível em: www.ufrgs.br/monitoramentopne/planos/municipais-de-educacao-rs/s/santa-vitoria-do-palmar Acesso: 23 de out. de 2020.

RODEGHERO, Carla Simone; CARDOSO, Claudira Cirino. Ações Educativas para o patrimônio na parceria UFRGS- Arquivo Público do Rio Grande do Sul (APERS). *In*. FRAGA, Hilda J. de. (org.). **Experiências em Lugares de Memória: ações educativas**. Porto Alegre/RS: Selbach e Autores Associados, 2015.

RUPP, Betina. O curador como autor de exposições. **Revista Valise**, Porto Alegre, vol.1, n.1, jul. de 2011. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/RevistaValise/article/view/19857/12801> Acesso em: 30 de Nov. 2021.

RÜSEN, JÖRN. Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. **Revista Práxis Educativa**. Ponta Grossa, PR. v. 1, nº 2, p. 07 – 16, jul, 2006.

SAMAIN, Etienne. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejos. **Visualidades**, Goiânia, n. 1, 2012, p. 151-164.

SANI, Roberto. A pesquisa sobre patrimônio histórico e educacional na Itália. **Revista Linhas**, Florianópolis, vol. 20, n. 44, 2019.

SCHIAVON, Carmem G. Burgert; SANTOS, Thiago Fonseca. **Patrimônio, Ambiente e Ensino em Rio Grande: elementos para interpretação e valorização dos bens culturais**. Vol. 3. Rio Grande/RS: FURG, 2013.

SCIFONI, Simone. Conhecer para Preservar. **Revista CPC**, São Paulo, n. 27, 2019, p. 14-31.

SILVA, Cristiani Bereta da. Patrimônio Educativo. *In*. CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina (Org.). **Dicionário temático de patrimônio: debates contemporâneos**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2020.

SILVA, Danilo Celso da. Os desafios para elaboração de exposições digitais no contexto da pandemia Covid – 19. v. 1 (2021): Anais do Seminário Internacional de Arquitetura e Urbanismo – SIAU. Disponível em:

<https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/siau/article/view/27920>. Acesso em: 02 de Nov. de 2021.

SILVA, Luiz Rocha. O impacto da Educação Patrimonial na formação de Professores no município da Vigia de Nazaré. 2007. **Dissertação** (Mestrado em Educação – Núcleo Pedagógico de Apoio ao Desenvolvimento Científico). Mestrado em Educação da Universidade do Pará – UFPA, Belém, PA, 2007.

SILVA, Kalima V.; SILVA, Maciel H. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SIMÕES, Igor Moraes. Objetos em estado de exposição: exercício para uma escrita contemporânea da arte como montagem. **Anpap**, Porto Alegre, 2016, p. 2331-2346.

SOUZA, R.F. Preservação do patrimônio escolar no Brasil: notas para um debate. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 14, n. 26, 2013, p. 199-221.

SOUZA, Samire Machado; ORCINA, Sidemare Lima. **Hermenegildo**: um recanto de histórias e belezas infinitas. Santa Vitória do Palmar/RS: LIN, 2010.

TOLENTINO, Átila Bezerra. Educação Patrimonial Decolonial: perspectivas e entraves nas práticas de patrimonialização federal. **Sillages**, vol, 1, n.1, 2018, p. 41-60.

_____. O que não é educação patrimonial: cinco falácias sobre seu conceito e suas práticas. In: TOLENTINO, Átila Bezerra. **Cadernos Temáticos de Educação Patrimonial, nº. 4**: Diálogos entre escola, museu e cidade. Paraíba: IPHAN, 2015.

TORRES, Tatiana; SCHIAVON, Carmem. Educação Patrimonial e o ensino de História das cidades. **Revista Memoriae**. Tubarão, SC, v. 2, p. 52-71, 2015.

ZANON, Elisa Roberta. et al. **Educação Patrimonial**: da teoria à prática. Londrina, Paraná: Editora da UniFil, 2009.

APÊNDICE 01 – PRODUTO

Para ter acesso ao conteúdo completo da Exposição de fotografias da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho, intitulada: A escola é o nosso patrimônio! Exposição de fotografias do acervo da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho e contribuições utilize o *link*: <https://exposicaoacervoesc.wixsite.com/website>. Assim, pode-se contemplar todos os recursos disponíveis e que foram descritos ao longo do relatório apresentado.

PROJETO DE EXPOSIÇÃO – ACERVO DE FOTOGRAFIAS DA E.M.E.F. ÁLVARO DE CARVALHO⁶⁰

Resumo: a exposição apresentará fotografias da escola (trajetória) que pertencem ao acervo do Professor Homero Rodrigues, e de registro que apresentam momentos de vivências e experiências da comunidade escolar no contexto da escola, sendo passeios, festividades, apresentações, dentre outras possibilidades que se enquadrem na temática escolhida: as fotografias.

LAUOUT: fosse nas cores da escola: azul celeste, azul marinho e amarelo ouro
Página inicial: colocar o nome da exposição, o logo da escola e apoiadores do projeto
Uma seção explicando o projeto, desenvolvimento e objetivos
A exposição dividida em 2 partes: A escola e a comunidade escolar
Uma aba dedicada aos professores – com uma dedicatória e com uma aba de indicações de usos pedagógicos da exposição e referencias bibliográficas
Agradecimentos

Nome do projeto: A escola é o nosso patrimônio! Exposição de fotografias do acervo da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho e contribuições

Apoiadores:

E.M.E.F. Álvaro de Carvalho

PPGH-FURG

DAC-PROEXC/FURG

⁶⁰ Apresentação do projeto inicial para o desenvolvimento da exposição.

Explicação do Projeto:

A Exposição digital de fotografias pertencentes ao acervo fotográfico da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho é produzida no contexto do desenvolvimento do projeto de mestrado da acadêmica Iryna Corrêa do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande, é constituído a partir da seleção de fotografias pertencentes ao acervo da escola e do acervo do Prof. Homero Rodrigues que representam a trajetória de fundação e do cotidiano escolar, como festividades e visitas técnicas que foram registradas e mantidas pela escola. Este trabalho tem por objetivo principal dispor aos professores um recurso que aproxime o patrimônio escolar das práticas de ensino de História, pois se concebe que a escola pode também ser utilizada como fontes de pesquisas e projetos desenvolvidos no contexto do planejamento docente e aplicado com os alunos. Obviamente, as possibilidades educativas não se esgotam na realidade do ensino de História, podendo ser adaptadas em contextos de outras disciplinas e áreas do conhecimento. Além disso, essa exposição é pensada também para constituir uma aproximação entre a comunidade escolar do balneário do Hermenegildo e história da escola desta localidade, buscando compreendê-la para além de um espaço formativo, também como um ambiente de experiências e de produções e que estas, constituem parte do patrimônio dessa instituição.

Indicações do uso da exposição em propostas pedagógicas:

Entende-se que a prática docente requer autonomia por parte dos professores para desenvolver suas atividades, pois este conhece a realidade sócio-educativa a qual está inserido, processo fundamental no desenvolvimento da aprendizagem de forma significativa. Dessa forma, para corroborar com o objetivo deste projeto – servir como recurso para atividades no âmbito da Educação Patrimonial com ênfase no Patrimônio escolar, elaborou-se dois percursos de sugestão de atividades para elucidar possibilidades de uso da exposição para atingir o objetivo já mencionado. Reforça-se que esses são exemplos que podem e devem ser adaptados pelos docentes de acordo com seus interesses e diagnósticos a respeito do seu planejamento curricular.

1º) Trilha “histórica” da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho

A partir das fotografias expostas e dos registros escolares contidos na instituição, sugere-se que o (a) professor(a) crie com seus alunos um percurso para identificar os locais que já foram sede da escola e/ou cederam espaço para as atividades escolares. Nesse percurso pode ser levado em conta os eventos históricos, ou seja, além de identificar os logradouros,

realizar uma contextualização do período histórico, tanto na esfera municipal, como nacional. Buscar compreender a realidade sócio-histórica do período e seus reflexos na configuração da educação no Balneário. Além disso, dentro desta proposta, pode-se identificar as mudanças que ocorreram nos locais que já abrigaram as atividades da escola: se no endereço ainda existe o mesmo prédio, se não, o que ocasionou essas mudanças. Para obter essas informações é possível realizar entrevistas com moradores mais antigos do Balneário, assim como, consultar os registros da escola e da Casa do Livro – biblioteca de iniciativa filantrópica que atende a comunidade do Balneário, membros do conselho podem orientar quanto aos endereços e informações extras sobre a História do Balneário, por fim, indico para a constituição dessa atividade a consulta do livro de SOUZA, Samire Machado; ORCINA, Sidemare Lima. Hermenegildo: um recanto de histórias e belezas infinitas. Santa Vitória do Palmar/RS: LIN, 2010, que foi um projeto de professoras do Município de Santa Vitória do Palmar que trabalharam a história do Balneário do Hermenegildo e junto com seus alunos elaboraram textos que dão bases desta obra que retrata também aspecto sobre a escola da localidade e pode auxiliar o professor no planejamento e desenvolvimento da atividade.

2º) Revisitando o passado

Para esta atividade sugere-se que o professor elabore um roteiro de mapeamento a partir fotografias do acervo que registraram comemorações e das visitas técnicas da escola, dos estudantes e funcionários que participaram desses momentos e realizar com as turmas um roteiro de entrevistas e registros sobre o que estas pessoas recordam sobre esses eventos, como eram as apresentações, quais eram os objetivos das visitas técnicas. É importante levantar junto com a equipe diretiva a viabilidade dessas entrevistas, bem como informações que facilitem a localização desses sujeitos. Como produto dessas investigações sugere-se que, os alunos possam constituir narrativas comparando as mudanças e permanências na cultura escolar e, se for viável e fizer parte do projeto elaborado pelo docente, incentivar os alunos a reproduzir as imagens, tanto em apresentações artísticas como nas visitas técnicas.

Referências

Para as ênfases teóricas e de práticas da Educação Patrimonial e do Patrimônio escolar, a seguir dispõe-se autores que trabalham com essa área e que auxiliam na ambientação com essas temáticas para o desenvolvimento e incorporação de práticas de Educação Patrimonial em sala de aula.

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: Lamparina, 2003.

ALMEIDA, Doris B.; GIL, Carmem Z. V. Patrimônio da educação: o ensino e a pesquisa. **Revista Latino-Americana de História**. São Leopoldo. V. 2, nº 6, ago. 2013. PPGH-UNISINOS.

AQUINO, Cristiane V. Educação Patrimonial na sala de aula: a escola como patrimônio cultural. In: TOLENTINO, Átila (Org.). **Educação Patrimonial**: diálogos entre escola museu e cidade – Caderno Temático de Educação Patrimonial, 4. João Pessoa: IPHAN, 2014, p. 25-31.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Decreto Lei Nº 3.551 de 04 de agosto de 2000**. Brasília, DF, 2000.

CARVALHO. **Projeto Político Pedagógico**. Santa Vitória do Palmar, RS: [s.n.], 2018.

FLORENCIO, Sônia. **Educação Patrimonial**: Histórico, Conceitos e Processos. Brasília: IPHAN, 2014.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

FURTADO, A. C. Os Arquivos Escolares e sua Documentação: possibilidades e limites para a pesquisa em História da Educação. **Revista de Ciência da Informação e Documentação**. V. 2, n. 2, p. 145-159, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42357>. Acesso em: 25 jan. 2021.

GIL, Carmem Z. V. Arquivos Escolares e ensino de História. **Revista de Pós-Graduação em Educação** – UNESC, Santa Catarina, v.1, 2012.

INSTITUTO DO PATRIMONIO HISTÓRICO E ARTISTICO NACIONAL. **Proteção e Revitalização do Patrimônio Cultural no Brasil**: uma trajetória. Brasília, 1980. _____ . **Educação Patrimonial**. Brasília, DF: 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em: 23 de out. de 2020.

LONDRES, Cecília. O Patrimônio Cultural na formação das novas gerações: algumas considerações. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Educação patrimonial**: reflexões e práticas. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012.

SILVA, Cristiani Bereta da. Patrimônio Educativo. In. CARVALHO, Aline; MENEGUELLO, Cristina (Org.). **Dicionário temático de patrimônio**: debates contemporâneos. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2020.

Contato:

Constituir um formulário para os visitantes da exposição possam enviar o retorno de suas experiências com a exposição, além de sugestões e indicação de materiais que possam enriquecer o ambiente expositivo dentro das temáticas trabalhadas.

Dedicatória aos professores:

Caro (a) professor (a),

A docência é uma prática transformadora e, mais que um dom e/ou uma vocação, é um processo constituído a partir da dedicação e no compromisso com o ensino que proporcionam descobertas ao longo da trajetória profissional, é dessa maneira que busco compreender o papel dos professores na sociedade brasileira e assim, colocar essa concepção nas minhas vivências cotidianas no magistério. Essa exposição foi elaborada e executada no intuito de se integrar a esses processos pelos quais as práticas docentes se constituem. Entendo que dentro do campo do ensino de História as possibilidades de inserir práticas de Educação Patrimonial são favoráveis e podem auxiliar nos processos de ensino e aprendizagem. Assim, essa exposição se entrelaça com a premissa de conceber possibilidades de inserção do patrimônio escolar nas práticas de ensino de História.

Possibilitando a viabilidade de novos recursos e abordagens no contexto do ensino e aprendizagem escolar. Mais que um modelo ou suporte pedagógico, essa exposição busca constituir um diálogo entre esses conceitos e evidenciar que a prática docente pode ser matéria nos desdobramentos das pesquisas acadêmicas. Espero, que de alguma forma, as abordagens dadas às fotografias aqui expostas possam elucidar possibilidades de práticas de ensino que viabilizem a utilização do patrimônio escolar no contexto de sala de aula. Almejo que a sua experiência possa ser positiva na sua imersão no conteúdo aqui apresentado.

Muito Obrigada!

Agradeço a colaboração de todos que de alguma forma contribuíram para que este projeto ganhasse forma e também, a todos aqueles que daqui para frente farão uso deste material em suas incursões pedagógicas.

Agradecimentos:

Em especial, deixo registrado o agradecimento à equipe diretiva da E.M.E.F. Álvaro de Carvalho que colaborou com a obtenção de informações e materiais para a composição da exposição; ao Prof. Homero Rodrigues pela entrevista, que se tornou uma mergulho ao passado do Balneário do Hermenegildo, revisitando fotografias e fatos sobre a fundação da escola, base fundamental deste trabalho. Aos professores que dispuseram do seu tempo para avaliar os resultados deste trabalho. Por fim, agradeço à Prof. Dra. Carmem Schiavon pela orientação e apoio ao longo de todo o desenvolvimento do trabalho; e à acadêmica Maria Rita Martins e à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, por meio da Diretoria de Arte e Cultura da

Universidade Federal do Rio Grande pelo suporte e dedicação na elaboração desta exposição digital.

Esta exposição se concretiza pelo trabalho, mas principalmente, pela rede de apoio que construí ao longo desta caminhada, e desta forma, torna-se um produto coletivo.

Localização:

Endereço: A E.M.E.F. Álvaro de Carvalho está localizada no Balneário do Hermenegildo no município de Santa Vitória do Palmar/RS. Alameda das Acácias, nº 469 - Avenida principal de acesso ao bairro.

Lilk de atalho ao Google Maps:

<https://www.google.com/maps/dir/?api=1&destination=Alameda%20das%20Ac%C3%A1cias%20-%20Atl%C3%A2ntico,%20Santa%20Vit%C3%B3ria%20do%20Palmar%20-%20RS,%2096230-000,%20Brasil>

APÊNDICE 2 – ENTREVISTA COM O PROFESSOR HOMERO RODRIGUES

Data da entrevista: 04 de fevereiro de 2021

Tempo de gravação: 32 minutos e 12 segundos.

Entrevistadora: - Quando se sentir à vontade, podes falar sobre a trajetória conhecida sobre a escola, no Hermenegildo.

Homero Rodrigues: - A Escola do Hermenegildo não tinha nome, se chamava Escola 34, o município de Santa Vitória do Palmar tinha muitas escolas no interior, era muito isolado, tanto que esta aqui é 34. Por que ela surgiu? Em João Gomes, tu conheces João Gomes? Em João Gomes morava um castelhano chamado Emílio Hernandez que tinha muitos filhos e ele, assim como outros fazendeiros, usavam o sistema de contratar as meninas com 5º ano primário e levavam para a estância e elas davam aula para os filhos e vizinhos [desses estancieiros] que vivam, as vezes, a quatro ou cinco quilômetros léguas. Esse Emílio Hernandez tinha essa escola em João Gomes, mas acontece que aqui no Hermenegildo passou a ter um núcleo maior. Tinham os Vianas, os Rodriguês (com a dona Dora) e tinha um senhor que era o fiscal daqui, ele era funcionário da Prefeitura e se chamava Serafim Pires, ele cuidava os campos aqui da volta, cuidava o Hermenegildo, inclusive, no verão ele era açougueiro, ele tinha um açougue e os filhos todos tiveram açougue, trabalharam no açougue com ele. Então o Serafim Pires, durante o verão, eu já era menino, tinha uns doze ou treze anos, ele apareceu ali atrás daquela rua que faz a volta ali (ele apontou para o lugar), encontraram ele pela manhã caído na beira da lagoa, ele teve um ataque cardíaco, ele tava com o cavalo e cachorro. Havia, no inverno, um reduto familiar reduzido, mas que era maior do que em outras localidades isoladas no município. No governo de 1953, do Dr. João de Oliveira Rodrigues, ele resolveu criar uma escola, a Escola 34, para atender esse pessoal, e o pessoal de João Gomes e Geribatu iriam vir pra cá, para a Escola 34. Bom, precisava-se de professoras. A Dona Elinha era casada com um cidadão chamado Edinho e era companheiro político do prefeito, e era o fiscal do Hermenegildo após a morte do Serafim, e ela veio morar aqui. O primeiro problema era que se precisava de prédio para a escola, não tinha prédio, só tinham esses ranchos que vimos nas fotos. O primeiro prédio foi a capelinha, mas a capelinha era lata do chão, telha francesa, que em 1959 o mar levou e, tinham umas janelas que não tinham vidro eram uma tábua que corriam na parede, e assim como os ranchos. E todos tinham a posição voltada para nordeste, porque tinha portas e janelas, com dois ou três cômodos, quando os ventos estavam daqui (direção do mar) fechava-se e a vida toda era aqui (direção campestre), quando os ventos mudavam e vinha o “pampeiro” que é um vento mais

frio, mudava-se a posição, uma parte ficava escura.

Em 1924, criou-se o primeiro clube, nós estamos em na década de 1950, em 1924 criou-se o primeiro clube que era um rancho grande feito de palha, com o mesmo sistema de posição, onde ta a casa da professora (rua Marinheiro ao Largo), em um terreno de um sujeito que comprou do Joaquim Torino, chamado Venceslau Rocha. Esse Venceslau Rocha começou a vender terrenos e então ele fez um clube para desenvolver a zona. Depois o clube ficou pequeno e passaram o clube para onde hoje é a praça, de palha também, chamado Clube Recreio dos Veranistas, já não era mais clube Venceslau Rocha. Um é a continuação do outro, formato é praticamente o mesmo. Eu vivi muito dentro desse clube, porque em 1950, quando mudou, eu tinha treze anos, eu já era moço. Então a gente entrava no clube e esses ventos daqui fechavam a porta daqui e fechava a janela, e abria a outra, virada pra cá, porque aqui tinha um campestre, no meio da areia. Quando os ventos mudavam, fazia-se o contrário, e a gente entreva por lá, esse era o funcionamento.

Então a escola passou a funcionar na capelinha, a capelinha tinha uma santa de Nossa Senhora dos Navegantes que tinha sido dada por uma família para uma capela no Porto, enquanto não fizeram a capela no Porto, que só foi feita na década de 1960, a santa vinha pra cá. Tinha uma estancieira, a Dona Malvina Corrêa, que tinha campos em Geribatu, então no inverno ela levava [a santa] lá para a estância e ficava sem a santa aqui. Ai começou a funcionar a Escola 34, só que tinha uma coisa, era muito frio no inverno, as crianças não agüentavam, porque não tinha forro, não tinha [proteção] nas janelas, então resolveram, passar a escola para o rancho da Dona Clotilde, que já era menos desconfortável. Mas eu conheci esse rancho, não tinha piso era de areia. Em 1953/1954 passou a funcionar no clube, onde agora ta essa fotografia aqui, que é a única que eu conheço. De dentro eu não tenho nada, mas eu conheci. Era o mesmo modelo de rancho, mas agora de madeira, com janelas de vidro, alto do chão, com piso. De um lado tinha areia e do outro lado grama, o famoso campinho, onde tinha a cancha de vôlei, as moças se reunião de um lado. Nessa época, eu me recordo de uma coisa interessante, era hábito da prefeitura, quando chegava dezembro, o prefeito convidava pessoas, intelectuais, advogados, dentistas, médicos para ir fazer o exame dos alunos. Eu me recordo, tenho a impressão que foi no ano de 1954, mas não tenho certeza, meu pai foi convidado para vir. Meu pai era tabelião e viveu toda vida aqui, e eele foi convidado para aplicar o exame dos alunos da Escola 34 e para aprovar, a prefeitura conseguiu o automóvel e eu vim com ele. Eu fiquei brincando aqui no nosso rancho, era assil que funcionava. Até que essa escola, não posso te garantir o ano, mas foi no governo do Brizola, foi transferida. Fizeram uma escola, ali no João Gomes, uma escola de material,

muito boa. Fecharam a daqui, e transferiram os alunos pra lá, esse foi o período de duração da escola de forma contínua.

Em 1962, por influencia do PTB daqui, o Brizola mandou construir a travessia na areia, porque pra vir para cá, tinham que vir de carro, carroça ou carreta, atravessando o riacho, ou vir pelo Chuí e Barra. Naquela época, quando tinha vento sul não se passava. Então o sonho do Hermenegildo era esse. Em 1952, por ideia do Wilson Azambuja, criou-se a Sociedade dos Amigos da Praia do Hermenegildo (SAPH), e a primeira coisa que se fez foi arrecadar verbas para comprar um aramado pra fazer uma estrada, que nunca funcionou. Em 1962, começou a construção da travessia e em 1963 o Hermenegildo passou a ter uma estrada direta, que é essa entrada [de agora], porque antes se vinha pela encosta do riacho. E a população voltou a crescer. E começou uma pressão para o retorno da escola no Hermenegildo. Com a doação de um terreno se construção de um prédio próprio. Agora com o nome de Álvaro de Carvalho, em homenagem ao primeiro prefeito da cidade de Santa Vitória do Palmar nomeado no período republicano. E resolveram dar esse nome, eu particularmente achava que deveria ser uma homenagem ao professor Blotta, ou ao Luiz Sacomane, ou a professora Elinha que deu aula na Escola 34, mas eles que decidiram. Então voltou a funcionar a escola. Qual é a relação que eu tenho com a escola? Eu vim várias vezes fazer palestras e contar essas coisas que estou te contando. Essas são as minhas contribuições quanto a história da escola, tens mais alguma pergunta?

Entrevistadora: não! Deixei livre para o senhor discorrer as informações que recordas. Muito obrigada!